

Poema

Gil Cleber
Poesia

Epico



Poema Épico

Gil Cleber



Poema Épico



P o e s i a



Composição da capa feita pelo autor.

Ilustrações

- no centro: gravura de Gustav Doré para o Dom Quixote, de Cervantes;
- no canto inferior direito: desenhos de John Tenniel para Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll.
- ao fundo: fotografia tirada pelo autor.

*
**

Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais.

*
**

Contato com o autor: gilccarvalho959@gmail.com

Nota importante:

Sendo o autor radicalmente contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei no 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Fica, portanto, desautorizada qualquer alteração do texto neste sentido.

Aos meus pais.

Sobre o autor

Poeta do hermetismo,
Fechado ao entendimento dos espíritos medíocres,
Aberto para quem procura, sob o Sol,
A luz do conhecimento.
D. Quixote dos nossos tempos cibernéticos;
Cavaleiro de Bela Figura em busca
Do TUDO no curso da estrada
do NADA.

Farol cuja luz radiante
Projeta seus raios ao mesmo
Tempo em todas as direções
E, o que às vezes faz é
Cegar os viajantes em busca de refúgio
E segurança.

Arrazoadado, senso pleno e bom
Quando afirma no 1º canto:
“...a grande viagem é estar sempre despertos.”
Mas, tenho dúvida quanto ao seu entendimento
Sobre a compaixão. (Canto VII, Est. 67º)
Nietsche estava certo?
Ambos têm respaldo na Razão Pura?

(Evônio Dávila, 12/01/08)



Viver uma vida não é atravessar um campo.
(O Dr. Jivago — *Boris Pasternak*)

Canto I

- 1º -

Veleiros...

Veleiros...

Os argonautas
estão de partida

No tombadilho ainda se avistam os Argonautas,

Cada vulto um adeus,

Cada vela aberta ao vento

O sinal de uma espera,

O regresso quando?,

O solitário vôo das aves

naves solitárias,

O imóvel horizonte...

(ainda se pode perguntar o que seja partir

e o que significa ficar

e tampouco se compreendem essas velas infla-

das

os acenos dos que vão e os gestos dos que ficam

— quem na verdade está partindo e quem está ficando? —

Mas partir é uma
idéia difícil

pois talvez não partiu aquele que se foi mar afo-

ra

nem ficou o que permaneceu no cais

— menos ainda está desperto quem pela noite

foge

ou dorme aquele que fechou os olhos e se embrulhou nos cobertores —

que existir sói conformar-se a contradições em
que todas as certezas se convertem em dúvidas

e as dúvidas em certezas

e no fim pouco se compreende do mundo;

existir é uma pintura inacabada da qual dese-
nhou-se o centro, ficando incompletos os contornos,

e assim viajar, partir, são essas incompletudes

e permanecer no cais outras que não se podem
entender nem emendar)

Gil Cleber

Tudo que há é o horizonte,
Todos o enxergam do mesmo modo
De qualquer lado que o olhem...

O mar é uma grande ausência,
Tudo mais é como espiar por uma fresta
E as espumas se desfazem com a calmaria
E de encontro às quilhas.

Curva é a linha do recurvo horizonte...
Sua curvatura...
Mas que curva?
E em que tempo?
Ah, veleiros...
Veleiros...

veleiros

- 2º -

Qual o nosso itinerário?
Talvez devêssemos vender nossos corpos, nossas almas,
E com isso apurar algum dinheiro para a viagem,
Mas você replica, dizendo:
“— Quem irá comprar corpos tão cansados,
Almas tão vazias?”
E percebo que você tem razão,
Pois nos perdemos de nós mesmos em algum atalho,
Num trilho qualquer dentro da mata,
E agora temos o desejo do mundo
Mas não temos o mundo,
E o sonho
Mas não o sono,
E a sombra que fazemos no convés
Ao sol das duas horas
É tão só uma repetição do que somos,
Não nossa sombra.

Surge a idéia de
fazer um comércio
para obter dinhei-
ro e poder partir

- 3º -

Acenderemos uma fogueira na solidão
E contemplaremos a noite.
Pressentiremos olhos que nos espiam a distância,

De como é reco-
mendável perma-
necer em vigília

Da grandeza do
céu

Pois o fogo espanta as feras noturnas,
Aqueles que saem a caçar nessas horas mortas
E têm por acoito as sombras.
Mas elas não nos poderão incomodar,
Espiemos pois as estrelas:
Não sejamos românticos se não quisermos,
Não digamos que nos observam,
Ou que conversam conosco,
Vivemos num tempo em que sabemos o que são estrelas
E o romantismo tem caído de moda.
Mas espieiros assim mesmo as estrelas
Pois sempre é tempo da beleza,
E se o vento levantar uma nuvem de areia no deserto
Diremos “há mais estrelas no céu que grãos de areia no deserto”,
E não estaremos enganados, pois há menos grãos de areia no
deserto que estrelas no céu,
E talvez nosso coração desfaleça face a essas coisas grandes,
A espaços tão vastos,
E talvez nos sintamos um tanto débeis,
Inclinados a dizer “poderemos investigar as amplidões? descer
às profundezas e subir às alturas? nossa pouca estatu-
ra será suficiente à nossa desmedida ambição?”,
Mas depois de respirarmos um pouco,
De experimentarmos a aragem que nos refresca dos rigores do
dia,
Depois de fecharmos os olhos por um momento
E abri-los em seguida e ver que tudo permanece em seu lugar
— o deserto ao nosso redor, as estrelas no alto, até
mesmo alguma fera com medo do fogo à espreitar no
escuro a caravana que adormeceu —,
Depois então haveremos de nos sentir mais confiantes
E compreenderemos que, quanto mais vasto o espaço que se
nos oferece à investigação,
Maior e mais gloriosa será nossa viagem!
Acenderemos uma fogueira na solidão
E à nossa volta a caravana terá adormecido,
Mas nós havemos de estar despertos
Pois a grande viagem é estar sempre despertos.

Da importância
de estar sempre
desperto

- 40 -

E as estradas sob o sol são luminosas;

Mas os caminhos, obscuros.

Sob janelas

Os caminhanes não carregam mistérios,

Somente fardos,

E são apenas aqueles que passam,

Uns que vêm mas não ficam,

Outros que vão e talvez não voltem;

Sua bagagem: seu próprio corpo;

Sua matalotagem, os frívolos pensamentos.

Sob janelas

A estrada é tão só um trecho aberto de chão,

Com um pouco de lama e buracos, sim, por época das águas,

Mas só um trecho de chão

Por onde passam esses que não possuem segredos

Ainda que os possuam e os não revelem.

Mas além da vista das janelas

Ou do postigo que há na porta fechada,

No horizonte onde toda estrada dobra a curva do mundo

O que há são abismos.

Caminhos há que adentram nossas casas,

Atravessam o vestibulo, percorrem os quartos, trançam pela
sala e pela cozinha

Como coisas vivas a inquietar-nos:

É o chamado.

É a voz que não se escuta com os ouvidos

Mas com o ser que temos dentro do nosso ser.

As estradas são claras e nenhum risco há em seguir por elas,

Nenhuma incerteza:

levam aonde levam,

não além de aonde levam,

embora sempre se possa voltar antes do lugar

aonde levam,

e fora isto as especulações não dizem nada.

Mas o caminho que se esconde sob as estradas

Como o significado sob as palavras

Conduz muitas vezes a um destino de assombros.

No caminho que há sob as estradas

o Sol está sempre abaixo do horizonte

e a noite que faz não tem luar.

Do que acontece
sob as janelas

Do chamado

Dos caminhos
ocultos

A malha inconsútil

Não há caminho que passe sob uma janela
 Pois sob uma janela não há mistério algum,
 Os dias são comuns
 Como os canteiros que há ali, com suas flores miúdas e os insetos
 pequenos que habitam entre elas,
 E até as pessoas são as de todo dia,
 Ainda que as de hoje não sejam as mesmas de ontem,
 E estas nem as mesmas de uma semana atrás,
 ou de um ano atrás,
 ou de outro século...

Sob uma janela
 A que alguém se debruça para vigiar a rua, a casa defronte, o
 trânsito cotidiano,
 O que se vê é a rua e o trânsito cotidiano,
 Não mais, e já é muito,
 Pelo menos o suficiente.
 Mas atrás — sim, atrás — das janelas fechadas
 Passam caminhos desconhecidos,
 E sob a rua e o trânsito cotidiano
 um mundo sombrio se constrói,
 mundo de um ou de muitos caminhos,
 e até de nenhum caminho e nenhuma direção.

Poderá ser um mundo de perplexidade
 Ou um vasto pântano,
 Ou um labirinto,
 Ou tão somente um espaço vazio,
 Um lugar nenhum
 De onde retornaríamos perdidos se nos fosse dado entrar nele
 e retornar.

Ó moça tão bela que abre as vidraças e espia para fora,
 Nem suspeitas esses segredos,
 Teu gesto é apenas o de abrir as vidraças e espiar para fora,
 E talvez sorrir ao vendedor de frutas que passa com seu prego,
 ou acenar para a filha do quitandeiro, que é
 tua amiga e sempre te conta as novidades,
 ou quem sabe presentear com um furtivo
 beijo atirado a distância o jovem mercador que passa
 com olhos de namorado;
 Ou simplesmente recibes no rosto o sol e a brisa da manhã,

Ou da tarde se for à tarde,
Ou de qualquer hora, a qualquer hora que seja,
Mas nenhum bafejo *daquilo que subjaz*.
Ó moça tão bela,
Tão jovem para suspeitares,
Mas quando suspeitares já não serás tão jovem e tua beleza
talvez esteja transformada,
E quando um dia compreenderes
— compreenderes assim de forma indefinida
e com palavras que não saberias pronunciar, se as en-
contrasse —,
Nenhuma juventude te restará,
Talvez apenas uma saudosa lembrança de ataúdes
— e tua beleza será um pergaminho antigo
cujas letras já começam a desaparecer.

Da inocência da
juventude

Sim,
As estradas sob o sol,
Sempre as estradas sob o sol
Retas e luminosas e sem mistério algum.
Sob elas, porém, o veneno da escuridão trama uma armadilha
para os nossos pés.

- 5º -

Naquele tempo...
Mas, que tempo?
Que época foi essa que parece não ter havido nunca?
Foi no tempo do começo da viagem
Quando os veleiros abriam suas velas;
Foi nesse tempo de um céu sem nuvens,
De tardes de sol
E ventos de outono
Que sabiam a verões intensos.
O Mar...
— no entanto, que mar?
que grandes oceanos invisíveis?
que ondas encapeladas?
que suspeitas de naufrágios? —
O Mar possuía mistérios sinuosos,
Seus caminhos sem rastros,
Suas rotas sem curvas



De como se deu a
partida

Ou com curvaturas diversas,
Labirinto sem muros
Nem portas,
Encruzilhadas,
E os veleiros
Como grandes pássaros que abrem suas asas
Abriam suas velas feito asas de pássaros que abrem suas asas
E suas quilhas avançavam,
Abriam caminho na espuma
Afastando-se vagarosos do cais;
Vagarosos e com majestade
Avançavam para o mar aberto,
Mas essa era uma época
Em que o mar aberto ainda estava longe.

- 6º -

Das visões as-
sombrosas em
alto-mar

Persegue-me uma idéia antiga de naufrágios,
ventanias,
mastros partidos
e homens nos tombadilhos
acenando seu desespero
e o pavor da morte.

Tolhe-me uma imagem medieval de inferno,
de velhos demônios
com olhos vermelhos e sonhadores,
e condenados penando seus suplícios
e seu arrependimento.

Pesa-me na alma uma lembrança remota de batalhas,
guerras com suas espadas e seus cavalos apocalípticos,
seus cavaleiros mortos,
as cabeças decepadas na ponta das estacas
apodrecendo
nesses amanheceres cinzentos de geada e frio
nos campos encharcados.

Aparece
o mensageiro

Alguém bate à porta,
E quando abro
Uma criança maltrapilha
De olhos grandes e tristes



Gil Cleber

E ossos à mostra
Olha para mim.
Olha, e depois se afasta rua abaixo sem esperar-me,
Deixando-me prostrado
Feito guerreiro ancestral
À pedra dos antigos sacrifícios rituais,
Empunhando
No lugar da espada
O coração partido e seco dos que, por medo,
Não içaram suas âncoras.

Alguém bate à porta,
Mas quando abro
Não há ninguém,
E então eu me recordo de que muito tempo se passou desde
que ouvi baterem à porta até decidir abri-la,
E me dou conta de que aquele que veio
E bateu à minha porta
Está morto há muitos anos,
Sua roupa já se acabou pelos mendigos que a herdaram
E seus dentes de ouro foram roubados pelo coveiro
Numa meia-noite de aflição.
Aquele que veio e bateu à minha porta
Morreu de esperar
E eu não abri,
Por isso quando abri
Não havia ninguém.
Quando abri,
Eu também não estava mais ali,
A casa havia caído e um matagal cobria os escombros.
(Que música é essa?
Parece o balido de uma ovelha,
Mas talvez seja apenas a louca do lugar imitando uma ovelha
nos montes,
Essa mulher louca e amarela de tísica
Que vai pelos montes imitando uma ovelha
E agitando os braços na minha direção a dizer: “Vim para le-
var-te comigo”.)
Não é música nem balido de ovelha,
Mas uma ameaça de morte!)

Do transcurso
do tempo

É proferida uma
sentença

- 70 -

E agora as naus estão ao sol pleno.
Ficarão rastros no tempo?

Aquelas manhãs
Quando dos campos se erguia uma leve bruma,
O café coado em cima do fogão a lenha
E o cacarejar das galinhas no terreiro.
O campo, o eterno campo,
A natureza pujante — a infância.
Ou as tardes de *far-niente*
A caminho da fazenda ao lado da mãe —
Lá íamos visitar a avó
— Seu sorriso a nos esperar —,
Ora com um enxadãozinho a limpar o terreiro,
Ora recostada na cama do quarto,
Aquela cama onde lhe nasceram todos os filhos
E onde agora passava grande parte de seus dias,
Radinho de pilha ligado numa pregação ou num hino —
A fé pura e simples,
 verdadeira,
 — A grande e incontestável verdade das avós.

...Mas falar desses tempos é interromper o curso,
As naus estão ao sol pleno com suas velas abertas,
O vento sopra e as conduz a mar aberto.
Já não se vê a costa
E para saber o rumo é preciso consultar a bússola,
Olhar as estrelas quando anoitecer,
Preparar-se para a tormenta que se adivinha no horizonte pe-
sado de nuvens escuras.

É hora de temer?
Um grande medo então assalta os corações,
Olhos ansiosos espreitam,
Os ânimos vacilam...
Não,
Talvez tenha chegado a hora de ser valoroso e arrostar o perigo,
Discernir entre o medo e a fraqueza,
Pois o medo é de todos

Mas a fraqueza pertence somente aos fracos.

Por fim veio a noite
Mas o céu cobriu-se de estrelas:
A tormenta passou ao largo,
Não nos molestou e pudemos descansar,
E é isso o que vale.

Da bonança

- 8º -

Porém o sol das duas horas nos abriu seu escrínio
E nos revelou seu ouro, suas jóias e as caveiras que se perderam no tempo:

Dos papéis atirados para o cesto

— O Filipe preto cujo casebre não existe mais,
pois nem o Filipe existe mais,

Resta apenas o vulto dele à porta de uma casa
com alicerces de vidro

E paredes de sonho jamais construídas;

— O Américo dos versos obscenos

Que um dia longínquo vi atirar com uma pistola
no terreiro grande

E desde então restou-me a idéia visual de que
no cano da arma havia uma pequena lente

Como de um monóculo,

Mas que devia ser apenas o olho da morte espreitando-me a distância;

— O garoto preto que lia gibis e que numa tarde monótona de chuva chegou com um embornal cheio deles, e então foi como um sol que fizesse de repente;

— O antigo moinho com suas mós enormes, em que se fazia um fubá grosso e bom que no botequim velho vendia-se aos fregueses;

— O tio Odilon que dava seções de macumba no porão da casa grande,

Lá de cima escutávamos sua voz singular entoando cânticos que os fiéis acompanhavam com seu batuque e seu coro lastimoso;

Esse tio que muitos anos depois eu vi morto em seu caixão na sala estreita da casa,

Umás poucas velas alumando o trespasse

Mas a luz elétrica impiedosa ressaltando os

ângulos dos móveis, os rostos, as flores pobres, a agonia dos que haviam ficado;

— E mais...

— A escola no porão da fazenda;

— O jogos de bola nos domingos à tarde;

— A visita das tias e das primas;

— A alegria de uma multidão que desapareceu pouco a pouco como montinho de areia desfeito pelo vento...

Depois foi a dor de mãos desconhecidas apoderando-se do que era nosso, fechando-nos a porta da casa antiga, a nós, que ficamos do lado de fora para sempre; destruindo nossos sinais como multidão desembestada que avança e pisa papéis inúteis, trapos, a garganta dos que caíram de cansaço...

- 9º -

Então abrimos os olhos

E nos detemos, prestando atenção:

São passos no andar de cima,

Alguém — uma criança — corre no salão,

Sim, uma criança, porque somente uma criança anda desse jeito, com passinhos leves e miúdos, detendo-se de súbito em plena corrida e recomeçando a correr no instante seguinte...

Então eu digo:

“— Tem uma criança lá em cima”,

E você permanece pensativa ainda por alguns momentos antes de responder:

“— Como pode haver uma criança lá em cima se as portas estão trancadas e os cômodos escuros?”,

E depois de um instante,

Como se lhe viesse à lembrança:

“Como pode haver uma criança lá em cima,

Se as crianças morreram há tantos anos?”,

E eu, interdito, olhando para você com surpresa, com um gesto indeciso de mãos:

“— Mas eu ouvi...”,

E do fundo do tempo vem aquela voz que não se apaga

Silenciosa e viva:

Do retorno do
mensageiro



“A criança do teu pesadelo não está morta”, mas você não ouviu a voz porque somente a mim é destinada essa mensagem de maldição e ruína; então eu me rebelo:

“— Tem uma criança correndo lá em cima” e, sem mais, levanto-me para ver. Subo as escadas, avanço pelos corredores cheios de musgo e salsugem, abro a porta do salão...

Pelas janelas escancaradas entram as rajadas de inverno balançando perigosamente o lustre apagado; o tapete enrolado a um canto lembra uma sentinela morta embrulhada em sua mortalha; os móveis sucumbem devagar à umidade, suas madeiras apodrecidas perdem a cor, despregam-se, desmancham-se; e o assoalho está coberto de lama...

“— A lama do tempo” digo para mim mesmo,
E volto para ficar ao teu lado sentindo um frio antigo
E a impressão de uma escritura gravada na pele,
A história de uma tribo extinta
E de rituais de sangue à luz da lua minguante...

- 10º -

Agora as gaiotas já não sobrevoam a nau.
O cais transformou-se em névoa,
Espuma,
Uns restos de tábuas que ainda vogam por aqui,
Uns sinais de civilização já ao longe;
E do lado da proa
O horizonte é uma linha tênue entre céu e mar.
O sol está a pino,
Pouco passou do meio-dia
E a viagem mal começou;
Com o sol a pino os assombros noturnos parecem distantes,
mesmo que poucas horas nos separem do anoitecer;
Com o sol a pino a luz parece não ter fim.
A nau segue a todo pano,
As velas abertas enfunam-se,
O vento assovia nas gáveas
E os Argonautas gritam no convés,
Todos cantam sua canção de guerra e euforia,
“O tosão de ouro...” eles cantam,
“...do outro lado do mar...”

De como o Sol
afugenta os terro-
res noturnos

Da decepção ao
descobrir que o
herói não passava
de uma lenda

Mas Jasão não está com eles.

Jasão, então descobrem,

É apenas uma lenda mal contada na qual eles acreditaram, e a canção súbito silencia; na imobilidade estática da surpresa entreolham-se, sem que saibam exprimir a pergunta que se lhes engasga na garganta;

E eu me encolho a estibordo, num canto qualquer, porque naquele mesmo horizonte enquanto o sol permanece a pino umas nuvens sombrosas prenunciam tragédia.

Da coragem

Mas a viagem não pode interromper-se!

Isso não se questiona: marujos de verdade não recuam, mesmo que o medo confranja-lhes o coração,

Mesmo que o coração se lhes torne feito uma avelã

Prosseguirão,

Enfrentarão o horizonte à noite, pois já será noite quando a tempestade vier, e estarão distantes de terra, portanto sozinhos, pois quem poderá ouvir-lhes os gritos de horror?, e morrerão os que tiverem de morrer, por sepultura aquelas águas impolutas que no amanhecer simularão um vasto lençol cuja tranquilidade — dir-se-ia — nada pode alterar; e viverão aqueles que a sina assim escolher, e levarão como prêmio suas pisaduras e o pavor de suas almas que, o sol outra vez a pino, poderão enfim repousar dos assombros passados.

E será assim

Porque é desse jeito que os marujos entendem que deve ser, e não de outro jeito, e mesmo que outro jeito houvesse eles teriam seus corações e sua honra: como violar um e macular a outra?

Canto II

- IIº -

As carvoarias

Na mata os machados batiam,

Derrubavam árvores;

Os homens enfrentavam o barranco com seus enxadões

E cavavam fornos tão grandes que podiam entrar em grupos dentro deles,

Gil Cleber

E abriam as chaminés
Para depois atulhá-los de troncos
— a madeira condenada a carvão —;
Um belo dia
— porta erguida de adobe e barro —
fechavam a entrada do forno

E então uma fumacinha branca ia saindo, subindo...

Eu era menino e viajava sem perceber
Essa estranha viagem que não era só minha
Mas de todos,
Para a qual nenhum bilhete se compra
Conquanto se pague por ela
Um inestimável valor.

No barranco,
À imitação dos homens grandes,
Eu cavei meu forninho de carvão e o enchi de gravetos,
E também abri duas pequenas chaminés
E fechei a entrada.
Depois ateei fogo e deixei queimar...
...Vi uma fumacinha branca sair, igualzinho aos fornos grandes;
depois de uns dias fui abri-lo, e os gravetos haviam virado carvão.

Na minha viagem,
Os despojos que teimo em carregar
São esses carvões da infância,
E o que perdi
Perdi com a fumacinha branca que brotava das pequenas chaminés do meu forninho no barranco.

O mar parece encapelado
E a nau voga ao capricho das ondas.
A tempestade em rajadas encharca até os ossos
Os valorosos no convés,
Que ensaiam sua dança entre grandes bracejamentos e gritos.

Perturbado,
Estou entre eles e, em voz baixa, pronuncio:
*“Rosebud... Rosebud...”*¹

De como um
menino viaja sem
saber que viaja

¹ Palavra dita por Charles Foster Kane, ao morrer no início do filme **Cidadão Kane**, a qual consiste num enigma que um jornalista tenta inutilmente desvendar.

- 12º -

Um estranho
navio para uma
estranha viagem

Mas então naqueles tempos os espinhos cresceram no coração
dos homens

E das sentinas que havia nele exalou podridão.

Uma terra devastada era seu caminho

E suas casas erguiam-se sobre cemitérios.

Foi quando Deus disse a Noé:

“Constrói uma arca”,

E construída a arca mandou que Noé entrasse nela com os seus
e nela pusesse um casal de cada animal da Terra.

Noé sabia que ia ter início uma longa viagem.

Mas ainda naqueles dias

Passou junto à arca um séquito, à frente os noivos e atrás e ao
redor os convidados, e deram uma festa;

Noé não prestou atenção, atarefado que estava com os prepara-
tivos de sua viagem.

E junto à arca passaram também jovens aldeões tocando cítara,
cantando e dançando,

Mas Noé não ouviu a música porque não tinha tempo

E sabia que aqueles que por ali passavam alegremente não iri-
am viajar com ele.

Mas os dias iam e vinham

E próximo à arca passaram também bêbados e rufiões arras-
tando atrás de si as prostitutas da aldeia

E zombaram de Noé oferecendo-lhe mulheres para sua distra-
ção, mas Noé não podia distrair-se.

E assim quantos transitaram por ali:

Os pais com seus filhos e as mães com suas filhas,

Os mercadores com suas mercadorias,

Os pastores com suas ovelhas,

Os cambistas com seu dinheiro,

Os ladrões com seu roubo,

Os assassinos com o sangue alheio,

Os malditos com sua maldição...

Mas Noé prosseguia, indiferente,

No caminho das grandes águas.

Porque foi naqueles dias que o céu abriu suas comportas

E as grandes águas sobrevieram

E Noé



com os seus
e um casal de cada ser vivente da Terra
Foi levado sobre as ondas enquanto sob a torrente o mundo
percia entre clamores: o mundo não tinha uma rota
para seguir, sua viagem havia chegado ao fim, mas a
de Noé apenas tivera início.

- 13º -

De que adiantou minha mãe ter me levado
aquele dia distante
naquela casa na montanha?
Perto encontramos seu José
Que consertava um trecho do caminho e vestia um paletó escuro,
embora fizesse sol.

Viagem à casa da
montanha

Depois,
Na cozinha pobre,
Estávamos quando ele chegou e sentou-se à mesa,
E tomou café
Sorvendo-o muito quente em longos e sonoros goles,
Mas com uma delicadeza velada de grande senhor em sua simplicidade...
Daquele dia não ficou nada a não ser a matéria de que se fez
este instante de poema,
Então é como se ele não tivesse existido.
Mas se penso melhor,
Ainda que somente os grandes gestos e acontecimentos fiquem
na lembrança das gentes,
O mundo,
O mundo mesmo, inteiro, real,
É todo ele construído dessas miudezas que vão se perdendo
sem remédio no abismo das horas que não se contam,
Dos calendários sem história.
Por isso minha mãe me levou aquele dia naquela casa:
Sem o saber
O fez para que hoje eu pudesse lembrar-me
E escrever estes versos.

Muito tempo depois seu José esperava o fim da viagem
Andando vagaroso no terreiro de casa,
Os olhos postos na ondulação dos morros e lembrando a juventude,
quando esses morros eram seu campo de labor.



Um porto, em
algum lugar...

E quando enfim seu José encerrou seu tempo e lançou âncora
nalguma enseada longe de tudo

O mundo não se alterou:

Prosseguiu construindo-se de pequenas coisas sem fim

Na não-história de sua concretude,

No esquecimento de rua irremediável realidade.

- 14º -

Mas um tempo estranho sobrevém ao pôr-do-sol,

Quando a lua se faz vermelha no céu

E na Terra,

Entre os galhos do arvoredor,

Os pássaros pipilam tomados de pavor.

Da perda da
inocência e da
época de perversões

Nesse tempo

Crianças perversas farão uma grande festa à meia-noite

E acenderão fogueiras.

Dançarão em volta dessas fogueiras

E queimarão sacrifícios profanos.

Ao som de uma música feroz

Cantarão canções que falam de velhas sagas medievais:

Pelejas entre cavaleiros andantes

E filtros de amor para enfeitiçar as moças do palácio.

Pelos cantos

Os adultos assombrados vigiarão seus filhos nesse bailado macabro

E farão o sinal da cruz.

De manhã

Uma virgem terá sua virgindade oferecida em holocausto

E o sangue será recolhido numa taça

Como seiva,

Como bebida sagrada.

Esse será o tempo das perversões.

- 15º -

Da janela sobre o
cais

Então eu abro a janela sobre o cais

E o cais está vazio.

Embaixo um marinheiro dos antigos,

Âncora tatuada no braço musculoso

E um quepe cobrindo os cabelos grisalhos e sujos,

Conta velhas lendas dos sete mares
Mas eu não ouço:
Apenas vejo o cais vazio
E sei com isso que todos os navios partiram.
Então eu exclamo num assomo de lirismo
Estirando os braços para fora da janela:
“Os navios partiram,
Foram-se para o mar e o mar não tem fim
E a viagem não tem regresso”.
Embaixo o marinheiro olha
E as pessoas que escutavam suas histórias de arpões e sereias
Também olham espantadas,
Mas eu fecho a janela
E o cais — e tudo que nele há — deixa de existir.
O marinheiro também já não existe
E as velhas histórias que ele contava
Ninguém as ouve
Porque não há mais histórias
Nem há mais quem as ouça...

Eu nunca tive uma janela sobre o cais,
E os navios que não vi ancorados
São os meus navios,
Aqueles que partiram e naufragaram
E aqueles que partiram e não naufragaram
E também aqueles que não partiram nem partirão nunca
Mas mesmo assim não estão no cais...
Quando eu desço para as ruas
E ando entre os transeuntes
Alheio a todos eles e eles a mim,
Percebo que não tenho bússola nem rumo
E que tampouco os transeuntes têm rumo e bússola,
Pois o mar que singramos não possui portos nem ancoradouros
Mas tão só
Súbitos escolhos,
Recifes de encontro aos quais vamos arrebentar nossas naus.

Nessa viagem
A dor de não voltar é a mesma dor de não chegar nunca,
E a alegria de ter partido
Vem como um eco da agonia de ficar
perdido num porão escuro.

Dos sonhos não
sonhados

- 16º -

De quando é
tempo de alegrar-
se e dançar

Depois ergueremos nossas bandeiras
E à volta do fogo dançaremos ao som do pandeiro, da sanfona
e da viola,
Os mais velhos sentados em cadeiras e bancos adrede puxados
para perto:
Noites frias de junho
E batatas assando na brasa,
Pinhões, milho verde, bebidas quentes que ardem por dentro...
Crianças correm,
O alvoroço da infância tem o sabor do mel que escorre pelo
canto da boca
E os cães abanam o rabo na espera do sobejo.

Amores

Mas os moços trocam olhares com as moças
No seu desejo de inquietação.
É o coração que desperta
(Maior braseiro que o da lenha grossa que se vai consumindo
pelo fogo),
E restarão cinzas também,
Mas só um dia, não tão agora, não já...
As cinzas só se mostram quando o inverno não tem mais remé-
dio,
Quando a troca de olhares perdeu o sentido
E em seu lugar ficou apenas um cansaço
E a esperança vaga de morrer sem sofrimento.

Que terá sido feito de nossas bandeiras então,
E das fogueiras,
Dos cães que abanavam os rabos
E das crianças,
De toda aquela alegria?

Foi o vendaval que veio,
Geleiras que desmoronaram,
As cordas da viola que arrebentaram e ninguém se lembrou de
trocar, pois não há mais violeiro nem quem dance ou
namore ao som das modinhas.

- 17º -

Mas naquele lugar da montanha onde havia uma casa à qual,

Gil Cleber

Um dia de tarde, na infância,
Minha mãe me levou para uma visita
Outra casa foi erguida,
E um tempo houve em que se deu ali um casamento
Em que o chefe da família recebeu-me com alegria.
E um tempo houve também em que se deu um funeral,
Quando então o dono da casa já não poderia receber-me
Mas ao qual também não fui
Pois não tinha flores para levar,
Que as flores,
Desde aquela tarde da infância em que ali estive com minha
mãe,
Haviam murchado e perdido a cor,
Também as pétalas...

De uma nova
viagem à casa da
montanha

- 18º -

O longo dia.
A manhã infundável,
A tarde como um vasto deserto,
Os animais mortos,
As mulheres e os homens mortos,
As crianças mortas,
Uma árvore seca que lembra um ponto de interrogação...

De quando o dia
se faz longo

O longo dia.
Os veleiros não navegam no longo dia
Mas permanecem ao largo,
Permanecem em mar alto
Imóveis
Esperando na calmaria o vento inflar as velas.
Os argonautas cochilam no convés durante o longo dia,
O cordame range docemente ao balanço das águas,
O sol está a pino.

A infância é uma lápide de mármore rachada.
Havia uma inscrição nela noutros tempos, quando os ventos
eram brandos e cheiravam a jasmim.
Depois sobrevieram as tempestades,
O granizo fustigou nossos ossos e nossa carne já mortificada,
deixando-nos com as costas em sangue.
Na lápide as inscrições carcomeram-se,

Da lápide e das
histórias que nela
foram escritas mas
que começam a
apagar-se, e ainda
da distinção entre
o mundo dos
homens e o reino
das Fúrias

As janelas das casas foram arrancadas, despedaçadas suas
trancas e portas,
Os telhados
Acima dos quais elevava-se a fumaça branca dos fogões a lenha
enquanto se preparava o almoço
Parcialmente desabados
Deixavam cair a luz do dia sobre escombros e cadáveres.
Foi uma guerra
Ou tão somente a compreensão de que o medo não tem remé-
dio e o tempo é uma maldição que somos obrigados a
carregar em nosso embornal
Como um queijo podre cujo fedor nos persegue?

A história inscrita na lápide já se apaga,
Não de todo, que ainda se podem ler palavras, versos, parágra-
fos inteiros,
Mas súbito essa leitura se interrompe numa frase sem sentido,
E percebemos que o que somos possui as mesmas falhas,
As mesma inexatidões,
A incerteza das reticências...

A infância é uma lápide partida,
Essa é nossa vida.

Mas o sol está a pino no longo dia,
Na tarde interminável,
E os veleiros esperam para seguir viagem.
Sob as águas se escondem as lendas,
Nas profundezas os seres imaginários habitam seu limbo,
Mas acima das ondas,
E no alto, perto das nuvens,
Onde navios navegam e pássaros voam
E há tanta claridade de dia quanta escuridão de noite,
Lá é o mundo das certezas,
Das lutas de que só se sai mais vivo quando não se sucumbe,
E com mais lenhos no corpo
Tantos quantos na alma,
E uma sabedoria que não é a que se ensina na escola,
O mundo das certezas
Porém das incertezas,
Uma sabedoria que não é sábia senão de um certo modo ape-
nas,

Lá é o mundo dos homens.

Abaixo das águas
É o mundo desconhecido das Fúrias.
Oscilantes sobre esse lugar
E à mercê
Os veleiros seguem sua derrota,
Lá se vão, somem-se no horizonte...

- 19º -

Nos cadernos antigos escrevi legendas sem nenhum valor.
Aventuras e maravilhas
Que habitavam minha imaginação tão jovem,
Veleiros e velejadores e viagens cujo rumo eu ia riscando com
palavras que ninguém haveria de ler
Porque um dia queimei todas as sagas,
Todos os versos,
Destruí multidões...
...e compreendi, sem no entanto compreender completamente
mas apenas um pouco, pois a compreensão viria com
o tempo mas furtiva, devagar para que a dor fosse
menor;
Compreendi que a lápide estava partida para sempre.

De como se com-
preende a verdade
sobre a lápide que
contém histórias

- 20º -

Lápides
Veleiros
Tesouros apanhados às sereias
O percurso sem fim
O Vento-Norte desenhando nuvens
O choro da criança
A miséria de olhos fundos vigiando na escuridão
Cavalos galopando nos prados
Um rabisco na parede
Palavras à toa na boca da mais linda moça da cidade
Uma mentira contada à meia-noite
Um sonho envelhecido com uma pá de cal por cima
A escrituração mercantil dos desejos
Um sino que chama para o funeral
Ilumine-se a varanda para que não caia alguém na escada
Abelhas douradas de pólen douradas de sol douradas de agonia

É feito o inventá-
rio

Caveiras
Cavernas
Abismos
A vela com uma inscrição desfraldada ao vento
A camisa do marinheiro morto
A memória daqueles que o deixaram ir ao fundo
O espelho que conta uma aventura estranha de um rosto através do tempo
Os ponteiros do relógio parados na hora do nascimento e da morte
O vazio das orações quando já se deteriorou a fé
Um tigre de olhos de vidro miando na ventania só o couro sobre os ossos
O homem velho vem vai volta move a cabeça com descrença e despe suas ceroulas revelando ao mundo suas pernas magras os pêlos púbicos embranquecidos o sexo murcho e inútil
Um galo que canta ao anoitecer e se esquece da aurora esse galo não verá o novo dia
Os olhos que espiam com curiosidade pelas frinchas a nudez alheia a miséria alheia o alheio sofrimento
A intensidade das notas tiradas no violão
A missa de réquiem encomendada pelo diabo
As velas acesas na encruzilhada lançando sombras longas e tremulantes ao comprido da estrada de terra
O lamaçal onde alguém perdeu um sapato
O espírito de um guerreiro que dorme sobre a espada o adversário morto com uma lança atravessada no coração
A guerra findou a dor chegou ao fim para os que combateram e apenas um vento frio percorre o campo dos mortos
Mas alguém joga xadrez com a própria vida
Escrever com urina e merda uma praga ao longo dos muros dos cemitérios das paredes recém-pintadas de branco das casas nos quadros-negros das escolas
Ensinar às crianças que seus pais são assassinos violadores e ladrões
Contar os números são infinitos os números e ficar sentado ao pôr-do-sol contando os infinitos números nas folhas das árvores no pó da terra na maldição das horas
O suplício e o algoz são um só o supliciado sabe e a dor que sente é tão real quanto as histórias que lhe contavam na infância



A infância é um lençol branco sobre o qual os excrementos dos
pássaros deixam pequenas manchas esverdeadas

Uma canção de ninar

Um berço partido

O caixãozinho na loja do agente funerário à espera do próximo anjo

Murmúrios de árvores e passos no salão

Os olhos se perderam na investigação inútil da casa vazia do
sobrado derruído dos porões sombrios

Um guarda-chuva aberto na ventania uma flor escura e feia
que lembra mãos antigas tentando reter o tempo

Sonho peixes dourados

A história dos meninos gêmeos que a loba amamentou

Aquele livro com uma narrativa hermética incompreensível
com um pouco de cocô de mosca na capa

As paredes descascadas onde se descobria o mapa de uma terra
de ninguém de nenhum tesouro de rumo não haver

Mas a infância é também um país abandonado para onde não
se regressa

Sim cavalos galopando nos prados e abelhas douradas de música

E o leite que secou no peito das mães convertidas em rocha

Os pintinhos que a galinha cuida sob suas asas

Quero ver teu nome escrito no azulejo

Quero ver teus olhos no fundo do rio

A curva do caminho é tão reta quanto os devaneios que brotam
dos meus cabelos

Pra que servem tantos livros

Tudo não passa de um punhado de sonhos mal distribuídos

Cinza é uma coisa que eu tenho embaixo das pálpebras

E quem toca viola e canta no alto do morro não sabe tocar viola
nem cantar no alto do morro

A roupa esgarçada no arame

Beber o vinho e vomitar

Cair no caminho

Tropeçar nas pedras é uma coisa que não se espera as pedras
têm sangue como nós só que não podemos ver

Onde está meu filho

É preciso vigiar a porta para que os salteadores não entrem e
roubem as imagens sagradas

Ah o transtorno de sentir dor num membro que não temos mas
que não perdemos por exemplo sentir dor num braço

que fica entre o esquerdo e o direito ou numa perna
 que fica à esquerda da perna esquerda ou num dente
 que não chegará a nascer
 O bailado dos dedos no teclado de um piano é belo talvez lem-
 bre uma tela de Degas
 O vômito dos bêbados que se cagam nas roupas e dormem as-
 sim ao relento até o dia seguinte sol alto
 Os versos ácidos do poeta um poema feito um testamento uma
 bíblia diferente um escarro que se atira feito um suicí-
 dio
 A superfície das águas é um espelho reflete o céu e esconde
 mortos
 “O lamento de Ingrid” ah essa música que deve ser ouvida
 numa praia deserta à noite
 Corajosos são os pássaros que migram
 As viúvas não vestem negro e possuem asas de papel celofane
 A mãe que devia cantar uma canção está sentada à porta
 O espanto de ver que Deus nos fala de diversas formas até a-
 través do silêncio
 A impressão de que um poema é apenas uma lengalenga sem
 sentido
 O mistério das palavras
 Alguém deixou pegadas aqui mas isso foi há muito tempo a
 lama secou e a marca dos pés não se desfez
 O sexo impúbere tem cheiro de sândalo
 Lendas que alguém conta à luz das fogueiras
 Os piratas a pilhagem feita ao cofre do tesouro John Long Sil-
 ver sumindo-se com o ouro John Long Silver é aquele
 que eu seria se houvesse um tesouro em meu peito
 Naufrágio é uma pilhéria de que ninguém se ri
 O palhaço morto é o mais engraçado no entanto todas as cri-
 anças choram
 A mulher do marinheiro morto tece uma mortalha e veste os
 filhos com ela
 A fruta possui sabor amargo e uma fibra que fica nos dentes
 Ah os aviões ah o que eles escreveram com bombas e metralha
 no palimpsesto das cidades e dos corpos seu doloroso
 poema
 Diamantes são um peso na alma e a folhagem das plantas ao
 anoitecer é verde-escuro sombrio como as órbitas va-
 zias de um cego
 Uma janela batendo com a ventania no sobrado em algum lu-

gar uma janela bate
Deitar sobre as folhas secas e sentir a fresca umidade do chão
Um espelho quebrado no quarto onde dormiu o suicida
Os cacos retêm a imagem da morte que é uma mulher muito
branca com dentes e cabelos muito brancos e olhos
como cal
As mentiras esquecidas ao pé dos oratórios
As preces caladas sob a cera derretida das velas
O coração sangrento é um ex-voto ao santo de gesso inoperante
e inútil o azul de seu manto no nicho os piolhos nos
cabelos aquilo foi num tempo sem tempo
Espadas espadas
Luar estranho feito um agouro
Isso numa época em que ainda se podia sonhar
Escrever cartas era um costume que tínhamos outrora
O papel branco e a caneta em seu longo passeio
Cães latindo nas nuvens contra uma caravana invisível
Um ludíbrio que não há cães nem nuvens mas a caravana é dos
mortos abandonados em algum quarto sem janelas
Duvido que nos concedam a mercê dum sorriso
Vamos todos choremos que é chegado o tempo das lágrimas
podem-se colher as lágrimas ao longo dos pendões
das folhas lustrosas nas manhãs de geada
Lágrimas são sorrisos que não se sorriram e se perderam
Vão de gaivotas sobre os penhascos
Pássaro adormecido a cabeça sob a asa enquanto a brisa balança
o galho onde ele pausa
O canto dos pássaros seriam flores se houvesse pétalas invisíveis
Uma roupa que jogaram fora significa uma ausência assim como
aquele par de luvas no baú de guardados do falecido
Mas no espelho d'água meu rosto é um ponto de interrogação
O cheiro de cravo e mel do sorriso dela
Um desenho feito na superfície do lago
O devaneio das sombras
O fósforo que a ventania apagou
Esse cheiro de remédio
Mas o gosto de veneno
Os vaga-lumes nas noites escuras
Os moinhos de Don Quixote na planície de eu não ser um cavaleiro andante

De como a caravana surge na história e principiava também sua longa viagem

De como Alice se
perde do coelho
branco

Bem-te-vis cantando em revoada
 “O coro das fiandeiras ao girar da roca”
 Ah estranhas mariposas que estendem suas asas sobre meus
 caminhos como que para me darem sombra
 Oh som monocórdio com que se findam os dias nesses entarde-
 ceres desesperadamente lentos
 Oh som que não tem rimas pois quando entardece e se faz noi-
 te não há rimas
 Enquanto houver vacas haverá leite e o leite será sempre bran-
 co mas as minhas mãos estão sujas — como hei de la-
 vá-las?
 O teu desejo é uma página em branco teu sonho uma lenda que
 ninguém contou tua esperança um livro fechado e tua
 dor uma harpa com as cordas rompidas
 O espelho de Alice partiu-se quebrou-se em uma infinidade de
 cacos e ela não pôde voltar o coelho branco que a ha-
 via levado ao país das maravilhas é hoje apenas um
 montinho de ossos em algum recanto do sono
 As pétalas da rosa se tornaram cinzentas e pássaros queimaram
 suas asas na chama
 A noite é uma roupa escura que o mendigo deixou para trás
 quando foi visitado pelo anjo da morte
 Então adormecemos todos sobre as pedras e quando acorda-
 mos tínhamos os olhos colados a boca costurada as
 mãos atadas às costas e os pés manietados a uma bola
 de ferro
 O que aconteceu conosco?
 Flores
 Rochedos
 A maldição das esquinas
 A solidão das ruas nas tarde de chuva
 O terno do homem que partiu sem levar bagagem
 E quando se pensou que toda a verdade viria à tona o que se
 viu foi apenas um punhado de pó e grãos ressequidos
 no fundo da caixa
 Os antigos diziam “é a herança de nosso pai” mas mesmo eles
 alimentavam dúvidas e se perdiam em conjecturas en-
 quanto coçavam suas chagas crônicas com cacos de
 telha e se vestiam de saco e iam deitar na cinza para
 expiar seus pecados
 Quietude da tarde morna
 Um homem passou assoviando uma canção antiga



Gil Cleber

Talvez não fosse um homem mas uma alma que anda por aí
penando ao sol das duas horas
Que tarde tão azul que brisa verga os talos do capim e farfalha
a folhagem das árvores
Um dia assim parece infinito
Tão longe esses latidos e esses mugidos que varam a tarde
morna dormente
Um carro de bois cruza a estrada chiando rangendo isso foi
num tempo indefinido
O fio da lâmina corta como vento de inverno como o tempo
vasto que passa e a caravana se vai
E só o deserto fica.

Do que resta
quando o tempo
passou e a cara-
vana se foi

Canto III

- 21º -

Ah, se um dia nos conseguíssemos libertar dessas teias, desses
liames,
Se nossos veleiros alçassem vôo como enormes gaivotas,
Se o mar se convertesse num súbito céu
Transparente e azul
Que cruzássemos como flecha...

Da necessidade
de libertar-se...

- 22º -

Os ladrões desceram a rua carregando em sacos o produto de
seu roubo.
Valiam-se da pouca luz
E da hora avançada
Em que ninguém sai de casa.
Desciam furtivos, caminhando pela sombra,
E se avistavam um ocasional e tardio transeunte
Encolhiam-se nos cantos ou desapareciam em algum beco.
Eram bem espertos os ladrões
E se evadiram na direção de suas tocas para repartir o botim,
Mas não sabiam que no seu encalço
Seguia o Tempo
Com sua justiça que não conhece o perdão.

...e de como o
Tempo faz sua
justiça



- 23º -

Da herança que
haveremos de
deixar

E então colhemos as flores e os frutos que outros plantaram
E o nosso temor é que deixemos apenas ervas daninhas
Para colherem por nós no futuro.
Mas também sucumbimos ao veneno que nos foi derramado na
comida,
E fomos alvejados pelas balas que contra nós endereçaram
nossos inimigos.
Talvez por essa razão respondamos com balas e veneno,
E com ervas daninhas.

- 24º -

Do inventário da
embriaguez e da
loucura

Mas se Jasão é uma lenda mal contada
Quem vai em busca do velocino de ouro?
Os marujos estão confusos,
Argos balouça na enseada...
E agora?

Sob a luz de um poste
Um bêbado — talvez um doido evadido do hospício municipal,
ou, sabe-se lá, o mais lúcido dos homens —
Com gestos imprecisos
E num inventário insano, vai tirando dos bolsos do casaco os
seus tesouros:
Cédulas sujas de um dinheiro mínimo e miserável,
Fósforos molhados pela chuva,
Um lenço amarrotado e imundo do vômito cotidiano,
Um pedaço de barbante,
Uma pequena medalha de São Jorge — não de ouro, mas de
alumínio dourado como essas que se compram a um
real na feira;
A carta que alguém lhe escreveu há tempos, e na qual lhe pedi-
am que voltasse para casa,
Um documento onde a cara que aparece não é a dele, ainda
que somente a dele e nenhuma outra possa estar ali;
Uma bala que começa a derreter-se,
A asa de um inseto morto,
Uma carteira preta de material barato, bastante suja e rasgada,
dentro da qual teria guardado miudezas em outra é-
poca, mas que hoje está vazia,
Cigarros que se esfarelam entre seus dedos,



Gil Cleber

Um toco de lápis,
Uma tampa de caneta Bic,
Uma moeda sem nenhum valor,
Uma bonequinha encontrada na praça, naquela manhã, a que
falta uma das pernas, e que ele guardou pensando em
uma criança que talvez o espere também em algum
lugar do mundo,
Um retrato daquela criança, ou de outra,
Um recorte de jornal,
Seu mundo em frangalhos,
Seu velocino dourado...

“Cada um de nós busca seu próprio velocino”
Exclama um dos argonautas, subindo o mastro principal,
E os demais o escutam entre incrédulos e infelizes.

- 25º -

Na manhã nevoenta, esguio, anguloso o vulto do cavalo e seu
cavaleiro.

Talvez nenhuma janela se abrisse a essa hora

E a terrina de sopa que sobrara da véspera estivesse fria sobre
a mesa,

A hora de levantar-se vagamente anunciada por um galo no
quintal mais próximo, e por outros, longe em longe,

Pois era ainda muito cedo e assim o cavalo e seu cavaleiro pas-
saram anônimos.

Sim: estrada vazia, e as vilas mal despertavam, ou nem desper-
tavam — despertariam em algum tempo?

Dado que as vidraças mais tarde rebrilhariam, refletindo o dia
que começa, ouvir-se-ia na estrada um chiado de ro-
das, vagaroso, prolongado, a junta de bois passando,
as rodas chiando, mas as pegadas do cavalo com seu
cavaleiro não seriam percebidas.

O cavaleiro leva consigo suas armas:

A lança como um dedo longo riscando o céu,

O escudo,

Uma couraça como a dos velhos guerreiros medievais;

E também sua esperança de aventura

Enquanto o amanhecer perdura como um grande lençol que se

De como sai pela
primeira vez o
cavaleiro andante
pelas estradas da
Mancha

abre, e se desdobra alvo, impoluto.

Quem poderá desmentir meu sonho?

Quem tolherá meus passos,

Quebrará minha lança

E dirá: “Não são gigantes, mas apenas odres de vinho?”

Quem será o temerário Cavaleiro dos Espelhos a ponto de desafiar minha espada e ordenar: “Pára! Tua viagem terminou. Este foi teu último combate e foste vencido, portanto atende a minha ordem e volta!”

Porque ao largo cruza meu caminho um cavaleiro pronto para a batalha,

Sua couraça rebrilha como mil sóis

E no fio de sua espada cala-se a história de uma centena de pelejas que venceu.

Poderei combatê-lo?

Terei forças, esquelético assim como estou, com minha triste figura que causa mais riso que piedade, com esse cansaço que começa a dominar meu corpo, e esse cavalo tão esquálido que deseja tão somente encontrar uma boa moita de capim com que fartar-se?

Ora, mas como fraquejará aquele que não conhece o medo?

Ainda que sucumba, como fugirá à luta aquele cujo viver somente tem sentido quando em combate, e que foge aos salões onde se toca música, e às alcovas onde se encontra à espera a carne macia de uma mulher, para velar suas armas em sagrado ritual à beira do penhasco batido pela ventania, ereto — sim, como um bambu ressequido, mas ereto — e indiferente à dor, ao sono, ao cansaço?

De como foi aceito o desafio

Sim, enfim ajeito o elmo e baixo a viseira,

Empunho a lança que improvisei dum galho e cuja ponta temperei ao fogo até torná-la quase tão dura quanto o aço, embora saiba que não poderá romper aquele escudo, penetrar aquela armadura — e assim o desafio foi aceito.

O Cavaleiro dos Espelhos me espera com suas armas e suas luzes, e o silêncio terrível de seu rosto oculto e desconhecido.

Meto as esporas no rocim, que mal consegue um trote largo,

E em minha direção, com sua fúria e suas legendas, o outro verdadeiramente se atira.

Que encontro foi esse?

Que peleja tão rápida e fatal?

Como tombei tão fragorosamente que nem senti minha lança despedaçar-se, nem minha armadura romper-se, nem o elmo desprender-se-me da cabeça, atirado para longe, enquanto ali mais adiante meu magro pangaré tenta levantar-se, espavorido e sem nada entender do que se passou?

Mas não me acovardo, e mesmo vencido não concederei ao vencedor a glória de uma súplica: de que me vale a vida para que macule tão irremediavelmente minha honra de cavaleiro andante?

E eis que ele se aproxima com majestade, sem pressa nem vagar, no tempo certo, e pára à minha frente sem estender-me a mão e sem ultrajar-me, e assim está, por algum tempo permanece em silêncio olhando para mim, e eu para ele, tentando adivinhar detrás da viseira abaixada o brilho de seus olhos indiferentes.

E o Cavaleiro dos Espelhos por fim faz um gesto,

Retira o elmo e revela-me o rosto: então eu percebo meu engano, que detrás da viseira baixada não havia brilho no olhar, pois não havia olhos ali, e o seu rosto é tão somente uma caveira, visível na testa uma letra, uma única letra escarlate,

um M
de Morte.

De como o Cavaleiro dos Espelhos se revela e quem era ele

- 26° -

Um labirinto a espuma das ondas

E o mar aberto — o próprio mar — o Minotauro que devora quem nesse labirinto se aventure,

Seu surdo rumor um presságio de velas rasgadas e cascos despedaçados.

Um pranto de donzela envelhecida

Esse vendaval que prenuncia perigo para os navegantes,

Mas o veleiro que não parte naufragou antes mesmo de fazer-se ao mar,

Não será Teseu se permanecer ancorado no cais,

Pois se, arriscando-se, vai ao fundo,

Cumpriu seu ditame,

Mas se não vai ao fundo, regressa

De como deve cumprir seu destino o navegador

E traz no mastro mais alto a flâmula da vitória,
O fio de Ariana.

Assim, desfraldarei meus estandartes e velas e avançarei pelo
labirinto,
Ou pelo mar ou pela enredada malha da metrópole ou pelo
emaranhamento dos caminhos do mundo
Sem medo de defrontar-me com a fera
Que no entanto se chama Tempo
E me ronda os calcanhares.

Mas não irei nu
— abro meu guarda-roupa e apanho meu uniforme de guerra:
Um chapéu desabado,
Um velho paletó branco
E essa camisa de seda para as grandes ocasiões.
Sapatos de couro imitação crocodilo,
E as calças?
Bem, serve esse *jeans* que ainda não está puído, e a hora de
partir é agora, ao cair da tarde, quando os bares no-
turnos começam a abrir e as prostitutas aparecem pe-
los cantos com sua pintura indiscreta, seu vocabulário
de escândalo e seu cheiro de mulher pobre,
O momento é este, quando os boêmios se preparam para sua
seresta, afinando em casa o violão e tomando um tra-
go antes de pôr o pé na rua, decerto brigando com a
mulher que reclama dessas noites de esbórnia e, mes-
mo, nas mais renitentes, aplicando algumas bordoas
para não fugir ao costume, lá vão, lá vêm, e as
horas avançam e os bêbados já reclamam por um
pouco de música...

A noite se abre para mim como uma fêmea no cio,
Oferece-me suas luzes enganosas
E me oculta suas armadilhas.
Terei medo?
Serei o navio ancorado para sempre no cais?
Apago a luz da sala,
Deixo a casa às escuras
E saio.
Arrisco-me, enfim:

empunhando minha espada acendo um

Do rumo que se
toma em busca da
aventura

fósforo, e o cheiro forte de fumo barato enche a noite.

- 27º -

Cavar a terra para que a semente tenha seu lugar
E com a água fresca do ribeirão regar a messe ao pôr-do-sol.
Sobrevém a espera de que germine e floresçam espigas douradas

Da seara

Enquanto a primavera avança
— Mas o que nos resta ao fim da lida
É uma seara de ossos.

“Por que de tão longe viemos
Para colher apenas nossa maldição?
Canaã nos foi dada
Mas dela não mana leite e mel,
Senão sangue e agonia” —
Assim cantariam aqueles que chegaram à terra prometida —
“Pois viemos deserto afora sepultando os que não resistiam
Para que aqui descansássemos
E gozássemos de vida duradoura,
Mas o que nos foi dado a não ser uma terra na qual continuássemos enterrando mortos
E fôssemos nós mesmos enterrados pelo inimigo?”

Da terra que
mana leite e mel

O povo escolhido vagou quarenta anos nas areias escaldantes.
Alimentavam-se de maná e esperanças,
Traziam ao mundo aqueles que, após si, continuariam a caminhar rumo ao horizonte tingido de vermelho,
E vendo isto imaginavam que seria a cor do crepúsculo.
No cair da noite,
A planície salpicada pela luz trêmula das fogueiras,
À roda delas os mais velhos se assentavam para contar aos
mais novos antigas lendas, velhas sagas em que a verdade misturava-se à imaginação para compor histórias tão lindas.

Do engano do
crepúsculo

As crianças ouviam de olhos muito abertos,
Os pequeninos adormeciam no colo de suas mães,
Mas os adultos baixavam a cabeça com reverência
E oravam ao Deus Todo Poderoso que naquele caminho guiava
seus passos.



De como não
cantamos o cânti-
co do Senhor

“O que foi que fizemos
Para merecermos o esquecimento da promessa?
Por que tanto sangue derramado?
Por que o Senhor se fez surdo ao nosso clamor
Alongando-se de nós,
Deixando-nos sucumbir à nossa própria sorte?
Não, não cantamos o cântico do Senhor em terra estranha,
E na nossa própria terra nenhum cântico nos sobe ao lábio,
Senão o choro,
Tão só o lamento!”

- 28º -

Ah, o sonho de que as naus (mar longínquo) tenham grandes asas
E o desespero de no céu crepuscular não ver janelas!
Oh, criança pálida dormindo no poente, donzelas
Todas, sombras da noite pousada no telhado das casas.

Com que tormento me debruço sobre teus ossos e muros,
Como me perco de mim nesse oceano feito um espelho;
Expição é toda voz que se cala no quarto escuro
E um deus sombrio escancara para mim seu olho vermelho.

De como abutre e
a pomba se asse-
melham

Se os argonautas morreram antes de chegarem em terra,
Se o velocino de ouro está perdido além das montanhas,
Se os naufrágios são um repositório de lendas estranhas,
Se o abutre e a pomba disputam a mesma carniça na guerra...

Quem sabe o cavaleiro andante desista da cavalgada
E regresse ao lar, onde possa dormir feito um rei deposto.
Um coro de meninos tristes cantando na madrugada
Essa matilha que uiva para a lua negra de agosto.

Mas a matilha dorme, torres desabam e eu fecho os olhos.
Uma caravana passa à procura do Santo Graal.
No caminho uma mulher canta lembrando a terra natal
E um barco vazio arrebenta o casco de encontro aos escolhos.

Um certo dia as caravanas perderam-se no deserto,
Assim também das boas lembranças só nos restam algumas.
Tanto mais a viagem se alonga, menos estamos perto,
Pois a terra da promessa desapareceu entre brumas.

No escuro se escuta o barulho dos remos, e um batel
Emerge da noite lentamente: se aproxima o barqueiro.
Um bater de asas sombrias navegar entre o inferno e o céu,
E a alma que se barganha nas feiras por qualquer dinheiro.

Uma lenda antiga faz surgir da solidão um castelo
Do qual a linda e branca princesa perdeu-se na floresta.
O caminho de volta nunca mais deparou, e perdê-lo
Sempre mais é o próprio desolado castelo que lhe resta.

Um anjo mostra o olho medonho, e atrás de si num tropel
Quatro cavalos galopam cumprindo antiga profecia.
Pois, quando abre suas asas o exterminador Azrael,
Na casa da Morte toca-se uma trombeta ao meio-dia.

Quanto pavor descobrimos na sangrenta face da lua
A iluminar na noite clara a miserável raça humana.
O barqueiro canta, e sua canção no ar gelado flutua
Dizendo-nos que existir sói ser uma brincadeira insana.

Deuses esquecidos converteram-se em sombras no Walhalla.²
Argos, tão só a lembrança duma viagem perdida.
Mapas antigos são só uma idéia vaga de partida
Pois sobre os veleiros naufragados o vasto mar se cala.

- 29º -

Quando abrir o velho cofre que pertenceu à avó
Quero encontrar ali tesouros
Submersos no oceano dos dias.
A avó não guardava nele ouro nem jóias,
Talvez apenas um pouco de poeira
E um tanto de sabedoria,
A sabedoria dos antigos, aquela que não está nos tratados de
ciência, nem nos sistemas filosóficos, nem nas cantigas dos jograis e no canto das sereias, nem nas juras de amor dos cavaleiros andantes, nem nos contos de fadas ou de assombrações, nem na carta deixada pelo suicida, nem nos mapas do tesouro, nem nos livros de bruxaria e nas fórmulas dos alquimistas, nem nas len-

De como a princesa se perde e do que lhe resta, e o aparecimento dos quatro cavaleiros do Apocalipse

Do cofre da avó e do que havia nele

² A morada dos deuses, na mitologia germânica. Pronuncia-se o “h” aspirado.

das nórdicas com seus Nibelungos e suas Valquírias guerreiras, nem nas histórias das Mil e Uma Noites e nos hieróglifos dos faraós, nem nas profecias dos oráculos e nos versículos da Bíblia;

É a sabedoria que somente as avós muito velhas possuem, pois somente elas adquiriram o direito de penetrar esses mistérios e isto por se terem tornado avós:

Estará lá, no cofre vazio, e mesmo que eu não saiba decifrar sua lição, ainda assim aprenderei, pois a sabedoria das avós é algo que não se alcança com os sentidos ordinários, com o entendimento cotidiano das coisas, com a articulação das palavras corriqueiras e o som que elas produzem:

A sabedoria das avós penetra nosso entendimento através de nosso não saber que estamos aprendendo, de ignorarmos que estamos ouvindo a música das esferas, de estarmos presentes em sua ausência ou ausentes em sua presença, pois que é feita de contradições.

Mas a sabedoria das avós é também o truque do ilusionista no picadeiro de um circo: o coelho que sai da cartola, a carta que desaparece do baralho e reaparece no bolso de um espectador na arquibancada, a bengala que se transforma num lenço colorido...

A sabedoria das avós é a corda bamba onde a equilibrista caminha para lugar nenhum, pois as avós são de outro tempo e não acreditamos mais nelas.

Ainda assim, ao fechar o cofre serei um pouco mais rico

Mesmo que não tenha encontrado nele

Objeto algum de valor.

- 30° -

E no entanto o que tínhamos era subir a encosta para olhar:

A planície virente com seus jardins e regatos,

Seus bosques e árvores frutíferas

Onde música era o canto do passaredo, o farfalhar das folhas,
o rumor do vento e das águas correndo entre pedras;

E no longe das montanhas azuis embuçadas na bruma

Perder-se a vista como numa embriaguez

Não do corpo

Mas de existir.

O que tínhamos era a encosta e subi-la

De como podíamos apenas contemplar a Terra Prometida



Gil Cleber

E ver o mundo.
Tudo mais seria desencanto e dor,
Viagem sem direção,
Luta sem glória,
Morte obscura
E esquecimento.

Canto IV

- 31º -

Aqueles dias ensolarados de calor e vida ensolarados e quentes
mesmo com chuva e frio tempo imponderável de espe-
ranças destinadas a ruir

Um cavaleiro que vai noite adentro em seu cavalo um menino
na garupa e a ansiosa espera de chegar a névoa na
curva do caminho semelhando uma luz estranha e i-
nesperada

Um par de luvas esquecido pela velha que tecia mortalhas e
fazia flores de papel para os defuntos pobres a velha
já não tinha dentes e seus cabelos estavam brancos
atados atrás da cabeça num coque essa velha existe
ainda num retrato e tem uma expressão tranqüila a
serenidade dos grandes sábios ou daqueles que não
sabem nada a velha é certo que não tinha luvas mas
somente uma bengala e eu não já não sei o que foi que
ela esqueceu nem mesmo se esqueceu alguma coisa
além de continuar viva

A escrivanhinha carunchada

Os quadros perdidos com caras de velhos antepassados estam-
padas no papel

Os chinelos empoeirados da avó e seus óculos escuros

O carinho da mãe mas o amor da irmã que não tive e o carinho
do pai as flores de suas existências

A boneca a boneca a boneca

A casa velha de paredes cor-de-rosa assoalho de madeira por-
tais e janelas azuis cupins devorando os caibros e as
noites sem luz nem lua com um ventinho assoviando
lá fora

A terra perdida transformada a paisagem que já não existe a

Que trata de uma
espécie de testa-
mento

lembrança morna e triste de coisas que ficaram escritas num pergaminho que é a minha própria pele
Vigiar a boiada que passa “êh boi” o aboio no entardecer quase noitinha

A varanda e os três grandes degraus de pedra

O caramanchão que ruiu

O caminho antigo era um trilho só um trilho entre montanhas

Uma árvore grande no alto do morro

A brincadeira de roda das meninas e aquela garota muito branca e loira e tão risonha que eternizava um gesto sentada nos degraus de pedra ao dar de ombros e sorrir

O menino que brincava de bola e namorava na mais longínqua infância ah as flores de maio que maio não viu e o alvorecer que o galo não cantou e o leite morno que o bezerrinho não bebeu

Mas a mulher louca bate à porta de madrugada

Antigamente ele vinha com seus delírios e uma geadinha na cabeça o vendaval dos dias avançados

Dançar ao som de uma moda de viola ah aqueles bailes aqueles tempos o toca-disco rodando na barraca de bambu quem sabe uma sanfona dedilhada com habilidade e o preto no pandeiro fazendo graça dançar ah os bailes ah o desejo deles as meninas bonitas inalcançáveis

As mulheres que vinham e o assóvio detrás das moitas e depois o pai correndo estrada afora e eu a segui-lo

Mas o cãozinho branco de malhas pretas foi atropelado e teve de ser sacrificado dele restou apenas um nome e uma imagem na lembrança meu cãozinho agora uiva para a lua mas ninguém escuta

Um patinho novo uma bolinha de pelos amarelos que se tornou herói de um gibi que eu mesmo desenhei

O velho cavalo preto cinzento de tão velho não tinha asas não se chamava Pégaso e a egüinha branca um só cavalgar não pertencia a nenhuma valquíria

Naquela época os dias eram longos e as manhãs doces como o mel dos favos

Ah a comida no prato o fumar do café o arroz branco o tutu de feijão a couve picadinha

O rádio da avó nos domingos de manhã e o adágio em sol menor tocando

A fazenda a antiga fazenda a nossa fazenda perdida

Os lábios que eu quis beijar e foram tantos
A casa cheia de gente e eu lendo um livro velho no salão “O
 Conde de Monte Cristo” de Alexandre Dumas Pai ah
 as aventuras na Ilha de If a busca ao tesouro a terrível
 vingança

O menino que dorme no canto

Eu abro a janela no meio da noite e subo ah a mijada gostosa
 no terreiro embaixo o alívio da bexiga que esvazia

O mistério das espigas de milho onde os ratos faziam ninhos

As águas da cachoeira eram mornas naquelas manhãs

O cheiro do assoalho lavado

Naqueles cômodos não se podia entrar com lamparinas para
 que o forro não ficasse enegrecido

E a adolescência tinha um jeito de chácara com goiabas e ca-
 quis e umas ruínas de moinho antigo

Um bêbado assovia no porão

E o ruído de um raro automóvel atraía nossa atenção como
 coisa inusitada inesperada novidade

O rosto vermelho da mulher sem nariz

O avião voará baixo e se arrebentará de encontro à montanha
 mas os pássaros cairão mortos ao colidirem com pa-
 redes muito brancas

E às vezes uma carta que não escrevemos nos aparece entre as
 páginas de um livro contando casos antigos pode ser
 uma carta ou um poema medieval um como outro in-
 tangível feito fumaça ou sombra

A mina sob as raízes do bambual onde íamos apanhar água
 para pôr na moringa de barro

E aquele homem pôs veneno na água da moringa para matar
 os filhos mas não era a mesma água que íamos apa-
 nhar na mina sob as raízes do bambual e mesmo a
 moringa era outra mas as crianças não morreram pois
 não beberam a água envenenada

Crianças

Outras crianças

Crianças nuas no alto da montanha e a árvore grande a agasa-
 lhá-las com seus amplos galhos

E a luz se acendia no entardecer para apagar-se perto das dez
 da noite

Os bois carneados bebida festa multidão uma alusão ao ano
 2000 (pois seria vinte e cinco anos depois) que todos
 já esqueceram o ano 2000 veio passou e conheceu a-

penas o silêncio naquele lugar que já não era o mesmo
 Lívido é o menino que o tempo levou
 Lívido mas não fugaz é o encantamento de um único dia
 Um besouro verde e uma pequena boneca com seu amplo vestido de algodão cor-de-rosa
 E também os jogos e a alegria convertidos em cinza naquele dia remoto
 As vidraças baixadas a porta pesada a quietude dos cômodos
 Ah retalhos
 Retalhos de que se fizeram colchas multicoloridas
 As espadas cruzadas na parede da sala
 O documento antigo assinado pelo Imperador
 O rio despenhando-se nas pedras
 O ruído noturno como uma voz que a noite tivesse para falarmos contar suas histórias da carochinha
 As pesadas mós do moinho e o homem vagaroso que ia para lá todas as manhãs
 O louco com seu toco de braço e um sorriso sem nenhuma loucura
 A máquina de retratos e o homem com a máquina de retratos e os retratos que o homem tirava com sua máquina de retratos
 Os livros velhos que a criança rabiscava por não ter um caderno de desenho com folhas brancas
 E de noite o medo do homem que matou muita gente e a todos assombrava naqueles dias tumultuosos tempos em que a paz tinha uma rachadura nos alicerces
 A quietude da madrugada quando somente o rio continuava a entoar sua endecha sem fim
 Um pica-pau passarinho que morreu na caixa de papelão onde dormia e que o garoto amava pois era seu “passarim de estimação” ele só um garoto aprendendo a chorar de verdade
 Amoras vermelhas e caldo de cana dias com um sabor de leite e mel
 Agora existe um lago ali onde antes nos divertíamos
 A mulher que passa com sua sombrinha
 Aquela que era tão linda e eu tão pequeno e de cujo rosto não consigo lembrar-me e que se chamava Rosinha quero casar com ela quando crescer
 Paredes cor-de-rosa janelas verdes
 era assim o meu castelo meu pequeno paraíso minha casa

- 32º -

Mas ah! os cavalos que vêm sobre as nuvens, os cavalos invisíveis do Apocalipse, o Juízo final anunciado pelas sete trombetas, o firmamento que se enrola feito papel e a lua que se converte em sangue...

Onde estão as naus que se despenharão no abismo?

De cavalos e trombetas

- 33º -

Seguimos passeio ao longo da cidade e de suas lendas
(Pois também do átrio do suplício
Até o cume do monte chamado Caveira
Havia um caminho).

Acerca de um caminho desde o lugar do suplício até o monte chamado Caveira

Aqui, passamos por uma taberna,
Adiante por um prostíbulo,
E junto à porta principal
Estamos sob as vigias com suas sentinelas.
Mas um peso de milênios nos ameaça com silenciosos clamores
de suas janelas altas e escuras,
Das pedras que sustentam paredes e revestem as ruas.

Então
Eis à nossa frente o grande muro
E aqueles que se ajoelham,
E os papéis, os milhares de pequenos papéis inseridos nas fendas.

Daqueles que se prosternam

...Mas se fecho os olhos
Alguém lava as mãos
E uma multidão grita:
O tropel que se escuta são os soldados conduzindo um prisioneiro...

Talvez um dia descêssemos até a praia
E o mar se mostrasse indócil e perigoso.
Quem aplacaria os ventos e as ondas?
Ou talvez viajássemos para o deserto
(Dizem que é belo o deserto nesta época do ano),
E então nos deteríamos à orla antes de seguir em frente.
“O sol está a pino” diríamos,
Refletindo em que seriam duas horas da tarde,
“Mas com a noite vem a escuridão e uma solidão sem fim”

De uma sombra
na noite que não
são as sombras da
noite

ponderaríamos, com alguma hesitação.
Mas talvez não estivéssemos tão sozinhos:
Talvez, quando entrássemos as areias,
Quando avançássemos no ermo,
Súbito
Percebêssemos uma presença,
Um vulto,
Uma sombra a mais na noite,
Uma sentinela com que não contávamos,
Que não desejávamos decerto encontrar
Mas que avançaria para nós com doçura e ardis.
Então, desarmados, nos imobilizaríamos
Esperando pela terrível tentação.

Sobre como são
vastos os desertos
e como são hoje
diversos do que
foram ontem

Grandes são os desertos que percorremos com nossas crenças e
descrenças,
Na mão levamos nosso cajado e nos pés as alpercatas,
Mas nossos pés estão empoeirados e já doem;
Talvez devêssemos parar para tomar um fôlego,
O necessário descanso
— Que não sei se merecemos
Mas de que precisamos para sobreviver.
Grande é o deserto
E a dor de percorrê-lo,
Somos porém donos da nossa vontade
E do nosso desespero.

Mas o deserto que hoje percorremos não se parece mais com
essas extensões vazias —
Somente o firmamento por cúpula e as dunas por caminho,
E longe em longe o ludíbrio de uma miragem —;
São grandes labirintos a céu aberto
Com muros e edifícios e ruas asfaltadas
E multidões de mortos-sem-saber transitando em todas as dire-
ções
— Sem que suspeitemos, nós, que também estamos mortos,
pois ainda que saibamos disto, que compreensão te-
mos da extensão dessa morte que a tudo e todos cor-
rompe?
Percorremos o deserto,
Vivemos no deserto
E o trazemos no peito,

Gil Cleber

Talvez gravado na alma feito escrituras antigas
Mas não sagradas.
E de novos estamos defronte ao muro
E vamos — também nós — depositar ali, nas frestas, pequenos
papéis em que escrevemos uma esperança,
Quem sabe uma desilusão.

Para onde vamos
Não há sentido em falar de norte ou direção.
Não há muros nem cidades nem fortificações nem uma estrada
que conduza de um lugar a outro:
Talvez sejam espirais dentro de espirais sem nenhum centro
nem qualquer entorno.
Para onde vamos
E de onde viemos
São um só,
De permeio tão só não compreendermos o mundo.

Sim: do átrio do suplício
Ao alto do monte havia um caminho que cruzava a cidade,
Mas ao fim
O que esperava o viajante
A não ser os cravos e o lenho?

Do que se encontra
ao fim do
caminho

- 34º -

Então voltamos ao salão vazio,
Ao salão das sombras,
Das horas improváveis,
Onde uma mesa fora posta para os viajantes fatigados que haveriam de chegar.
Mas as sentinelas não viram quando os viajantes vieram, um
povo minguido e escasso, pela estrada poeirenta naquela tarde tórrida de outono,
E ninguém percebeu quando adentraram o salão e se acercaram da mesa, e assim ninguém respondeu aos seus gestos de cumprimento, às suas saudações, e as boas-vindas ensaiadas para recebê-los calaram-se na garganta.
Por muito tempo esperou-se pelos viajantes, e a mesa posta era renovada dia a dia para que, chegando, encontrassem a toalha imaculada, os talheres rebrilhando à luz da

De como se apresentaram os convivas

manhã, o cristal das taças puro e transparente...
 Por muito tempo esperou-se
 Mas toda espera tem um fim, e um dia partimos todos desesperançados dessa recepção frustrada, e nos perguntávamos entre nós mesmos: “enfim, por que esperamos?” ou “por quem?”, e em dúvida tomávamos cada qual um caminho sem compreender que estivéramos no salão das sombras, das horas impossíveis,
 E que somente por sombras podíamos esperar naquele lugar,
 Sombras que não se anunciariam às sentinelas
 Nem fariam qualquer bulha ao vaguear pelos corredores
 E adentrar o recinto da ceia.

O medo daquele
 que virá

Temo contudo que um dia nos chegue um mensageiro,
 Um triste mensageiro a nos dizer que aqueles por quem esperávamos estão há muito tempo mortos,
 “Morreram em terras estranhas” diria esse lutuoso portador em seu velho e empoeirado terno de casimira inglesa, os sapatos ralados e gastos, nas mãos o chapeuzinho preto de feltro à frente do peito, o rosto chupado de quem se alimenta mal;
 E nós estremeceríamos, alguns curvariam a cabeça e chorariam em silêncio, outros comprimiriam os lábios numa tentativa de reter o pranto, ninguém permaneceria indiferente vendo o arauto afastar-se, partir após cumprir seu ofício.

No salão vazio
 A mesa permaneceria posta,
 Mas a toalha não estaria imaculada,
 Um limo haveria de produzir manchas nos cristais e azinhave nos talheres
 Enquanto as janelas fechadas impediriam o sol
 E cobririam dessa meia-luz vespertina o pó anos a fio acumulado no chão, sobre a mesa, na fina porcelana...
 Mas os viajantes estariam ali,
 Teriam chegado enfim
 Ou já estariam ali desde um tempo em que as horas já não se contavam
 E em seu silêncio seriam eles a esperar por nós, por nossos sorrisos, pela festa de recepção e nosso carinho, tudo que já não teria qualquer sentido ou importância.

História de um
 desencontro

Compreenderíamos o ludíbrio do tempo?

Como entender que havíamos estado a esperar sempre por aqueles que éramos nós mesmos a voltar pelo caminho das sombras

E que, quando partimos,

Partimos para retornar muito anos depois quando as sentinelas já não poderiam ver nossos andrajos nem reconhecer nossas pegadas

E nem encontrar ninguém à nossa espera

Porque aqueles que estariam à espera seríamos nós mesmos numa época de glórias, no entanto perdida?

- 35° -

A casa dos homens antigos

Fechou sua porta sobre nossa partida,

E quando nos voltamos da rua, a casa às escuras sob o luar lembrava um desses mausoléus que a gente rica manda erguer para guardar suas podridões como se fossem preciosidades.

Não,

Não que a casa dos homens antigos tenha uma aparência tão solene, pois esses mausoléus, com suas colunatas e seus mármores, são bastante majestosos, possuem em sua portada altos-relevos heróicos e anjos esculpidos em bronze, e o frontão lembra mesmo o Partenon com sua imponência de milênios...

A casa dos homens antigos, ao contrário, é apenas um velho casarão de paredes descascadas e portas sem pintura; teve, talvez, seus tempos de brilho, houve entre suas paredes música e vestidos, perfumes e um rebrilhar de jóias, mas tudo isso se extinguiu

como se extingue o som

de um piano num salão de onde todos partiram.

Mas ambos possuem esse silêncio comum que os torna iguais,

Ambos se fecham em si mesmos preservando destroços,

E essa quietude que os faz crescer dentro da noite

É a quietude das multidões convertidas em poeira.

Às nossas costas, a casa dos homens antigos não nos permite regresso, e à nossa frente temos apenas uma estrada que não nos diz aonde vai dar, mas que nos intima a

De uma casa que nos traz lembranças e do vestígio que ficou dos dias



seguir por ela, mesmo porque não temos escolha.

Partimos,

Vamos para longe de nosso chão,

E tudo que nos é caro,

Tudo que nos é familiar

Vai ficar para trás,

Pois trazemos como sina, ou maldição — mas quem sabe, também como prêmio —, devassar o mundo, ainda que isso nos custe a vida.

“Os homens antigos não estarão à janela quando partirem” —
foi-nos ensinado numa época em que ainda não o podíamos compreender,

Por isso não nos preocupamos

E os nossos folguedos nos pareceram doces, conquanto às vezes nos enfiassem um pouco, e então ansiávamos por coisas diferentes.

Agora que partimos

E da estrada nos voltamos para contemplar uma vez mais o
que fica para trás,

Vemos que não há ninguém à janela,

Nenhum lenço acena para nós,

À porta não chega viv' alma

E o portão da varanda bate, solitário, com o vento que faz.

Um pássaro noturno canta, como que se despedindo, mas a verdade é que ele nos ignora — e percebemos com isso que estamos ainda mais sozinhos.

Resta-nos a estrada, que sempre se insinua à nossa vista.

Então ajeitamos a matalotagem no ombro,

Suspiramos com vigor, pois o ar da noite é fresco e revigorante,

E seguimos em frente.

- 36° -

A rota de que não nos apercebemos,

Essa jornada através das pegadas que ainda haveremos de deixar na poeira

É um mapa antigo que descreve uma terra futura,

E o que temos é essa incongruência.

A donzela prometida encontra-se guardada por labaredas.

Será esta a espada com que me levantarei contra o mais forte?
Poderei matar o dragão de sentinela ao tesouro e decepar a
lança do caminhante que atravessar meu caminho?

A espada

Antes ler nos livros as aventuras que enfrentá-las,
Antes saber das velhas histórias que vivê-las.

Mas aventuras e velhas histórias são apenas histórias velhas e
aventuras

Enquanto que o simples levantar-me pela manhã e dirigir-me ao
meu gabinete, ou mais tarde arredar-me daqui para a
prosaica atividade de ver por que parou de correr a
água que corre através da mangueira e enche a caixa,
ou mesmo de ir ao trabalho e voltar do trabalho,

Essas pequenas coisas que preenchem uma vida se não nos
cuidarmos

São a verdadeira aventura, mas sem lauréis;

A velha história, mas não rapsódias,

Nas quais não há cavaleiros andantes nem heróis, nem deuses
nem dragões, nem espadas mágicas, nem donzelas
guardadas por paredes de fogo.

Talvez haja dor nisso,

Em perceber que estamos à mercê dos pequenos acontecimen-
tos, que as mesquinharias e mediocridades podem
destruir-nos a vida,

E talvez a grande aventura seja, de verdade, ver-nos impotentes
contra essa força avassaladora

Mas mesmo assim erguer o escudo, empunhar a maça

E arremeter...

- 37º -

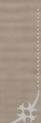
No caminho para o fim do mundo
As caravanas deixam seus defuntos,
Os utensílios inúteis,
A bagagem desnecessária.

Do caminho para
o fim do mundo
ou de como as
caravanas seguem
deixando restos
para trás

Até ali levaram a ilusão de que ainda poderiam viver humana-
mente,

de que fariam suas refeições com os talheres do
uso e tomariam o vinho nas taças do costume,

e os adornos, os enfeites, a música das cítaras
pelo menos serviriam para contentar-lhes a alma.



Mas então chegaram no caminho para o fim do mundo
Através do qual jogariam suas vidas,
Caminho em que despenhadeiros e desertos se sucedem como
tropeços triviais, rotineiros,
E o sol de quarenta graus do dia é a contrapartida do granizo e
da geada que caem à noite,
Sem meio-termo,
Pois aquele é um lugar de extremos e não de moderações.

Como então conservar a ilusão num lugar assim?

“Não seremos mais humanos daqui para frente” dizem os via-
jantes largando para trás os vestígios de sua civiliza-
ção junto com os cadáveres daqueles que não resisti-
ram

ou que desistiram,

Pois desistir e não resistir são a mesma coisa naquele lugar.

No caminho para o fim do mundo o que lhes resta é muito
pouco:

Os sapatos,

Uma trouxa com agasalhos

E outra com mantimentos,

Além de uma incerteza nos olhares desgastados, pois o cami-
nho para o fim do mundo não é ainda o fim do mun-
do.

Diminuída de gente e de coisas, a caravana se move, penetra o
caminho, adentra o deserto, pois o fim do mundo os
espera e o tempo urge.

Quando lá chegarem, o que lhes estará reservado?

- 38° -

Eu vi a caravana partir,

Do alto deste penhasco os vi deixar tudo para trás e atirar-se à
aventura,

Mas eu quis ficar.

Também vi partirem os navegadores em seus grandes veleiros

E por fim compreendi que os desertos e os oceanos são uma só
coisa,

veleiros e carroções uma só história,
Mas ainda assim eu quis ficar.

Um vento vem, assovia na ponta das pedras anunciando o inverno e eu sinto uma presença
Como de alguém que às minhas costas retira a máscara e exhibe a face medonha.

Num calafrio, volto-me:
Estava só, no cume pedregoso;
Somente o vento vinha,
Por vezes,
Assoviar fininho nos espinheiros mais abaixo.
Olhando outra vez para o deserto
Vi que os viajantes iam longe,
Pontos minúsculos na planície,
E por um instante tive certeza de que não voltariam.

Alegrei-me ou entristeci-me?

Alegrei-me por ter ficado e preservado a vida,
Ou entristeci-me de meu medo e de tudo que havia perdido apenas para manter a vida?
Porque os que partiram para o fim do mundo deixaram tudo para trás, levando consigo apenas agasalhos e comida, mas trocavam sua vida pela aventura, e isso se chama **coragem**.

Eu fiquei.
Que nome terá minha decisão?

- 39º -

Então abriu-se a janela da arca sobre o monte
E de seu vôo o corvo não regressou
Mas a pomba trouxe no bico um ramo de oliveira,
E Noé percebeu que sua viagem chegara ao fim.
(Enganava-se?)
Decerto o disse à esposa e a todos de sua casa:
“Eis que a viagem é finda, é tempo de deixarmos a arca”.
Porém o patriarca compreenderia que a viagem não termina nunca e é sempre impossível deixar a arca?
(Pois ao saírem de uma entrariam numa outra,
Decerto maior, e que até lhes poderia parecer sem fim...)

Revelação

Engano

A nova terra

Como explicá-lo, então, aos outros?
Noé não compreendia que seu corpo e sua existência eram essa
arca... mas isso não ficou escrito.

E saíram, e viram uma terra nova,
Um mundo dilacerado pela ira de Deus,
Uma natureza com sua derruída caveira à mostra.
Não se intimidaram:
Desfraldaram velas ao vento
— o próprio couro de seus corpos —
E buscando seu norte seguiram em frente...
...Mas não para o fim do mundo.

E então me lembro da história de Moisés, que levou seu povo
através do deserto, e sua viagem durou quarenta a-
nos.

Mas o povo escolhido carregou consigo suas alfaias,
Nada ficou para trás a não ser a casa da servidão com suas
algemas.

Mas o povo escolhido tampouco seguiu o caminho para o fim
do mundo:

Canaã era longe, mas também não era o fim do mundo.

- 40° -

Da jornada atra-
vés de uma ilha

As cidades são ilhas de solidão
Através das quais nosso caminho é essa teia de ruas entre altas
e silenciosas paredes, que nos estão mais do lado de
dentro do que do lado de fora;

o horror das esquinas abruptas,
o sombrio de becos úmidos onde invisivelmente
se morre,

o desespero das avenidas largas e sem fim em
que a gente se atira numa febre de velocidade,

a vertigem do cume dessas torres verticais e
pesadas que nos esmagam o ser...

Qual é nosso destino nessa paisagem horrível de condenações,
pergaminhos onde se inscreveram falsas profecias, li-
vros de páginas em branco para que cada um registre
neles a história de suas misérias (ou de suas menti-
ras)?



Que destino é o nosso

Senão o caminho comum do homem que vem de levar a bem-amada irmã à sepultura,

Ou da mãe, que foi deixar o filho à roda dos enjeitados,

Ou do pregador solitário em suas homilias para ninguém ouvir?

Que destino teremos, se não a perda cotidiana da razão, ainda que possamos fingir um sorriso que testifique o contrário; e fazer o caminho de ida e volta ao banheiro para vomitar a bebedeira de ontem?

...Mas essas ilhas de solidão também não são o fim do mundo.

Canto V

- 41º -

A mesa está posta e as portas abertas.

O dono da casa desceu à adega em busca do melhor vinho

E os comensais esperam pelo convidado de honra, que deverá chegar ao meio-dia.

As damas, ansiosas, inspecionam seus toucados na obrigação de se mostrarem mais vistosas e ensaiam seu mais franco sorriso

Enquanto os cavalheiros ostentam seus uniformes de gala e suas condecorações, pois não desejam parecer subalternos perante tão importante visita,

Mas também em sua honra,

Para que ele saiba que se acha entre iguais,

E não na companhia da ralé infame que fede a suor e esterco.

A anfitriã adentra o salão com sedas e jóias, talvez não a mais bela, mas decerto a mais bem vestida, e de seus olhos azuis rebrilham o céu e o dia.

Mas é a filha da casa,

A donzela de todas as primícias,

Que atrai sobre si os olhares:

Pois que tingiu de carmim suas faces alvas

E no peito, na renda do corpete branco,

Prendeu o broche vivo e rubro de um botão de rosa,

De um convidado
ilustre e a recep-
ção que lhe foi
preparada

A donzela de
todas as primícias
será a prometida

Assim ao entrar no salão fez que os presentes
 em coro silencioso
 intimamente exclamassem:
 “Ditoso o nobre cavaleiro,
 O ilustre visitante,
 Que decerto poderá aspirar aos carinhos de tão meiga senho-
 rinha!”,
 E a donzela das primícias
 Se não ouviu essas vozes,
 Pois ouvi-las não poderia que vozes da alma eram,
 Adivinhou-as,
 E com recato baixou para o peito o rosto tomada de um pudor
 gentil,
 Inda que consigo mesma ansiasse pelo herói que viria
 De tão nobre aspecto,
 Tão ativo porte!

Das flores

O jardineiro entrando quis saber: “Quais flores para o saguão
 superior?”
 E lhe foi dito: “Rosas brancas”.
 E ele trouxe rosas brancas, cujas pétalas lembravam virgens
 despertando num amanhecer brumoso das monta-
 nhas,
 Enquanto, em seu lugar, os músicos afinavam os instrumentos,
 repassando de memória suas canções,
 Seus versos bem rimados,
 Suas sagas e gestas de princesas perdidas e príncipes valoro-
 sos,
 Castelos encantados
 E feiticeiras com seus filtros de amor e morte!

Havia no ar uma inquietude
 À medida que as horas avançavam,
 E como as trombetas permanecessem em silêncio
 Um medo de que o ilustre visitante enfim não viesse
 — Não decerto por descortesia,
 Mas tolhido em seu caminho por qualquer tribulação —
 A todos acometeu;
 Pois se assim fosse,
 Quando esperá-lo outra vez?
 Em que século fruir de sua companhia?

No porão, a pitonisa consultou os mistérios para atender ao
dono da casa preocupado,
Mas ainda que ela não avistasse na tina água o honorável a
caminho,
De olhos fechados afirmou ouvir o tropel de sua montaria.

A pitonisa vasculha os segredos enquanto uma vez mais os convivas se agitam

Uma vez mais as damas compunham seu toucado
E os cavalheiros tocavam as condecorações no peito para se
certificarem de que continuavam ali;
Os músicos retomavam ainda os instrumentos verificando sua
afinação
E o jardineiro entrava com mais algumas rosas, para substituir
no arranjo do saguão uma que outra menos vistosas.
Também o anfitrião passava uma vez mais em revista os vinhos
E a senhora mirava-se de novo no espelho,
Mas era a donzela das primícias que, em seu recato, mais dis-
farçava sua ansiedade, e com a discrição das moças
de alta prosápia tocava o botão de rosa em seu peito,
que não estivesse murcho e curvado na haste quando
seu belo e jovem guerreiro — esse por quem todos an-
siavam — adentrasse o salão...

Todos esperam,
Todos esperam!...

A espera

Até ouvir-se o sinal das trombetas no meio-dia cálido
E um rebuliço,
Como se um raio a todos atingisse ao mesmo tempo,
Fez ondular os convivas, que se puseram a postos.
No porão, a pitonisa revirava os olhos em transe no escuro
E, fora, um tropel anunciava o convidado de honra.

Mas, ah! com que consternação viram todos penetrar os altos
portais um cavaleiro velho, carcomido, coberto de po-
eira,

Da triste figura do convidado e da decepção após a espera

Tão magro e pálido e doentio,
De tão enferrujadas armas
E tão cheia de mossas armadura
— Pra não falar naquele cavalo esquelético que cheirava a gra-
ma do pátio —

Que duvidaram!...

“Quê? Será esse velho aquele por quem tanto esperamos?”

Do espanto

“Não estamos sendo logrados por algum engraçadinho?
 “Será que pusemos nossos mais vistosos toucados,
 “Nossos mais elegantes vestidos de seda,
 “Ostentamos nossas condecorações,
 “Ensaíamos nossas mais belas cantigas,
 “Colhemos as rosas mais graúdas,
 “Trouxemos para a mesa as melhores safras,
 “Pusemos nossas jóias mais caras,
 “Escolhemos o botão de rosa mais vermelho para nosso corpe-
 te
 “E perdemos nosso tempo, deixando nossos quefazer, por
 causa de um tipinho desses?
 “Ah, não estaremos desmoralizados para sempre?”

Mas podiam duvidar ainda?
 Não trazia o cavaleiro em seu broquel o anunciado brasão?
 E não pronunciava ele o nome de sua dama, aquela tão nobre e
 formosa em El Toboso, que ninguém podia dizer “não
 sabemos quem seja”?
 Entre confusos e tristes,
 Os convivas se dividiram em duas alas para que o insigne con-
 vido avançasse,
 Já não anelantes mas amargurados
 Porque teriam entre si não um valoroso príncipe
 Mas um pobre louco.

No escuro do porão, entretanto, a pitonisa revirava os olhos e
 sorria um sorriso de gengivas nuas.

- 42º -

Quase anoitece esse dia cinzento
 E a música que se escuta é algo assim como o frio de um tene-
 broso inverno que nos acabrunhasse.
 Passa um cortejo,
 Mas ao hino — dum recolhimento solene —
 O que sobrevém é o assombro de uma batalha no gelo,
 Quando avançam cavaleiros com suas armaduras
 e o aço de seus escudos,
 Que não obstante se mostra frágil ao ímpeto dos braços arma-
 dos, do fio das espadas, da ponta temperada das lan-
 ças...



Uma jovem camponesa procura entre os mortos aquele a quem
entregara seu coração na última primavera:
Uma deusa triste entoia um hino que fala do sentido de morrer
pela pátria
Mas o cântico de louvor ao homem
Nem sempre alegre a vida.

Do campo dos
mortos (tributo a
Prokofiev)

- 43º -

É tarde para contar histórias.
O vento bate à porta e sacode as vidraças,
Insetos voam ao redor das lâmpadas
E as flores de ontem murcharam na jarra.
Toda espera é uma dor surda que não cessa,
Uma expectativa de agonia,
Um espelho no escuro.
Esperamos pela voz da mulher que nos vai embalar o sono,
Mas o que aprendemos é um féretro fechado
E uma lápide que pesa sobre os ossos.

É tarde para contar histórias
Porque anoiteceu irremediavelmente;
As fadas se cristalizaram em pólen e em luz
— Abelhas nesse dia claro de verão sem promessa de chuva —,
E as feiticeiras se esqueceram de seus sortilégios.
Os heróis amedrontados estacaram à orla do campo de guerra,
Isso no tempo em que impérios se desfaziam em pó.

Do ludíbrio da
guerra

Havia um exército aqui noutra época,
Mas agora as armaduras estão rotas
E as espadas roídas de ferrugem,
Os escudos meio enterrados na areia
E as lanças quebradas.
Dos guerreiros sobraram umas caveiras muito brancas
E na praia,
Batidos pelas ondas,
Destroços das naus e galeras que um dia compuseram uma in-
vencível armada.

- 44º -

Devo escrever aqui o que tu dizes?
Talvez tivesses mesmo algo a dizer,
Não fossem esses cadeados a selarem teus lábios;



Então resta-me apenas anotar teu silêncio
 E o cansaço dos teus olhos insones,
 Esperar por um tempo em que não tu, mas alguém que virá em
 teu lugar, fale dessas verdades que obliteras,
 E revele os segredos que confiastes aos deuses de pedra em
 seus altares.
 Nesse tempo não haverá talvez ninguém para ouvir teu testa-
 mento
 E o orador falará em vão;
 Para as pedras e as paredes falará sem ser ouvido,
 Mas isso não importa
 Pois terá cumprido seu dever,
 E tu, no teu túmulo, poderás descansar tranquilo.

- 45º -

Esse ruído?
 São grossas bâtegas no madeirame da varanda,
 E granizo,
 Pois costuma haver granizo nesta época;
 Houve mesmo uma ocasião em que se encontraram passari-
 nhos mortos embaixo das árvores.
 O ruído da chuva e do granizo lembra as canções que se ouvi-
 am na infância,
 Não sei por que são tão tristes,
 Sei apenas que são como um punhado de jabuticabas frescas
 da água da mina, que todavia não podemos comer.

- 46º -

Mas talvez seja época, ainda, de ouvir histórias.
 Alguém se lembrará das sagas medievais,
 Dos cavaleiros andantes,
 Dos samurais do velho oriente
 E o vento que impele as naus em sua viagem para o fim do
 mundo
 É o mesmo que assovia no fio das espadas;
 O vermelho do sangue que mancha a camisa do parricida
 É igual ao que corre das feridas do herói morto em combate,
 cujo corpo apodrece no campo longínquo, num país
 estranho.

Quem conta suas histórias à roda da fogueira para os que per-

A época das his-
tórias

manecem despertos
— Enquanto o resto da caravana dorme —
Conta-as também para si mesmo,
Pois é de contar e ouvir histórias que se vive a vida.
No alvorecer,
Quando no acampamento já começa a lufa-lufa que antecede o
recomeço da viagem,
O contador de histórias ainda segue desafiando suas lendas,
Pois sempre restam dois ou três meninos acordados e curiosos
Que ao longo do dia dormirão nas carroças
Ao leve sacolejar estrada afora.
Pois sim,
Precisarão estar despertos para a próxima noite,
Que o contador de histórias promete ainda muitos enredos,
o contador de histórias ainda guarda muitos segredos.

- 47º -

O caminho do qual não nos perdemos
É o caminho no qual nos perdemos,
E o rumo certo que julgávamos ter
É o rumo que não teremos,
Pois a viagem que havíamos começado
Não começaríamos se pudéssemos,
E não podíamos,
Portanto não a havíamos começado quando pensamos que ha-
víamos começado,
E assim não chegamos a lugar algum
Porque não tínhamos um caminho, um rumo, uma viagem.

Pobres de nós,
Homens de boa ou má vontade,
Simples e fracos,
Sem nenhuma transcendência em nossos costumes simplórios,
Sem nenhum sonho além de tão somente sonhar,
Sem nenhuma vontade a não ser não ter qualquer vontade;
Pobres de nós,
Para quem a diligência passou com os cavalos a galope
E nos deixou na estrada cobertos de pó;
Para quem o tempo passou
E nos deixou à margem da vida
Um pouco mais velhos,

Da viagem impos-
sível

Um pouco mais curvados,
Um pouco mais nus...

Se vier a chuva,
Que venha também o granizo;
Se vier o vendaval,
Que venham também os relâmpagos,
Pelo menos teremos um pouco de luz ocasional a nos orientar
os passos.

Deixa chover, deixa,
Deixa chover
E espera tão somente que apareça um guarda-chuva,
Ou que o homem rico nos dê aquele casaco de outros invernos
que iria para o quarto de entulhos

Até vir o caminhão do lixo;

Deixa que faça frio,

Daremos mais valor ao sol da manhã,

Contenta-te com a vida

Pois é a que temos,

Não espera outra que não temos nem podemos ter,

Pois se a tivéssemos

Não saberíamos o que fazer com ela

— Feito um brinquedo caro

Com que o menino pobre não sabe brincar,

Ou uma boneca de porcelana

Que a filhinha da lavadeira deixou cair e quebrar-se,

Porque todas as bonecas que tivera eram dessas bruxinhas de
pano que podiam cair sem nenhum risco.

É sempre mais triste quando nos damos conta de que nossos
sonhos em si mesmos são meros fracassos de estarmos
a sonhar,

Por isso contenta-te,

É só o que tens,

Ou não contenta-te,

Esperneia, grita, escabela-te,

No fim só estarás um pouco mais cansado e desiludido,

E um pouco menos vivo.

- 48° -

Aos pés do monte Olimpo
Um poeta cego conta histórias.

Gil Cleber

Tróia está cercada

E os anos se vão nessa luta que os deuses consentem.

Um cavalo terminará a contenda

E Ulisses regressará a Ítaca,

Pois Penélope lhe é fiel e desfaz à noite a tecedura feita durante o dia.

Do cerco de Tróia

Do regresso e da fidelidade

Mas do rumo dos navios o mar guardou segredo,

Entre Cila e Caríbdis para sempre esquecido.

O tempo não se deteve em Éia,

E de Helena, a bela, dos cabelos não preservou sinal.

Tróia, Tróia,

Se ainda pudéssemos ouvir teus trovadores,

O riso de tuas mulheres,

Se teus heróis ainda brandissem espadas

E de Aquiles não fosse fraco o calcanhar...

O poeta cego descansa.

Talvez durma.

As histórias parece que chegaram ao fim.

- 49º -

Escrever uma carta é, também, um pouco partir,

Uma viagem de olhos fechados sem o coelho branco de Alice
que nos guie pelo mundo das maravilhas e na qual fi-
camos — mas nossa voz segue, congelada, porém pul-
sante no papel.

Acerca do que
significa escrever
uma carta

Mas um testamento fica

Enquanto quem o escreve parte para um mundo que, em pen-
sá-lo, escapa de nosso entendimento.

Eu escrevo um poema,

Muitos poemas

Como cartas e testamentos,

E escrevo histórias,

Componho mundos e os povôo com uma gente que súbito salta
do nada para a realidade da mente de quem lê.

Crio mundos e gentes,

E quem lê lhes dá realidade e vida

E completa minha obra.

Isso mostra que o poema tem muitos autores,



Obra sempre inacabada anos afora,
 Sempre mais,
 Sempre mais aqueles que a vão compondo;
 Eu,
 Eu também um poeta que compõe a obra alheia.

Minhas páginas são as espadas com que enfrentarei batalhas;
 Meus poemas, hinos pátrios
 sagrados
 heróicos.

O guerreiro, no entanto, é um homem comum
 com medos e fraquezas,
 inseguro às vezes e trôpego sempre,
 de óculos e caminhando para a velhice,
 numa viagem cujo retorno é um leme partido.

- 50° -

Sobre o tempo
 das ninfas e dos
 elfos de corpos
 luzentes que o feio
 sátiro espreita

então foi naquele tempo de ninfas adolescentes e pequenos elfos que desfiliavam seus corpos seminus pela pradaria o vasto jardim e podiam ser avistados de longe sua beleza feita de ar e de luz nos dias claros dos verões ardentes e distantes o feio sátiro espreitando de dentro de si mesmo seu disfarce e por uma fresta vigilava pois que não havia ali herói algum já não era tempo de heróis que todos se haviam retirado para as páginas das sagas antigas folhas de papel quebradiço devido aos anos pergaminhos obsoletos agora a morada dos heróis ou seu exílio seu valhalla ou seu esquecimento mas as ninfas essas permaneciam permaneceriam para sempre semideusas jovens e nuas por companhia os pequenos e tão belos elfos à sombra de eros travesso menino naquele jardim e seus prados seu grande rio que cortava pelo meio as piscinas naturais oásis ao redor do qual um intransponível deserto que se prolongava para o interior dos homens as ninfas que ora são douradas



ora brancas morenas ora o corpo molhado
gotículas luzentes ora a pele veludosa
de um pêssago maduro até o cheiro do
pêssago maduro o cheiro dessa pele me-
nina os pequenos elfos feito cordeiros
prontos para o matadouro sua doce carne
tão tenra o ogro apenas a contemplá-los
ali e a desejá-los confuso pois afinal
como decidir sobre qual seria o mais
belo e apetecível que eros o doce eros
propicia tão só confusão e devaneio mas
tão mítico esse feio sátiro quanto
qualquer daquelas criaturas que adeja-
vam pela ravina apenas bruma que o sol
dissolve e ele ogro ou sátiro faminto
vedando a fresta de seu disfarce volta
para casa jaz oculto por trás de invi-
sível postigo pois não havia mais cami-
nho através do deserto ou ponte sobre o
despenhadeiro nem porta para o lado de
lá aquele um tempo de espera em que
dormir tornara-se impossível

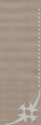
Canto VI

- 51º -

Mas houve também um tempo de cavalos bravios
navios encouraçados
torpedeiros
aves de rapina
e de metal luzente
canhões furiosos.

Do tempo dos
cavalos bravios

“É a guerra, é a guerra” gritavam os homens atemorizados, as
mulheres nervosas por seus filhos, as crianças entre
assustadas e curiosas e as velhas contando seus ossos
sob a pele ressequida de palimpsesto, “deixem vir a
guerra” murmuravam de seus cantos escuros, de sob
os cobertores gastos e fedendo a urina, “deixem vir a
guerra que nada tenho a temer, que venham os fuzilei-



Dos heróis de guerra

ros e me fuzilem, grande coisa, heróis de merda como são todos os heróis de guerra, matarão apenas uma velha sem espada nem legenda, é só o que sabem fazer”,

E o continente tremia

sob o furor dos tanques atravessando cidades devastadas e esmagando carnes, ossos e jardins com suas esteiras de aço,
sob a fome carniceira das bombas — asas a cruzar com estrídulo o céu enegrecido —,
sob o grito angustioso das sirenes,
rolos de fumo subindo ondulantes dos destroços feito megeras lascivas...

De como fugir da guerra

Mas é possível que a guerra passe ao largo

E a pobre mulher medrosa não precise subir o cafezal para esconder-se na casa de seu compadre

Nem ninguém morrer sob as esteiras de aço dos tanques nessa contenda,

Apenas assassinarão um moço que foi à cidade fazer compras para o casamento, mas foram bandidos que o mataram, não soldados,

Pois então a guerra andava longe —

Que tempo aquele, ainda em preto-e-branco!

- 52° -

“Morre! Morrem-te às mãos as pedras desejadas,
Desfeitas como um sonho, e em lodo desmanchadas...”

(O caçador de Esmeraldas - *Olavo Bilac*)

Pois a bandeira era também uma viagem,

Uma fértil viagem a povoar os sertões — embora não o fim do mundo, pois os sertões também não são o fim do mundo.

Mas aquele bandeirante buscava pedras verdes.

Antigamente podia-se adentrar as matas em busca de aventuras, pois era-se valoroso então, e as aventuras dignas de nosso valor,

Mas o que foi valor hoje é história

E a vida tornou-se prosaica,

Uma quitanda detrás de cujo balcão o caixeiro, com o avental

Da vida prosaica

engordurado, mede a porção de banha de porco, pesa o quilo do sabão e a réstia de cebolas enquanto espia o fiel da balança e do lado de cá o freguês paciente, de olhos mortiços, espera pela morte na modorra de existir sabendo que não encontrará nunca suas insuspeitadas pedras verdes...

Mas aquele bandeirante não esperou na modorra,
Viver tinha um único sentido
E morrer seria viver sem tê-lo buscado.
Alcançá-lo seria tão só o fiel da balança, não importando para
que lado pendesse;
Mas não, isso era o de menos, e quando enfim tombou, minado
pela loucura e pela dor e pelo desengano viu que ao
cair vencido, vencia, sim, vencia:
Como herói,
O herói que não teria sido se de fato encontrasse esmeraldas!

- 53º -

E agora os exércitos estão a postos,
Aparelhados para o combate.
O vasto campo se abre,
Na planura entre as tropas decididas o silêncio das duas horas
— que ruídos produz o sol tórrido? —
Enquanto as armas rebrilham.
(Nem medo nos corações,
Nem apelo aos santos,
Talvez uma vaga lembrança da jovem dama que lá longe ficou
à espera,
Ou da mãe rezando ante o nicho da Virgem.
O sol das duas horas nessas zonas quentes é inclemente
Mas silencioso
Pois faz adormecer os ventos.)

O rei do Norte enviara um emissário com uma mensagem,
proposta de paz, mas em tais e tais termos.
O imperador do Sul, no entanto, prezava sua honra,
Mais valiosa que o sangue e a vida de seus soldados,
de seu povo,
de seus filhos
(vejam, o mais velho fize-

Uma história de
amor e sangue

ra-se clérigo e por influência junto ao papa fora alçado ao cargo de Cardeal mui rapidamente, e agora via de dar as bênçãos ao povo na Notre Dame de Paris, não negligenciando o bom vinho e a agradável companhia da belas senhoras de boa sociedade, pândego de primeira, mas com muita discrição, para não dar na vista (sem contar que sempre há aquelas senhoras que não pertencem à boa sociedade...); mas o mais novo tinha trinta anos e comandava uma companhia: estava à frente de seus comandados e entraria de chofre na batalha, no primeiro recontro dos ferros, do que se protegeria com seu escudo no qual figurava um sol vermelho em campo azul, pois era um bravo e devia dar o exemplo...)

Poderia assim acatar os termos de uma paz desonrosa?

(Conta-se que a guerra começou porque o jovem príncipe do Sul enamorara-se da linda princesa filha do Norte, e a recusa de uma união com casa tão nobre e sangue tão puro não podia constituir ofensa mais grave: por isso muita gente teria de morrer, a honra da nobreza não se lava com pouco sangue, e então mesmo o sangue plebeu, das pequenas vilas massacradas, dos exércitos lacerados, que em outros casos nada vale, tem serventia.)

O rei do Norte recebeu como resposta, num embornal de couro, e dentro de uma caixa lacrada por causa do cheiro, a cabeça do emissário.

O corpo lá ficara, na terra inimiga, e, insepulto, alimentava os urubus.

O cavalo que ele montara,

Valioso animal, de porte, e reprodutor dos melhores,

Ficara também retido no Sul

A fim de cobrir as despesas com a execução de seu cavaleiro e com a resposta enviada,

Afinal foram usadas toalhas novas para limpar o chão, pois o executor atendeu ao pé da letra a ordem do imperador do Sul de “execute-o agora!”, e em vez de arrastá-lo para os calabouços, de poucas luzes que era cortou-lhe o pescoço ali mesmo, diante do trono.

(Mas o mensageiro do Sul não adentrara as fortificações inimi-

gas, pois temia por sua cabeça e sabia que a teriam decepado de qualquer maneira, afinal não passava de um plebeu como seu desafortunado colega de profissão, e pior, nem mesmo lhe deram um bom cavalo que montar, senão um velho pangaré. Como fez para entregar a mensagem? Deixou a caixa lacrada contendo a cabeça com um pequeno pastor de cabras, e ordenou que ele fosse entregá-la ao rei do Norte, dizendo que se tratava da resposta do imperador do Sul, e escapou, escondeu-se em países distantes, disfarçou-se, tornou-se eremita, fez-se padre também para poder descansar e gozar um pouco a vida, viveu até os noventa e nove anos e, ao morrer, dizem, começou a fazer milagres...)

Dos velhos impérios
Como da pele acetinada das senhorinhas do paço,
Com seus olhos azuis e lábios de coral,
E da bravura dos guerreiros com suas armas e sua coragem e
sua honra e sua paixão,
Ou lenda ou ruínas sobraram,
Não mais,
Talvez menos.

Esta alfaia que o visitante curioso depara preservada numa
cúpula de vidro, pois é ouro e vale muito,
Fora usada pela rainha do Norte naqueles tempos heróicos apagados do mundo,
E aqueles ossos que uma escavação trouxe à tona depois de mil
anos talvez tenham pertencido ao imperador do Sul,
ou a um escravo, não se sabe, são todos tão semelhantes!...

Aqui estão uns restos de armadura, pontas de lança aguçadas,
pedaços de lâminas que bem podem ter sido espadas,
e um escudo com restos de uma figura que lembra um
sol vermelho em campo azul.

Mas essa tiara, por sua delicadeza e valor, e também valor pois
é de ouro branco com incrustações de brilhante, é
própria para o adorno de uma jovem princesa...

De um passeio
pelo museu

Tudo acabou
A tarde chegou ao fim

(o campo está repleto de mortos
e o que seria vitória semelhava agora
um terrível engano)

(uma procissão de monges peregrinos
passa margeando as fraldas do monte — mas quan-
do? restam por ali ainda vestígios do combate? ou ter-
se-ão passado três ou quatro séculos e aqueles ho-
mens de preto imersos em suas orações não pensam
nas lutas terrenas e conduzindo o ícone de um santo
milagreiro obrado por artífice de talento até o reco-
nhecido local dos milagres entregam-se aos cânticos
sacros e às meditações acerca do imponderável?...)

A tarde findou

e o visitante atravessando a porta prin-
cipal respira o ar do crepúsculo enquanto as luzes da
iluminação pública se acendem e os carros passam
com seus faróis acesos — e com isso o visitante mãos
nos bolsos desce as escadas ganha a rua

A tarde findou

e os monges terminam sua peregrinação
conduzindo enfim ao som de hosanas o ícone para seu
altar pois que ainda levantarão uma catedral ali e a
notícia das maravilhas alcançará todo o mundo

e uma jovem devota vem de fazer ora-
ções ao santo de sua devoção na catedral levando pela
mão uma criança e falando-lhe da doutrina “viu que
bonito aquele santo em seu nicho?”

(o visitante a ouve casualmente e olha
naquela direção mulher e criança agora aproxima-
ndo-se pela calçada)

“ele foi um homem muito santo que
morreu aos noventa e nove e já em vida fazia mila-
gres...” passou e se afastou calçada afora sumindo-se
com sua criança na multidão que aflora com o come-
ço da noite

mas o visitante não pensava mais naqu-
ilo não pensava em nada pois agora entrou num bar
escolheu uma mesa e acenou para o garçom

"Observei a terra, e eis que era sem forma e vazia; também os céus, e não tinham a sua luz. Observei os montes, e eis que estavam tremendo; e todos os outeiros estremeciam. Observei, e eis que não havia homem algum; e todas as aves do céu tinham fugido."
(Jeremias, cap. 4 vers. 23 a 25)

Mas nós também deparamos um coelho branco que nos atravessa o caminho
E com ele entramos o país das maravilhas.

Wonderland

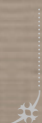
talvez devêssemos adivinhar a
região das sombras onde multidões pululavam entre a
fome e a peste entre o cano dos fuzis e o muro entre o
ódio e a impiedade

Entramos aquele país sem nos preocuparmos com as feras soltas nas estradas,
Pois não há feras, dizíamos, na terra das maravilhas o que há de fera nelas extinguiu-se,
Mas adiante o coelho branco nem consultava seu relógio de algibeira,
Corria sem esperar por nós,
Que em nossa simplicidade não desconfiávamos do engodo.

De como fomos enganados

Pois atravessar o país das maravilhas era avançar sobre o caos,
E pudemos descobri-lo quando não era mais possível voltar sobre nossos passos,
E com isso aprendíamos
primeiro que há lugares nos quais o caminho percorrido não tem volta,
segundo que toda promessa pode ser um logro,
E mesmo outras lições — mais drásticas — nos estariam reservadas, não nos apressássemos: tempo havia para aprendê-las.

Pois transitávamos por um mundo devastado
Em que as cidades, as grandes cidades, o orgulho dos homens,
Eram agora montões de entulho nos quais os ferros das colunas de sustentação dos edifícios sobressaíam como gestos de horror,



Os automóveis abandonados ao longo das ruas cobriam-se de
pó e fuligem,

E nas vitrines, detrás dos vidros espatifados, ostentava-se a morte
como a principal mercadoria, com um expressivo
desconto a vista ou com um juro “apenas simbólico,
freguês” a tantas prestações no cartão de crédito...

por acaso da garota que naquele
instante se abraçara à boneca de seus sonhos (de olhos azuis e que até dizia “mamãe”) restava um vestidinho amarelo cheio de ossos

talvez não fosse
alice

Pois primeiro foram os prisioneiros das circunstâncias
E depois prisioneiros do rancor

E por fim mortos no subterrâneo de uma casa naquela região
branca e fria — o homem desencantado, a esposa apavorada, as filhas inocentes e até um menino de catorze anos...

Acerca do mito do
dragão vermelho

E um grande dragão vermelho passeava entre os escombros
Calcinando o chão com seu bafo ardente

Sem importar-se com nossa presença

— Éramos tão só estrangeiros na terra das maravilhas

E não levávamos nem armas nem livros (mas o que será pior?).

Talvez tivesse feições humanas

E não fosse um mau sujeito.

Quem sabe até nos recebesse em seu gabinete para uma audiência,

“jornalistas? não?

“ah, não faz mal, podemos conversar assim mesmo, e eu lhes falarei das minhas intenções, há o que dizer, creiam, há o que dizer

“por exemplo, que eu prefiro

alexandrinos³

“fica-se só Litário às vezes,
quando todos nos atendem sem pestanejar nem nos ouvir, e isso não faz muito bem

³ O ditador e tirano comunista Joseph Stálin tinha preferência por versos alexandrinos.

“olha que tem até me tirado o
sono, ultimamente

“não, não é muito fácil dormir,
já não é tão fácil dormir agora”

E talvez avançássemos através do arquipélAgo com suas mil
ilhas labirinto de assombros

corpos alquebrados ossos e den-
tes partidos pele lacerada olhos fundos chaga bicheira
fedor podridão nega-se o seu direito de viver tampou-
co o de morrer

Onde o coelho branco e o dra Gão vermelho são um só.

(um velho demônio cofia a bar-
ba em sua ilha e se lembra de que noutros tempos lhe
seguira a lição. Enquanto palita os dentes, porém, vai
esmagando nos homens o que ainda lhes resta de me-
nino)

(chegará o tempo no qual não
há de restar mais que uma ossatura por dentro e um
couro por fora e, batendo-se nele, ouvir-se apenas um
som cavo

tum... tum... tum...?)

Mas o Mal tem
muitas faces

E houve também aquele signo,

Aquela cruz que veio do oriente conduzida através do país dos
espelhos

Da cruz gamada

mas tampouco alice estava ali

E também ali cruzávamos uma paisagem em ruínas,

Porque as coortes do inferNo haviam passado num tropel de
lava incandescente

pistolas e metralhadoras e as
fardas cinzentas a estrela da ignomínia e o confina-
mento os vagões repletos noite afora trilhos afora pla-
nícies afora e o gás letal e as fornalhas e a fumaça ne-
gra que subia das chaminés

E o chão que aqueles cavalos de olhos em brasa pisavam

Tornava-se negro, carvão e cinZas,
 E nós estávamos ali para testemunhar sua fúria:
 Talvez fôssemos apanhados na armadilha,
 Porém, meio a tal estrupido, seríamos notados?
 Podíamos esconder-nos detrás de uma dessas paredes meio
 derruídas,
 No vão de uma escada para espiar a rua...

Talvez ouvíssemos um choro de criança em algum lugar mas
 não poderíamos fazer nada;
 É certo que ouviríamos clamores mais próximos ou mais dis-
 tantes, mas não poderíamos fazer nada;
 Uma mulher talvez passasse na rua adiante fugindo entre os
 escombros com seus meninoS pela mão e fossem, as-
 sim mesmo, colhidos por uma rajada de metralhado-
 ra, e tombassem, e ficassem para ali, apodrecendo,
 pasto de urubus e cães famélicos, e também não pode-
 ríamos fazer nada;
 Quem sabe no jardim dos fundos houvesse, entres os canteiros,
 muitas sepulturas, mas ainda assim não poderíamos
 fazer nada

Pois estaríamos ali apenas para testemunhar
 — E anotar em nossos cadernos de viagem —
 Essas histórias que um dia
 Por incúria
 Podem transformar-se em lenda.

Sim, penetráramos o país das Maravilhas
 Mas aquele lugar devastado ficava antes do fim do mundo.

- 55° -

Mas também a charrua abre um caminho
 manhãzinha
 nem o sol despontou ainda.
 E a junta de bois adiante segue
 lenta,
 lerda,
 paciente em sua jornada,
 À frente o menino a candiar...
 Em frente vai
 E ao fim do corte, vira e volta.

Dura todo o dia a viagem através do campo

(acharão ali algum vestígio dos
antigos fragores? uma caveira, um pedaço de escudo,
uma ponta de ferro

que noutra época o campo en-
charcou-se de sangue, e se fez fértil

Do fertilizante

e hoje o lavrador tranqüilo, o
rosto queimado de sol e a cabeça baixa que um cha-
péu desabado recobre,

do labor colherá o fruto
com gosto de fruto
não de sangue)

Sob o sol a camisa do homem que guia o arado gruda-se-lhe ao
corpo

— seu suor —,

O menino com a vara vai à frente,

Cansaço não sente, um menino não se cansa,

Candia, “boi... boi... êeeh...”

E indiferente e forte a parelha prossegue

indo e vindo

indo e vindo

indo e vindo

o dia todo

indo e vindo nesse caminho que

o arado desenha

e os pés do homem e do menino

percorrem.

(o aço da charrua

trilha estrada caminho

via para a vida e para a morte)

Pois o que segue:

plantio

e colheita

E a viagem foi isso que hoje têm sobre a mesa:

o pão bem assado,

o arroz com um bom tempero,

as batatas e os pepinos,

o cozido que fumeja um chei-

ro...

E depois a tarde longa

na rede do alpendre
o descanso merecido e conquistado.

(o jardim colorido e as abelhas
que zumbem de flor em flor o favo de mel a sobejar na
colméia um beija-flor que vibra suas asas entre as pétalas e o cão que late com o gado cumprindo seu dever de cão e o sol que tudo vigia...)

(a fumaça que se eleva do telhado provém do fogão a lenha que cozinhou o almoço a agreste canção que se escuta é da mulher de carnes fartas e bochechas coradas camponesa legítima que cuida da casa e dos filhos enquanto seu homem seu provedor seu amante único dormita na rede que há no alpendre...)

Já não o menino que candiava,
Hoje o homem que conduz o arado,
Pois aquele que noutra época o conduzia
Terminou a amanhação da terra
Para florescer dela

Renascimento

nas pequeninas ervas,
nas flores que crescem entre a seara,
nos troncos grossos, ásperos, vigorosos que suportam vendavais...

Os bois

os mesmos,
outros,
diferença não faz,
todos os bois são os mesmos bois.

- 56° -

E então o vento a farfalhar nos bambus,
Que oscilam devagar
E rebrilham ao sol sua folhagem lustrosa.
O vento passa entre os ramos finos,
Penetra os espaços entre a verdura
E tudo se aquieta...

na ponta das lanças

desfraldadas as flâmulas
e o pavilhão principal
ainda vêm longe os cavaleiros
avistados não com nitidez
mas silhuetas tremulantes ao sol das
duas horas que faz ferver o ar
e a poeira levantada pelas patas ligei-
ras que avançam
galopam
eis que galopam como se flutuassem
acima das areias
e se aproximam

Há uma mina d'água sob as raízes dos bambus
E uma bica,
E é lá que vamos apanhar água fresca.
Escuta a água que corre:
Vem de tempos imemoriais,
De subterrâneos aonde não chegaremos com nosso entendi-
mento esgarçado,
E agora está na moringa sobre o móvel no canto do salão.
Podemos prová-la, bem suave ao paladar se revela,
E suficiente para nossa sede;
Podemos prová-la, mas não compreendê-la,
E no entanto é apenas água fresca da mina...

os cavaleiros viajam pela planície
o sol calcina aqueles rostos já crestados
e o ar fervente faz tremular seu galope
um pó se levanta
as flâmulas e o pavilhão principal agi-
tando-se na ponta das lanças
os cavaleiros são vultos incertos
e seu galope parece não ter fim
como se não cavalgassem ao longo de
uma estrada através do deserto
pois do deserto sempre se chega ao fim

Então podíamos cruzar o rio e ir para o outro lado,
Pois o outro lado do rio é sempre o lado oposto àquele em que
estamos
E o outro lado do rio é sempre misterioso,

De como não se
pode alcançar o
mistério

Mas alcançamos o outro lado e então não estamos mais no outro lado, pois o outro lado é aquele onde estávamos há pouco e assim compreendemos que o mistério somente mudou de lugar,
E mesmo que possamos descobrir coisas novas nesse lado a que chegamos,
Mesmo que aí encontremos goiabas mais doces
E jabuticabas mais maduras,
E quem sabe algum ninho com filhotes, ou um formigueiro,
E avistemos a casinha que ficava à beira da estrada e era habitada por um preto,
Mesmo assim há alguma coisa que nunca acharemos nesse lado aonde viemos,
Pois uma coisa existe que buscamos mas está sempre do outro lado do rio, do lado onde não estamos,
Do lado onde não estaremos nunca.

então os cavaleiros deveriam depor
suas armas e bandeiras
e recostar-se a uma árvore
talvez haja um oásis naquele lugar
com uma sombra onde possam recolher-se
pois o descanso se impõe ao corpo
vencido e mesmo os cavalos
animais fortes e afeitos ao clima
mesmo os cavalos carecem de repouso
e a jornada será longa
que a jornada sempre é longa

- 57º -

Se eu te esquecer,
Jerusalém...

Nunca,
Nunca esquecer a cidade das cidades.
Ponham-me grilhões nos pés os filhos de Jerusalém
Se eu dela me esquecer,
Ponham-me grilhões
E prendam a um poste em praça pública,
Para extremo opróbrio,
Este filho ingrato.
Envergonhar-me-ei do meu esquecimento
E prantearei,
Despirei minha armadura e arrojarei minhas armas por terra,

Gil Cleber

Vestir-me-ei de saco
E curvarei minha fronte ao pó,
Caia cinza sobre minha cabeça
Para que todos vejam minha vergonha
E digam:

“Ali está aquele que dela se esqueceu,
Da jóia das cidades,
Daquela de templos reluzentes e filhos valorosos”.

- 58° -

“Cavaleiro das armas escuras
Onde vais pelas trevas impuras?”

Meu Sonho (Lira dos Vinte Anos) — *Álvares de Azevedo*

Então, sozinho e à noite,
Sigo através da cidade dos horrores
Pois o país das maravilhas

*Wonderland*⁴

foi destruído,
assolado pelos algozes dos homens.

Encontro-me num mundo deserto e escuro,
De torres muito altas e vazias e no qual as ruas são um pântano.
E então é que vejo entre os monturos,
Cavalcando devagar como que sem pressa,
Um cavaleiro com negra armadura e armas de guerra.
“Virá em minha direção?” penso, imóvel entre os destroços.

É tempo ainda de fugir
e vê-lo passar ao largo?

Mas o cavaleiro há muito espiava-me detrás da viseira baixada
de seu elmo

E eu sentia minha alma estorcer-se àquele olhar ardente.
Assim, do meio da rua, imóvel,
Deixei que me visse:

que armas eu não trazia
nem preparo para um combate
a funda e as pedras perdidas
numa história hebraica.

De como me de-
fronto com um
guerreiro de rosto
encoberto

Esta seria a narrativa de feitos heróicos,
Lendas, legendas, veras,

⁴ O País das Maravilhas, na história de Alice.

Mas os heróis estão sepultados em velhos pergaminhos,
 Punhadinhos de pó, se tanto, sobre as tábuas carunchadas das
 prateleiras nas bibliotecas esquecidas,

E é assim,

Aqui,

Do meio das ruínas,

Próximo de defrontar-me com talvez o último cavaleiro andante,
 o último guerreiro,
 o último herói

Que penso estas coisas.

Dos verdadeiros
 heróis

“Pois não há heróis de guerra,
 a não ser aqueles que desertam
 das fileiras, que declinam do
 direito de matar, que enfrentam
 cortes marciais e são fuzilados:
 esses são os heróis.”

— Pensamento que me turbava o espírito.

E o lento tropel se aproxima através dos charcos

Pisando ruínas e corpos apodrecidos,

Esmagando dinheiros que perderam o valor espalhados no
 meio das ruas

E retratos de família ao redor de lareiras ou de árvores de Na-
 tal,

Enquanto eu dizia para mim mesmo: “Um dia ouvi ruídos de
 uma criança que corria nos salões escuros do andar
 de cima. Fui ver e não havia ninguém; a criança cor-
 ria apenas em minha imaginação assombrada”.

Mas dos porões da Terra sobem os vingadores,

Dos porões da vida,

Que o sangue inocente clama das profundezas,

E isto é o que restou do mundo.

Wonderland ruiu,

Esboroou-se,

Fragmentou-se numa infinidade de peças lego com que um
 demônio travesso e mau se diverte

construindo

e destruindo

e tornando a construir

e a destruir sem fim o

destino dos homens.

Agora o cavaleiro se detém à minha frente
E em silêncio nos encaramos,
Eu, com meus olhos brancos de cegueira e geada,
Ele com olhos de brasa que, no entanto, não posso enxergar;
Ocultos detrás da viseira baixada.
Quanto tempo permanecemos assim,
quedos,
sem gesto ou palavra?

Queria descobrir o quanto dói defrontar uma face sem alma,
Pois ainda que vivo
O cavaleiro negro perdeu sua alma em alguma encruzilhada
Num caminho que,

à direita cairia num despenhadeiro,
e para a esquerda perder-se-ia no deserto.

Deixou-a ali, sua alma, encolhida e tristonha,
E voltou sobre os próprios passos,
Não precisaria dela para os combates que teria pela frente,
Não precisaria duma alma para defrontar-se com aqueles que
teria de matar.

Muito tempo se passou desde então, talvez um século ou mais, Mas enfim veio recuperar o que fora seu um dia.

Então pára à minha frente
E sem levantar a viseira
Espreita-me
Seren e tranqüilo,
Definitivo.

Por que,
Por que justo a mim procurou,
Por que justo de mim
quer tomar o pouco que possuo —
uma camisa manchada de sangue,
e um fardo que carrego às costas, mas
por dentro?

De como se abandona algo precioso e depois se regressa para recuperar o que foi perdido

- 59° -

Dormíamos

E então acordamos com o ruído.
 Abrimos os olhos
 E vimos que era ainda madrugada,
 Estava escuro e a alva tardaria.
 Todos dormiam nas tendas
 E o areal à nossa volta punha-se maior com o silêncio.
 Todos dormiam sossegados
 Com a certeza de que o fim do mundo não é o fim da vida,
 Somente nós abríamos nossos olhos na noite.

O sino

Um lobo uivou?
 Uma torre distante ruiu?
 Que sino é esse que parece badalar no inferno? (Ou foi o relógio da sala que marcou uma hora imponderável com seu pêndulo de bronze?)

Uma locomotiva em algum lugar triturou contra os trilhos o
 bêbado da véspera
 E a criança perdida nos salões do tempo chorou, sozinha; não
 havia ninguém com ela para escutar seu pranto.

Abrimos os olhos na madrugada para o céu estrelado
 E ficamos escutando...

Um estrondo dentro da noite
 que explicação terá:

grito
 tiro
 ou queda do 10º andar?...

Sei o que se passava em tua cabeça enquanto escutávamos:
 Pensavas que talvez o fim do deserto fosse o fim do mundo,
 mas ainda era cedo para desiludir-te.

- 60° -

Rebelião

Mas sempre será tempo de lembrar-me de Jerusalém
 E então rebelar-me contra o jugo do opressor.
 À meia-noite
 Levantar-nos-emos da margem daqueles rios
 que correm em terra estranha
 (Babilônia! Babilônia!...)
 E desfraldaremos nossa bandeira:

Cantaremos hinos a Sião,
Jerusalém brilhará em nossa lembrança com todas as suas tor-
res ao sol do meio dia,
E então teremos força para prosseguir:
O inimigo ouvirá nossos cânticos,
Dos ramos dos salgueiros recolheremos nossas harpas e abri-
remos nossos saltérios
Porque nossa bem-amada espera por nós;
Como poderíamos desapontá-la?

Nossos opressores, contudo,
Hão de tentar tolher nossos passos,
Ferirão os que avançam e muitos tombarão,
Sim, muitos de nós ficarão para trás
Prostrados no pó,
Seu sangue misturando-se à areia da charneca,
Mas eis que somos o povo escolhido e a vitória será nossa.
E quando
 famintos
 e despedaçados
 avistarmos ao longe aquela por quem anelamos
— Tu, jóia das cidades —,
Saberemos que nossa jornada chegou ao fim.

Adiante, pois! Sus! Adiante!
O dia de amanhã está à nossa espera
E o tempo cobra nossos passos.

Canto VII

- 61º -

Atravessa-nos às vezes o pavor feito a lança de um soldado,
Trespassa-nos dum só golpe
E nos vem à boca um gosto de vinagre;
Então temos medo de olhar pela janela
E deparar lá fora
Não com a rua que nos é familiar,
Não com o frontão do prédio vizinho que tão bem conhecemos,
Não com o dono do armazém, gordo e de tamancos, a descar-

Da floresta e da
sentinela à sua
entrada

regar mercadorias,
Mas com uma floresta milenar e escura e um cão de três cabe-
ças velando à sua entrada.
Porém o cômodo onde estamos

— este quarto que pertenceu a não se
sabe quem em tempos remotos e que preserva entre
suas paredes brancas de cal a presença invisível de
olhos que nos espreitam do sem-tempo —

Também nos assombra com seus horrores:

quem é aquela criança pendurada
pelo pescoço na trave do teto?

e essas inscrições nas paredes, serão
mantras, encantamentos ou meros palavrões rabisca-
dos a carvão por algum vândalo?

Então ouço esse ruído outra vez

E percebo:

você está batendo intervaladamente no
assoalho com uma tíbia humana, branca ao luar que
atravessa a vidraça.

Eis a nossa prisão,

E se sonhamos veleiros mar afora

Continuamos

exteriormente

ancorados em nossa estreiteza de limites.

(a criança pendurada no teto é só uma
lembrança ausente de nós, que vez por outra se insi-
nua pelas frestas da nossa vontade de esquecer; e os
signos rabiscados nas paredes são as palavras que
evitamos por medo, ou insegurança, ou estupidez...)

Voltamos a espiar pela janela:

duas mulheres atravessam calmamente
a rua e o sol ilumina o frontão do prédio em frente,
enquanto o dono do armazém, tendo terminado de
descarregar a mercadoria, acerta com o fornecedor e
seca a testa com as fraldas da camisa, pois esforçou-se
bem e o calor não está para brincadeiras.

A floresta? Mas qual? E nela, que Cérbero com sua tríplice
dentuça teria invadido nossos devaneios?... Ora, este
é o mundo cotidiano e prosaico que conhecemos, não
teremos outro, acostumemo-nos à modorra...

(mar afora

Da mensagem

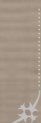
os veleiros têm suas velas rasgadas
despedaçados os mastros
e um louco no timão
os marinheiros bêbados dormem pelo
convés com a boca aberta e a cara inchada
pois não haverá salvação mar afora
ainda que não haver salvação seja me-
lhor que a clausura do cotidiano
mas isto para quem se lançou mar afora
não para quem continua a atravessar
prosaicamente as ruas
não para quem descarrega mercadorias
em pleno sol e seca o suor com as fraldas da camisa
não para quem vive a espiar de sua
janela o frontão do prédio em frente)

De como sobre-
vém o primeiro
desastre

- 62º -

Também naquele tempo não tínhamos veleiros
Nem carros
E era preciso viajar a pé:
caminho estreito entre morros
a jornada na poeira dos dias ensolarados
vagarosa viagem contemplativa
Íamos ali ouvir os cânticos
as homilias
receber as bênçãos
Deus seguia nossos passos.

E uma noite quando voltávamos
um lugar de perdição
no salão estreito de um botequim à beira da rua
um baile
e a cabeça de uma mulher que dançava
da rua
enquanto passávamos
espiei para lá e vi
uma cabeça
outros estavam ali e se divertiam com a música
mas só a cabeça daquela mulher que dançava
— por que aquela e não outra? —
e que somente vi de costas



permaneceu na minha lembrança.
 Mas nós passávamos,
 Íamos passando,
 Seguíamos em frente,
 Lá era a perdição,
 Nós voltávamos para casa.

Eu, um menino;
 mas a avó usava aquele pau que eu havia encontrado e
 lhe dera para fazer de bengala,
 usava-o para caminhar à noite à luz do farol ou da lan-
 terna nessas viagens;
 uma noite matou uma cobra venenosa (com a mesma
 bengala? outra?)
 e Deus estava presente para proteger-nos.

Dormíamos então na casa grande,
 na fazenda,
 O sono embalado pelo brando murmúrio do rio que corria ali
 perto.

- 63º -

Velas abertas
 Mar afora;
 Sentado no convés —
 no rosto o vento marítimo
 na boca o sal da imensidão —
 Conversava com Álvaro de Campos.
 Melhor dizendo,
 ouvia-o falar...
 que não falava mas dizia versos
 que tudo em sua boca eram versos
 tudo poesia.

Viajávamos
 Ou falávamos de viagens?
 Éramos marujos
 Ou nos divertíamos com histórias dos intrépidos que singra-
 vam os mares naqueles tempos difíceis?
 Soldados ou corsários?
 Sob a égide do império ou do inimigo?

De como se deu a
 bordo um encon-
 tro

*“Quinze marijos sobre o baú do morto
Hô-hô-hô, e uma garrafa de rum!”⁵*

Achegou-se a nós Caeiro,
E ao longe
Na ponte levadiça
Reis não tinha rebanhos a guardar
E mesmo Soares com seu desassossego
Fazia anotações para o livro num caderno
E pensava na Rua dos Douradores...

Súbita sonolência?
Desliguei-me de mim como sonâmbulo?
Então abri os olhos
E vi que num balanço do navio
E de meu cochilo
O *in-fólio* de Pessoa caíra nas águas...

- 64º -

Já não o velocino,
Não o caminho de volta para Ítaca
Nem de ida para as Índias:
Na casa vazia Éolo não entra, e não há rosas.

Caravela
A quilha encalhada num banco de areia
Feito um grande peixe morto
Não
As cheias não serão suficientes para libertá-la
E nenhum outro navio há de passar por aqui em muitos meses
ou quem sabe em muitos anos
Ninguém a bordo
Nem botes salva-vidas
Todos devem ter partido
— Sobrevivido, quantos? —

Sim, muito anos
Até o tecido das velas
— Resistente, pois o tecido das velas é resistente —

Da nave encalha-
da

⁵ Antiga canção de marinheiros.

Apodreceu
 E está cheio de buracos
 Muitos anos
 Um tempo incontável
 Aqui não é uma rota normal para navios
 Não virão os argonautas
 Odisseu passará muitas milhas ao largo
 E os corsários nada encontrarão para roubar
 A nau se perdeu
 Lá permanece batida pelas águas pelos ventos sob o sol dia a
 dia anos a fio
 Presa na areia do fundo.

O tempo é navio que não encalha
 E a todos leva de roldão
 mas para o fundo
 que sua rota é o fundo
 seu destino o naufrágio.

- 65° -

O morto da véspera foi sepultado com todas as honras da indi-
gência:

Não salva de canhões,
 Apenas umas flores murchas sobre o caixão;
 Nem cortejo de homens importantes,
 Só alguns bêbados fiéis e um cachorro velho.
 Mas quando foram remexer seus pertences
 Perceberam que não estivera morto,
 mas louco;

E quando foram procurá-lo em sua cova
 A encontraram vazia
 Pois o haviam posto por distração em sepultura alheia.
 Buscaram por ele e não o acharam,
 E então suspeitaram de que havia se levantado e saído,
 Talvez tivessem passado por ele na avenida
 sem o reconhecer

— Um defunto transitando à luz do dia
pelas ruas da cidade! —

Mas vivemos num tempo em que é mesmo difícil distinguir os
 vivos dos mortos, principalmente dos loucos.

O morto da véspera é agora um cavaleiro andante, quixotesco,

Da fuga

talvez a velar suas armas nos fundos de uma tasca
Ou a sonhar donzelas entre prostitutas,
Ímpares belezas entre velhas desdentadas...
Pode ser,
Há de tudo no mundo.

- 66° -

Lua crescente vermelha lâm**I**na
estrela é flor
ou ferida?
A explosão é um olho maligno
No miolo do vórtice
Espiondo pra fora
Arame farpado o futuro
e o aço das baionetas um dedo
apontado para nosso peito
Toda guerra nasce primeiro no coração do homem
Deu**S** quer assim
(eles dizem)
a dor purifica do ódio e do pecado
Pois não há inocentes

Da vontade de
Deus

Na primeira página do jornal pregada no muro
Preto-e-branco é o sangue derramado
Mas de que cor é o sangue dos nossos filhos?
Um homem vestido de bombas
Moda e estilo:

a arte de matar
não é moderna
mas eterna

Corpos despedaçados
Apenas impressões em escala de cinza no pape**L**
O sorriso em seus lábios

esperança
ou escárnio?

Há sempre um olho vermelho
A nos vigiar

atrás do postigo
das vidraças
dos muros

E que lâminas são essas que nos mutilam



(também a alma)?

Da incredulidade:

Da compaixão

compaixão é o alimento dos fracos.

- 67º -

Havia cavalos relinchando nos prados
 E os arqueiros dormiam sob os cedros,
 Um cheiro de lírios a espaços com a brisa
 E uma donzela que lava os pés no regato,
 Preparando-se para deitar-se com seu herói.

Exércitos desceram dos montes
 Mas não para a luta,
 Mesmo os soldados se cansam e sonham em voltar para casa,
 Ser outra vez camponeses,
 Homens de negócios,
 Pais de família,
 Ter namorada ou noiva ou esposa
 E um lar.

Quem são os
heróis

Não há heróis entre aqueles que matam os filhos alheios,
 Mas sim entre os que alimentam os próprios filhos.

A donzela está pronta,
 Sobre o corpo úmido o vestido leve pega-se-lhe à pele,
 E o rosado dos seios
 Aparece sob o tecido semi-transparente.
 Os arqueiros despertam
 E preparam seus arcos
 Enquanto os cavalos empinam o pescoço e espetam as orelhas.
 Alguém sopra uma trompa na encosta próxima
 E ao tropel alguns pedregulhos rolam:
 Conversando alegremente
 Os soldados vão longe agora,
 Lírios desabrocham nas margens
 E a aragem é uma espécie de música silenciosa
 Que somente ouvem os que amam.
 Himeneu:
 Prontos os arcos,
 As setas voam como pássaros ferozes.
 Os lírios serão sempre brancos



Mas o sangue que corre na manhã
Não é de mortos em combate,
Mas da donzela de quem colheu-se a flor...

Da flor colhida na
manhã

- 68º -

Pois naquela ilha, a qual mapas não registram,
John Long Silver não irá,
Não se ouvirá ali

A Terra do Nunca

“Moedas de oito!”

“Moedas de oito!”⁶

Naquela ilha
Nenhum velocino,
E Argos teria ido ao fundo antes de lá aportar,
Argos,
O barco dos heróis.

Um só rochedo, tampouco Monte-Cristo com o ouro dos Spada⁷,

Pois lá é o mais vasto dos oceanos,
Um só rochedo que avulta das águas
E aponta o céu
tão negro.

Tangencia o horizonte
A rota das naus,
O arco toca as cordas —

velas?
caravelas?

Música sobre as ondas
Enquanto de pé na praia vejo passarem os navios perdidos
batidos pelos sete mares,
pelas três Fúrias — filhas da Noite —,
por todos os furacões.

Passam sem dar com esta Terra do Nunca.

Talvez os deuses estejam descontentes
E de seu eterno não-ser espiem nesta direção com olhos algo-
zes:

⁶ Frase que o papagaio do pirata John Long Silver gritava, no romance *A Ilha do Tesouro*, de R. L. Stevenson.

⁷ No romance *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas Pai, o tesouro encontrado por Edmundo Dantés na ilha de Monte Cristo pertencera à família Spada.

De como o herói
foi abandonado

*“Deixemos o herói entregue à sua própria sorte.
Será lembrado como herói se intercedermos?”*

Pois quando vier a guerra...

Mas que guerra
e feitos gloriosos
são possíveis neste Lugar Nenhum?

No crepúsculo

O rochedo enegrece e logo será um com a noite.

Silenciou a música?

Que corda rompeu-se do violino?

Mastros despedaçados,

outro veleiro aparece e desaparece naquela linha entre abismos,

Enquanto aqui

Nenhuma inútil espada conhecerá a glória.

- 69º -

Também do alto do monte

Vasculha o deserto aquele que recebeu a partida,

Assiste ao desfile dos vencidos:

passa um batalhão de soldados estropiados carregando feridos em padiolas, uma bandeira rota fechando o cortejo;

e vem meio destruída uma caravana que demandou o fim do mundo e agora vagueia dum lado para outro, sem destino certo;

mercadores cujas mercadorias perderam o valor também passam, José não está entre eles e o Egito é só uma lembrança de antigos túmulos no feitiço de pirâmides e um deserto à sua volta; vão, largando despojos e à procura de melhores praças onde assentar seu comércio;

depois, arrastando sudários, uma princesa velha, que há muitos anos perdeu o rumo do castelo de seu pai e leva a vida a procurar seu noivo num país que somente ela imagina;

e por fim a matilha de cães selvagens cheirando os restos deixados pelo caminho...

De que vale sonhar

De como se vê
passar um estranho cortejo



Gil Cleber

Se aquela não será nunca a nossa direção?
Se aquele,
O rumo dos perdidos,
Somente aos valorosos estava destinado?

- 70° -

Porém do sábio as cãs um peso já se tornam,
E de que valem
Se da sabedoria são de louros a coroa alcançada,
E não mais
Pois já fraqueja o desgastado corpo
E a beleza há muito se desfez
Para enfim recolher-se à sepultura?

Oh, antes gozar um pouco a embriaguez do vinho
E de uma donzela toda a doçura do amor,
Outrora, por paixão da ciência, descuidado!

De um contrato

(*vãglória*)

— Aquela, de cabelos tão loiros e talhe tão sinuoso, pele tão
alva e olhos tão puros como o dia, que naquele recan-
to de jardim se ajoelha e reza, à hora do Ângelus? —
a sedutora voz, velada promessa.

E prossegue,

Cício ou viração?, o próprio coração gelado a falar, talvez:

— Tão mais suaves que o frio escalpelo o toque daqueles dedos
E mais doces aqueles lábios que a *chímica* dos laboratórios,
E mais bela visão do que provê o *coelestis oolío* da luneta, que te
pode abrir os abismos do céu, mas não a alcova dela e
sua nudez...

Porém o inferno e não o céu como prêmio —

E tal conquista, no fim das contas, não figurará um ludíbrio?

Que aquela carne tão branca e capítosa também apodrecerá

(*ylusion*

uaydades)...

E coberta de vermes ainda atrairá tua sensualidade?

Ainda, o que é o céu, e o que é o inferno, ó homem timorato?

Que sabeis de ambos para temerdes? De que vale a
alma se não há eternidade?

E o sábio nunca tendo em seus livros deparado explicação pa-
ra essas dúvidas julgou-as sem resposta,



ou de pouca importância,
 E estendendo a mão, aceitou a oferta.
 E avançou mar aberto,
 Mar encapelado,
 Não teve medo da tormenta que se anunciava
 — Outra maior rugia em seu peito! —,
 Não teve medo,
 Apesar de sua tão frágil embarcação.

Canto VIII

- 71º -

Mas o velho patriarca não teme o mandado de Deus
 E está disposto ao sacrifício.

A caminho de Moriá
 São duas sombras vagarosas
 Levando lenha, pederneira e acendalha
 Enquanto o sol da tarde fervente
 Cresta as ervas miúdas entre as pedras.

Onde se pergunta
 sobre a vítima
 para o sacrifício

*“Mas onde estará o cordeiro
 para o holocausto?”*

O velho patriarca encetara sua viagem
 E tinha um companheiro

(tornaria só?);

Sua guerra era contra o Senhor de todas as batalhas.
 Porém não temia

Pois o Senhor de todas as batalhas não pretendia um adversá-
 rio desarmado e o provera com espada de afiado gu-
 me e broquel da mais dura têmpera.

Vai, e não hesita nem tarda,
 Que hesitar não pode
 Pois é valoroso,
 E tardar não deve
 Pois Moriá ainda fica longe.

-72° -

Esplende o sol,
Rútilo escudo
— de qual espadachim?

Porém o Anjo do Senhor guarda a entrada do Jardim com espada flamejante.

O Anjo do Senhor...

Ou serão essas grandes cabeças de pedra olhando o mar,

Silenciosas sentinelas de um jardim fora do tempo

À espera de um inimigo que não virá nunca?

Naqueloutro infiltrou-se a serpente

Onde o anjo com sua espada de fogo vigiava em vão.

Porém aqui

Que mãos criaram esses deuses

Que apenas contemplam

sem vê-lo

o oceano?

A sombra do eclipse

O que será

Senão a luta da treva contra a luz,

Do grande dragão contra o herói de escudo reluzente?

Ó tempos de divindades e de lendas

Dos mitos construindo verdades!...

Esplende o sol,

mas na encosta dos montes o jovem pastor de cabras seca

o suor da fronte e procura uma sombra, tentando a

moita com o cajado;

E se uma pastorinha por ali se aventurasse à busca de uma rês

desviada, ele a distrairia de sua obrigação com o fito

de roubar-lhe um beijo.

Não é mais tempo de heróis,

Mas de pastores enamorados

E meninas desejosas que percorrem os montes.

É tempo tão só do amor,

Do puro e simples amor.



- 73° -Do tempo de
escola

No porão da fazenda

a escola
as mesas longas sobre as quais se debruçavam
outras infâncias
lápis borrachas cadernos caligrafias desenha-
das no vagar das manhãs
um contínuo zumbido
o perene murmúrio da leitura

(Por que a gente morta
tem de conhecer letras
e números?)

naqueles tempos havia uma escada com de-
graus de pedra
meninas nos degraus conversando e rindo
uma tão alva e tão bela
mas também uma árvore imensa de raízes
grossas saindo da terra
sob a copa meninos reunidos
e depois no largo defronte à casa grande
meninos correndo
meninas brincando de roda
lá embaixo o riacho
um tronco a feitiço de ponte
a professora cruzava a ponte
depois ladeira acima com os livros nas mãos
e a porta do porão se abria:
o zumbido começava...

Do porão

A porta do porão...

porão
porões
cavernas
conchas sob a terra
ossos petrificados
fósseis

Galera submersa

— seco o leito do oceano
nesse tempo depois da História —
ressurge
carcaça de fera cenozóica

no entanto viva sob um céu vermelho de urânio.
Argos?
Ou a arca?

Já não há homens sobre a terra,
E das vastas construções da mão humana
Derruídos vestígios é o que atesta a brincadeira de mau-gosto
que foi ter havido um Jardim do Éden.

-74º -

Houve dias de sol naquela parte do mundo
— oceanos são como coisas de que,
falando-se, não se consegue falar completamente —,
Dias de sol, mas não navios mercantes no cais,
nem navios de guerra,
nem marinheiros maltrapilhos,
nem prostitutas perfumadas nos cafés.

Mas o quarto
a alcova
a caverna

Nas paredes (de rocha) inscrições rupestres contando uma história sagrada, lendas sobre deuses e anjos, e altares para sacrifícios: uma virgem será imolada em holocausto para aplacar a fúria dos céus, mas não há o que temer, pois ela viverá, converter-se-á em estrela e estará junto às divindades para sempre.

Do sacrifício

E da floresta viria um dragão
(serve um dragão, qualquer fera mitológica, qualquer criatura que um menino possa imaginar),
E o menino sem medo o enfrentaria com uma espingardinha de madeira —
Mas não em Naxos,
Nem havia ali um Minotauro.
Uma ave de rapina não arranca os olhos de alguém vivo
E o menino tem apenas sua pequena arma,
Mas muita coragem.

A infância é um sono do qual sempre se acorda tarde demais!

Do despertar



- 75° -

Da casa paterna

Porém de entremeio àqueles tempos

— o sulco do arado na terra **F**értil
e o pão sobre a mesa posta —

Figuravam a semente na terra

E o suor no rosto.

Não importa qual fosse a idade do homem em sua faina,

Aquele era sua vida,

E ainda o seria sem alterações pelos anos afora.

Entre o sulco e a mesa

Contar-se-iam as estações, o transcurso dos dias e das sema-
nas, as chuvas que viriam molhar a te**R**ra e tornar
mais intenso o verde das plantas, o Sol com sua luz e
a luz das estrelas nas noites quentes, nas noites fri-
as...

Havia um canto de galo naquelas madrugadas?

Um galo cantava no terreiro de casa,

Prenunciava o dia

Enquanto do despertadorzinho verde, na mesinha de cabeceira,
o ponteiro avançava outro minuto.

Do caminho

dias em que o caminho por sua vez era
somente um risco um trilho entre os
morros e no primeiro dia de aula a
mãe levou o filho até a escola no po-
rão da fazenda o filho tão pequeno
que sentia medo de estar ali no meio
de todas aquelas crianç**A**s e ela a
mãe também ficou sentada junto à
porta como para dizer ao seu menino
não te arreceies de nada que tua mãe
vela por ti aquele era o caminho de
casa e o caminho de casa é sempre o
caminho do cais do ancoradouro do
refúgio e a casa é esse lugar onde os
pássaros fecham suas asas e os navios
baixam suas velas e as crianças pe-
quenas fecham os olhos em paz

Abrir os olhos para as estrelas

— Ainda madrugada, o cavalo arreado defronte a cozinha —

E na mesa o café quente a fumar na canequinha de louça:
Não,

Não um dos cavaleiros do Apocalipse naquelas madrugadas

Mas um menino que todas as manhãs cavalga

E sempre ao meio-dia retorna,

Sempre um menino para quem o mundo não importa que forma tenha nem o que pensam dele os adultos nem o que do mundo os adultos possam dizer:

— Um menino tem o poder de não poder nada, e isso é que é poder muito, poder tudo (pena é que nenhum menino compreenda isso, e quando um dia o vem a compreender, é certo que então já não terá poder para muita coisa, ou para coisa nenhuma, e que peça a vida lhe terá pregado!).

Do pequeno cavaleiro

Da compreensão do poder

a casa é esse lugar de paredes **C**orde-rosa e janelas verdes assoalho de madeira e teto forrado com tábuas finas a casa é uma concha onde sempre se encontra uma pérola

E o homem — não um simples homem mas *o homem*, o herói, o combatente de muitas batalhas — perseguiu sua fortuna sem que lhe fosse dado obtê-la, embora a fortuna também seja o procurar por ela.

Ainda uma vez sobre heróis

Entre o sulco do arado e a mesa posta,

À volta da qual três eram os convivas,

O cotidiano labor

— E eis aí a não reconhecida fortuna.

O fogo aceso

— crepitar da lenha no fogão,

lenha colhida na mata (onde também se podiam inventar feras e lutar contra elas),

estalidos familiares a lembrar o abrigo —,

A água cantando na bica,

As galinhas cantando no terreiro sob o olho atento do galo,

O balido das cabras,

O rumor do vento nos ramos do louro...

(E também nisto não se reconhecia a fortuna buscada e obtida.)

e então viria a noite e o preparar-se

Acerca de uma
cantiga

para ela lavar os pés acender as lamparinas fechar as janelas mas havia uma janela no corredor que anos a fio cantava sua música todas as tardes o rangido de quando girava nas dobradiças antiqüíssimas e enferrujadas
Cantiga que mesmo hoje persiste pois o abrigo foi abaixo e outro veio ocupar o lugar dele mas transformação alguma a não ser a morte pode abafar essa música calar essa voz que canta pois aquelas tardes que há muito se perderam na esquina dos dias ainda não findaram e decerto não findarão enquanto os olhos do menino permanecerem abertos

Aquele foi um tempo de odisséias,
Simples e singelas,
Um tempo de belezas incompreensíveis,
De encantamentos irrecuperáveis.
E os heróis s**O**breviveram.

-76°-

Paisagem

Ramos dos pessegueiros em flor
Que o vento agita e pétalas caem.
Um pássaro bate as asas,
Suave rumor — águas rolando,
Sussurro nas pedras do regato
E as plantações de arroz ondulam à viração.

Fio luzente da espada,
Vulto semovente, veloz, luminoso transpor,
Infalível felino:

mestre samurai

ou silencioso tigre?

Caminho que contorna a montanha,
Um fio tão branco,
Tão longa serpente
imóvel.

A neve dos cumes sob o sol,



derrete-se?
São verdes os cedros
E o céu azul:
Silva a lâmina no ar parado.
Um corvo crocita
e vigia.

- 77º -

E dos que sucederam aquele de quem se dizia “O Grande” bro-
tou uma raiz do pecado que sobre a terra sagrada a-
vançou sua soberba e o poder dos exércitos,
Levando ao Templo profanação e blasfêmia.
Ordenou: “Prosternai-vos diante dos meus deuses”;
Porém, como nos inclinaremos diante de pedregulhos?

De como tivemos
nossa fé provada

Mas a força é concedida a quem contra o mal investe:
E da casa dos valorosos
ergue-se o herói,
Pois a luta não pode arrefecer:
Haverá trégua para os nossos braços?

“Grande e poderoso é o inimigo que avança”
Disséramos antes de empunhar a espada, pois tínhamos medo,
“Maior que nós, que estamos abatidos e fracos”,
Porém maior ainda é Aquele que conosco vai à peleja.
E fez-se a guerra, porque tinha de fazer-se,
E os ferros entrechocaram-se com fragor
Pois de outro modo não seria,
E como bonecos que meninos esparramam ao fim da brinca-
deira
Desbaratou-se o inimigo,
E ainda à semelhança desses mesmos bonecos atirados para o
fundo da caixa
Correu expulso para longe da fronteira,
E o Templo foi purificado.

Da purificação do
Templo

- 78º -

Junto às escadarias dos palácios,
Aos pórticos das mansões,
Em vão nos fatigamos tentando falar aos poderosos.
Muito tempo estivemos ali

De como não
pudemos falar aos
poderosos

De nossa jornada
através da grande
cidade hostil

Mas não fomos ouvidos.
Mostramo-nos aos olhos dos que passavam,
Dos que entravam e saíam sobraçando volumes, ar de altivez e
expressões graves acima de suas gravatas de seda,

Mas não fomos notados porque nossa insignificância nos tor-
nava desprezíveis, e aqueles homens não estavam ha-
bituados a olhar para baixo.

Matamos nossa sede na água dos chafarizes e nos abrigamos
do sol sob pontes, marquises e embaixo dos viadutos,
mas para nossa fome parecia não haver remédio;

Transitamos nossa indigência pelos parques,
Naqueles lugares onde cavalheiros ostentavam seus relógios e
damas suas toaletes reluzentes cheirando a sândalo,

Mas éramos maltrapilhos e fomos expulsos.

Detivemo-nos junto aos monumentos,

A esses símbolos de falência e falácia com que o homem ilude
sua mortalidade,

E secamos o suor da fronte com nossas roupas

Enquanto pensávamos num rumo a tomar,

Espiando nesta e naquela direção

Como se uma ou outra fizesse diferença,

E nos enganávamos mastigando o pão negro que preservára-
mos da semana anterior para um momento assim.

(Haveriam os profetas de aduzir seus vaticínios,

As sibilas seus devaneios,

Mas como compreenderíamos essas histórias

Se não entendíamos sua linguagem de mistério, se não de en-
gano?

E assim permaneceríamos ao relento.)

Encolhidos à sombra, ao pé das altas torres,

Pusemo-nos a lembrar do tempo em que podíamos correr por
uma campina muito verde com flores silvestres bro-
tando entre a relva,

E esse tempo pareceu não ter existido.

Que foi feito de tudo aquilo?

Como esse asfalto recobre o chão

E onde houvera uma floresta hoje se erguem postes e prédios

E os antílopes foras substituídos por automóveis e motocicle-
tas,

Nossas vidas se converteram nesses andrajos, menos das roupas que de nossos corpos, tanto de nossos corpos quanto de nossas almas...

Um dia foi nossa infância

Quando as sibilas dormiam sob as pétalas dos lírios

E não podiam nos enganar sobre o futuro;

Hoje é este tempo que não foi predito,

E nossa enfermidade é tão somente sermos o que somos

Sem que o resto do mundo saiba o que não somos.

Quisera rever aquela chaminé no caminho da colina

E o fumo que se evolava lembrando anjos muito brancos sobre o telhado das casas,

Mas somente apontam para o céu as chaminés das fábricas e das indústrias, fazendo girar essas rodas imensas e esmagar o pouco que de nós restou impoluto.

Continuemos nosso périplo nesse mundo estranho que não escolhemos,

Avancemos nossos passos, nossos pés calçados com alpercatas,

Espiemos essas maravilhas e horrores que não são nossos

Mas que nos destroem.

Será talvez nosso destino sucumbir aqui,

Longe de tudo que nos pertenceu e não teremos mais,

Mas não desistamos,

Pois enquanto pudermos arrimar-nos a um cajado e andar, e carregar nossos pertences — tão poucos, tão pobres — em pequenas trouxas,

Saberemos estar vivos,

Estar ainda vivos,

E restar-nos pelo menos nossa busca, nossa jornada,

Nossa vitória ou derrota,

Sobretudo nosso ser o que somos,

Ainda que somente nós o saibamos.

Agora atravessamos ruas e praças

Enquanto sibilam os centauros de aço ao longo das avenidas

E a luz dúbia dos postes, dos letreiros de neon, das janelas envidraçadas

Constrói uma noite falsa dentro da noite verdadeira.

Cruzamos uma alameda e saímos num largo onde lindos meninos e encantadoras meninas brincam

Da persistência

Os escolhidos

— faunos e ninfas —
 numa algazarra própria da felicidade,
 E reconhecemos:
 “Eis os escolhidos”,
 Mas não podemos nos deter e admirar a alegria alheia, porque
 aos enfeitados a alegria alheia é proibida.
 Por um momento podemos lembrar-nos do nosso tempo,
 Pois ainda que de outra maneira
 Também nós tivemos nossa ravina e nossos folguedos
 (Decerto não éramos tão belos).
 Já vamos longe, e a algazarra agora é um só e suave murmúrio
 na noite, mas pensando em nós mesmos e no que nos
 tornamos, não deixamos de reconhecer que terá fim
 um dia, mesmo para os escolhidos o fim chega, tam-
 bém com sombras e lágrimas, e seu cristal se parte;
 Mesmo para os escolhidos
 O céu escurece
 E o tempo da aflição vem no ritmo dos ponteiros do relógio —
 O que fica sob os destroços, além de um lamento e a inconsolá-
 vel dor de quem perdeu mais do que tinha para per-
 der?
 Seguimos noite afora.
 Os centauros rugem abafando nossos passos
 E o calor da cidade
 Faz comum nosso cheiro e nosso suor.

- 79º -

Eis que um certo dia,
 Desse dias antigos sobre os quais pousa a poeira baça do tem-
 po e um sintoma de eternidade,
 O menino foi com sua mãe àquela casa entre montanhas,
 Uma casa simples com um pequeno quintal em que se planta-
 vam flores e uns pés de jabuticaba, como é costume
 nas casas da gente do interior,
 Onde morava uma velha senhora.

Do retorno à casa
 da velha senhora

Mas o menino não voltou àquela casa,
 Àquele recanto
 — Nem tão longe,
 Mais perto que longe —

A não ser quase quarenta anos depois,
E então entrou pelo mesmo caminho
(Ou outro que seria, tanto tempo transcorrido)
E chegou naquele lugar onde não havia mais
casa,

Só um sinal de ter havido ali uma casa,
Lembrança de ter existido gente ali,
E vestígios do pequeno jardim.
O silêncio talvez fosse ainda o mesmo,
Mas a época tinha seus novos corrosivos,
Seus ácidos medonhos,
Seus venenos irremediáveis.

Era tempo de existir com sofrimento, de atar-se a um rochedo e
enfrentar o abutre faminto que viria, de sentir nas
costas o granizo da madrugada, nas retinas as cores
berrantes do inferno.

- 80° -

Esplende o sol
— rútila moeda?
Dinheiro na mão do jogador,
Do bêbado
Que vai à bodega embriagar-se com ele.
Ah, o tempo dos heróis...
Dos veleiros naufragados...
Das caravanas perdidas...
Sim, os tempos são outros.

Canto IX

- 81° -

“No dia da purificação, uma caixa de cinzas será atirada
do céu e queimará a Terra, e fará ferver os oceanos.”
(Profecia hopi)

Pois o equívoco teve início naquele lugar chamado Éden,
Onde havia um fruto
proibido.

Lama sobre os olhos?

(Procurar no escuro com as mãos é cair no fundo

de um poço sem fundo...)

Mas o anjo,
A sentinela à porta do jardim —
Terá tosquenejado?

Que o vôo

(o grande pássaro que alça vôo
não é decerto o engenho
mas o que dentro dele fecha os olhos)

O vôo foi esse despertar para a luz.

(auf**K**lärung)⁸

O segredo do mundo:

Charnecas, montanhas, rios

— Cavernas são como poços profundos para um mergulho em
direção ao próximo sobressalto —,

O branco e semovente areal do deserto,
o engano de suas dunas
onde o tempo oscila...

Nebulosidades: névoa, fumaça, confusão;

O verde intenso da agreste natureza

Transforma-se, suj**O** de fuligem, nessas ilhas de solidão que se
chamam “cidades”.

Amontoamentos promiscuidades imundície fedor

caixas sobre caixas empilhamento das gentes
o brilho das luzes é o disfarce da podridão
que corrompe até a alma até o cerne do espírito

E todos se curvam diante do ídolo construído por mãos huma-
nas, sem rumo não no deserto onde podem erguer-se
bezerros de ouro, mas nessas ilhas de solidão...

Porém do fundo da natureza cansada

Emerge a voz

— O canto

(...k**Y**rie eleison...⁹) —

Da Terra,

Desperta como criança doente na escuridão da noite

Das ilhas de soli-
dão

⁸ Movimento filosófico também conhecido como Iluminismo (séc. XVIII). A palavra significa ainda **conhecimento**.

⁹ O Kyrie Eleison é uma das partes da missa de réquiem.

e solta seu lamento.

Criatura feito gado, boi de arado que anda às parelhas ao peso
da canga

mas carrega o estigma
a semelhança de Deus.

(Escarnecerá Deus de sua criatura?)

Aviões pousam

(não em r**A**mos)

E, leves vêm, lentos, pela pista...

(mas não gorjeiam)

Não são colibris de asas velozes

Nem provam o néctar das flores.

E a velocidade!

Todos fogem?

fogem?

“Corremos em direção da vida ou da morte”

um profeta pergunta aos seus búzios

suas cartas

suas bolas de cristal

“ou apenas para o n**A**da?”

Que importa se, no fim, tudo se resume a uma pá de cal?

E os automóveis na noite são só dois fachos luminosos

que vertiginosos passam.

Um ogro velho debruçado à janela

— espia a vida?

O ogro fala mas não se lhe ouve a voz:

Fala a alguém que está dentro,

Detrás da parede.

Ogro — ou tão só um guerreiro que perdeu a ba-
talha decisiva?

Mas não,

Não vai a grande esfera da lua

Colidir contra o prédio de reluzentes vidraças

nesta noite de verão.

Na gare

Como formigueiros:

Resumo

Multidões são como formigueiros, massa informe, coNfusa —
onde está o indivíduo naquele caldeirão fervente?

Portas giratórias: grandes moedores de carne
moendo sem parar carne humana...
(correrá sangue
a menos que se atire uma bomba?)

Não,

Não engrenagens

Mas:	circuitos	vias
	fios impressos	pontes
	numa placa de silício	prédios
	transistores	praças
	<i>chips</i>	monumentos

Cores

Intensas e melancólicas

CIdades

Vistas de muito alto parecem circuitos de computador.
...e que silêncio este
que provém da própria solidão de ser

Porém não mais a velocidade

Mas a lentidão da vida:

O ritmo que súbito se altera: a vacuidade do ser dentro dos
dias só traduzir-se nessa lentidão de viver
(construir, fabricar, andar ou espiar as horas
invisíveis, que não têm cor nem viscosidade alguma).

E os automóveis deslizam ao longo das avenidas,

Dos viadutos,

Das pontes suspensas...

uma ponte explodindo
automóveis passaram ali noutros tempoS
máquinas e pessoas
mas agora não serve mais
e ela sucumbe
— um inseto gigante —
sucumbe
com um silencioso grito
de dor

O lixo das ruas

— Monturo no coração dos homens.

Cidade habitada em ruínas,

 escombros desses edifícios e suas vidraças
partidas, postes de iluminação pública com as lâmpa-
das quebradas, água rolando pelo calçamento, terrenos
baldios onde se **Q**ueima a cotidiana imundície...

 A gente apodrecendo no engano de existir.

(Que estranhas e céleres sombras deslizam sobre a cidade —
tumultuoso céu, ameaça de tempestade, dilúvio a afo-
gar a insânia de estar aqui: que pena não sobrevir ou-
tra vez por quarenta dias e quarenta noites!)

Moedas na mão,

Umhas poucas moedas sem valor

 — a medida de tua miséria
 mas tu segues rua afora
 e ainda tens a capacidade de um sorriso,
 um tolo sorriso
 ainda assim um sorriso.

(Vultos, sombras, almas penadas em chusma — o que resta da
nossa ilusão?)

A agoni**A** desses edifícios caindo:

Tombam

Como velhos elefantes aos tiros do caçador
(mas não deixam presas de marfim).

O que virá ocupar esse espaço vago

Se não o arremedo de um sonho

— A estupidez de um engodo?

(Somos como as águas represadas das grandes hidrelétricas:

Quanta força contida,

Quanta fúria inútil,

Quanta dor calada,

Quanto desespero.

Mas e se nas barragens houver uma fissura?

Um estalido pequeno que se vá prolongando paredões acima e
abaixo?

Quem poderá conter então nosso ódio liberto?)

E dentro da noi**T**e continuam os faróis,

Somente faróis,

Luzes que passam em todas as direções



Marcando de cores vertiginosas a paisagem urbana.
Não há esperança:
Resta-lhes apenas essa corrida,
Resta-lhes tão só
correr

Faces
indiferentes sorridentes engraçadas perple-
xas indecisas múltiplas impessoais
faces
somente faces

Pois entre os homens
Quão grandes são esses desertos,
Nas portas
(do coração)

Que grades,
Que defesas nos gestos,
Que assombro**S**!

Contudo, de um vôo:
 não poderá sobreviver uma queda?
Aquele objeto fora feito para ser atirado e cair (e não voar).
Um vôo que se alça
E uma queda se impõe:
Terrível esse sol que tudo queima
 (minhas retinas
 e o sangue de tuas veias)
E esse veneno que contamina o ar
E essa nuvem que se eleva como um braço, um punho erguido,
 um gnomo num conto de fadas
 (ou de horrores),
E as cinzas que ficaram:
 cinza e entulho
 com que se construa
 do *homo(húmus) sapiens*
 um monumento mausoléu.

Vida
*A vida em desequilíbrio.*¹⁰

¹⁰ As letras em destaque nesta estância formam a palavra do idioma indígena hopi **Koyaanisqatsi**, que significa “a vida em desequilíbrio”.

- 82º -

E contra Jerusalém levantariam as armas seus algozes:
a força de seus guerreiros,
cavalos e elefantes adestrados,
carros de combate
e máquinas de guerra,
fundibulários infalíveis —

Este o exército,
E o filho do rei morto em terra estranha
(Que o pacto de paz firmado trairia):
Continua a guerra

com seus braços armados
a assolar entre os homens.

Do pacto traído

*(Não debes, donzela, em tua torre adormecer
Nem Amor acalentar em teu regaço,
Mas permanecer de vigília
Que lá fora estruge
não o granizo e a geada
mas a insânia dos homens.*

Da donzela em
sua torre

*A cavalo virá, e a galope,
um valente para colher tua flor
ou o assassino para colher tua vida?*

*Não te deixes, donzela, enganar pela placidez dos teus domínios:
uma fera de sete cabeças e dez chifres passeia pelo mundo
e dilacera a humanidade.*

*Que restará para ti
A não ser tua terra convertida em cinza
E teu reino em destroços
Quando o horror passar diante de tuas janelas?)*

E a guerra duraria muito tempo
Pois agora o herói tombava no campo de batalha
E estava morto.
E mesmo que outro tomasse seu lugar e guiasse os exércitos
Sobreviria um tempo de homens perversos
— Pois sempre haverá homens perversos —,
Grande fome e nunca vista tribulação



— Pois a qual guerra não se sucedem tribulação e fome para
os inocentes? —
Até que aqueles dias chegassem ao fim.

- 83º -

Do que vimos no
espelho das águas

Paramos à margem de um lago para lavar as mãos,
umedecer as têmporas,
refrescar nossos corpos
E nos surpreendemos com os rostos que vislumbramos refleti-
dos na água:
Não são apenas os cabelos começando a embranquecer,
Ou as rugas a traçar sulcos e relevos em nossa face,
Nem os dentes postiços
E o olhar lacrimoso.
Por tudo isso podíamos esperar,
Pois não nos esquecêramos do tempo transcorrido
E do que vivêramos em todos esses anos,
Sabedores que éramos das nossas adversidades.
Afligiu-nos deparar esse ar de descrença
Como se de súbito Deus se houvesse ausentado de nós,
Restando à nossa volta o chão calcinado de uma charneca
Na qual se alonga a sombra singular de um cacto.
Entreolhamo-nos, em resposta à pergunta que em silêncio nos
fazíamos:
“Para onde Deus se retirou?”,
E nossas mãos se procuraram,
Um tanto trêmulas,
algo incertas,
e se apertaram numa vã tentativa de comunicar, uns aos
outros, calor e esperança,
Conquanto tão só nos encarássemos
Mudos, desnorteados,
Cada qual esperando que fosse o outro a quebrar tão penoso
silêncio,
Como se tal descrença figurasse um motivo de vergonha para
nós,
Que nos retivesse na garganta as palavras com que fôssemos
enfim proclamar a verdade.
Ainda quietos nos levantamos,
Apanhamos nossas trouxas e seguimos caminho.
O dia mal começara

E o sol forte já nos castigava.

- 84° -

Abro então o escrínio que os antigos deixaram
E descubro que está vazio.
Não há nele jóias nem lendas,
Nem cavaleiros andantes nem anjos decaídos.
Abro o escrínio e percebo que também não brilha o sol¹¹ entre o
forro de cetim com cheiro de bolor,
Nem relógio algum marcou o tempo entre suas paredes;
Só uma noite escura apareceu
Sem pontes nem catedrais,
Nem espelhos partidos
Nem ruas desertas com lâmpadas apagadas:
Tampouco seria noite essa noite que de dentro dele insinuou-se
feito serpente,
Mas alguma escuridão desviada de seu rumo
Que, sem se saber como, foi parar ali:
Um presságio de agonia, longe, nos sinos de bronze das igrejas,
Uma missa negra,
Um encantamento desfeito.
O escrínio não abrigava carruagens nem bosques
Pois era um deserto,
Nem os veleiros poderiam navegar
ou naufragar nele
Pois era um pântano,
E não havia festas nem gente feliz
Pois era uma casa vazia.

Do escrínio deixado como herança

- 85° -

Assalta-me um pavor súbito de estrelas apagadas,
de cavalos convertidos em lama,
de crianças enfermas povoando
os salões dos meus palácios abandonados;
Toma-me de repente um presságio de sombras que o sol do
crepúsculo projeta no deserto;
de um vento que chega furtivo
com o anoitecer trazendo a peste em suas asas,
de lareiras sem lume em pleno

Do que talvez houvesse no escrínio

¹¹ Um quadro de Ives Tanguy se intitula "O Sol em seu escrínio".

inverno quando cai a geada nos montes...
 Dos quartos antigos vem um inevitável rumor de infância ani-
 quilada,
 pássaros congelados no ninho
 e velhas cegas tecendo mortalhas
 para o hospício do serviço público;
 Rodam pelas ruas da cidade nessa madrugada de assassinos
 uma carruagem levando leprosos
 para o exílio nos pântanos e loucos para habitarem os
 navios naufragados
 enquanto num carro fúnebre uma
 noiva muito jovem, ainda com o vestido branco de seu
 casamento, leva o noivo para ser enterrado ao raiar
 da aurora —
 estará sozinha
 pois o coveiro partiu no dia ante-
 rior transportando num carrinho de mão a ossada da
 filha morta na infância, no último inverno...
 Assombra-me tua voz momentânea quando sei que morreste há
 muitos anos,
 tua presença morna se teu corpo
 apodreceu num caixão comum no começo do século
 passado,
 teu olhar baço que merejava san-
 gue e pus enquanto moscas voavam sobre tua boca
 aberta na manhã de teu suicídio;
 Entristece-me o alarido dos homens que se esquecem de viver
 para contar o próprio dinheiro no recesso de seus po-
 rões;
 o som das sirenes que levam do-
 entes aos hospitais;
 a música que toca na sala vazia
 onde foi velado anteontem um defunto, de quem hoje
 já quase ninguém se lembra;
 Aterra-me o cão que uiva para a janela da moça que o pai vio-
 lou em certo dia de outono, há muitos anos (pobre
 cão, pensa que a lua está ali, atrás da vidraça ilumi-
 nada),
 o cavalo que passa num galope
 veloz e desaparece noite adentro cavalgado por uma
 sombra;
 e também o pássaro empalhado

de olhos de vidro, com suas asas abertas para um vôo
que não se alçará;
Perco-me de mim no entreato de uma peça que conta histórias
alegres, pois sei que são apenas histórias,
que tudo não passa de uma bur-
la, o trágico ludíbrio de acreditarmos nelas;
E por fim adormeço a razão,
cubro-me de farrapos
e prostro-me no pó,
como faziam os antigos em sua
dor e arrependimento.

- 86° -

Quem está gritando assim, lá dentro?
Shhhhhh... escuta!...

(apenas um sussurro)

Será grito ou música?
Canto ou gemido?
Alguém gritou na casa às escuras
ou foi só a ventania
assoviando nos beirais
e na ponta das estacas?

- 87° -

Talvez um dia voltemos a nossa ravina,
E se voltarmos...
Mas com que corpo voltaríamos?
Pois se lá chegássemos com nossos pés sujos da terra do cami-
nho e nossos vestidos manchados da lama dos pânta-
nos, nossas almas com o sinal de tantas pisaduras,
Não seríamos reconhecidos.
Vagaríamos de um lado para outro feito sonâmbulos
Naquela terra estranha que no entanto um dia foi nossa ravina,
Nossa casa,
E não encontraríamos nossa gente,
Pois, por sua vez, todos também teriam ido embora,
Como nós
Arrastariam seus corpos e seu espanto através de alguma cida-
de medonha
Com suas torres,

Do regresso a
nossa ravina

seus palácios
e seus cemitérios,
E como nós estaríamos abismados e incrédulos,
E ainda sem compreender que poder foi esse que conseguiu
arrancá-los de lá, de onde conheciam a paz, para ar-
rojá-los em pleno inferno.

Como nós,
Talvez também pensassem em voltar.

Mas nós,
Nós estaríamos outra vez ali
Para onde voltáramos tão diferentes,
E tudo estaria também diferente: já não seriam os nossos cam-
pos, nossa ravina, nossa casa, mas um lugar que mal
reconheceríamos, povoado por uma gente que não se
lembraria daquele tempo e para quem seríamos estra-
nhos.

Teríamos ido ali só para descobrir que estávamos perdidos,
Que não tínhamos uma segura direção,
Não havia um lugar que uma vez ainda chamássemos nosso.

Então fechamos os olhos.
O que tivemos ainda existe,
Porém intocável,
invisível,
Dentro de nossos corações e de nossa lembrança.

O resto
É apenas um labirinto
Em cujos corredores nos perderemos sempre mais.

- 88º -

Eu partira da casa dos antigos numa época sem vestígio no
calendário nem ruídos de pêndula, e quando voltei vi
que haviam deixado um delicado escrínio sobre a me-
sa, mas nenhum bilhete, testamento ou memória: ape-
nas um grito preservado entre as paredes, um grito
que ouvi com os ouvidos da alma, se alma eu tenho;
mas se não tenho, com que ouvidos o ouvi, senão com
o torpor de uma recordação desbotada pelos anos?
Poderia descrever, como quem conta uma fábula, as muitas ci-

De onde se encon-
tra o que foi per-
dido

dades que conheci levando comigo a solidão dos desesperados, o frio dos mortos na palma das mãos; poderia falar do mundo como de minha própria casa, pois se não tive casa tive o mundo, o que acaba sendo o mesmo, menos um telhado sobre a cabeça, e é certo que se falasse dos veleiros de cujos tombadilhos desejei atirar-me nas águas não me acreditariam. Calo, no entanto, minhas aventuras, pois decerto a mais estranha e dolorosa ainda me esperava na sala quieta da casa dos antigos...

...O escrínio sobre a mesa na casa silenciosa
Que era o próprio escrínio dentro dela.

Baixei outra vez a delicada tampa de ébano e girei a chave, que ficou ali mesmo, na fechadura minúscula, e depois saí fechando também a casa e eis que outra vez me vi na rua, na estrada para todos os lugares, e todos os lugares esperavam por mim mas nenhum me acolheria como a um filho, como àquele que regressa e é amado, e sim como a um estranho que chega com seu dinheiro, seu cansaço e a poeira acumulada dos caminhos.

De como é inútil o
regresso

- 89º -

À beira do poço estão a corda e o balde,
E a abertura do poço é uma porta para outro inferno.

À beira do poço
Como que para atirar-se nele
A dama vestida de púrpura
É aquela que volta para mim a face que não possui
Quando falo com ela
E o nevoeiro descobre momentaneamente a lua;
E a face da lua
É a face da mulher que não possui face à beira do poço:
Esta meia-noite vagarosa e fria
É como a dor que alguém sentisse na alma,
Mas num tempo outro daquele em que vive.
A dama de púrpura é tão só um devaneio,
Donzela desonrada,

Da mulher sem
rosto

Vestido antigo posto a secar na ponta dum pau
 Que alguém fincou abaixo, no vargado,
 E que fica, feito bandeira na ventania, dando pra lá e pra cá...
 Deixo então o balde descer para o fundo,
 A roldana chia,
 esse ferro sem azeite que lubrifique o eixo
 range e chia nesta hora inexplicável que relógio nenhum
 registra;
 Retesa-se a corda
 E a impressão que faz é a de que, ao puxar,
 Não trarei para cima um balde com água fresca
 Mas o corpo d'algum enforcado.
 E quando puxo a corda
 É o balde que vem
 E que apóio na pedra da beirada,
 E é só água pura e fresca que contém...

*“E a criança morta
 cujos ossos esperam no fundo
 para serem sepultados?”*

Voz súbita?
 Eu me viro, mas estou só com a minha sombra.
 (Voz súbita não diria frase tão longa, mas o pensamento sim, e
 então eu me dou conta de que estivera pensando no
 filho que não tive, ou que ainda terei, ou que nem
 chegarei a ter, essa criança que passeia sozinha e cho-
 ra nos desertos de algum planeta longínquo...)

F L A P ! F L A P !

(o vestido púrpura ao vento
 na ponta duma estaca fincada no vargado)

Para onde foi aquela que noutra época o vestiu em uma noite
 de baile?

- 90° -

Sonho o convés de um navio em que não viajei,
 O pátio de uma prisão onde não estive,
 A alcova de uma prostituta que era a irmã que eu desejara ter.
 O navio não sei qual seja,



A prisão ignoro onde fica,
Minha irmã —

não sei que caixãozinho branco a levaria ao cemitério
se tivesse nascido, e, nascendo, se morresse tísica ain-
da pequenina.

Penso se a vida só é feita dessas coisas comuns e cotidianas que
aos poucos vamos vivendo e deixando para trás, nes-
se bosque silencioso de árvores altas onde é sempre
outono, as regiões umbrosas do esquecimento,

Ou se também é feita de todos os acontecimentos que não vi-
vemos e que, da mesma forma, vão ficando para trás,
como miudezas inúteis que as pessoas atiram pela ja-
nela do trem que passa;

Decerto viver é uma mistura,
Um entrelaçamento de ambas
Pois uma sem a outra não seria a mesma,
Mas uma terceira vida,
Diferente a tal ponto que não seria eu a vivê-la, mas um outro,
estranho, que não imagino quem pudesse ser.

Assim, o navio em cujo convés não viajei faz parte de minha
experiência de viagem,

A prisão onde não estive e em cujo pátio não passei a tomar
sol é um lugar onde fui preso ao avesso de estar preso
em algum lugar,

E a prostituta cuja alcova não visitei
É aquela que me deu um prazer que não senti, e morreu na in-
fância, e era minha irmã sem que minha mãe tivesse
outros filhos além de mim.

A compreensão dessas coisas traduz-se na maneira natural com
que se vê o mundo,

No mapa de uma terra não visitada, da qual, entretanto, guar-
damos certa lembrança, muito vaga...

...uma janela pintada de azul com cortinas
brancas e um aceno a distância
mão como asa de pássaro
e um sorriso que o tempo não possa atingir
aquarela que uma criança tenha pintado
canto agônico de um corvo na intensidade
do meio-dia em que o sol arde

De como é feita a
vida

Da compreensão

Do que há na
terra estranha

um bastidor esquecido sobre a cômoda com
um bordado incompleto

um retrato antigo e amarelado em que os
retratados são estranhos que nos olham de lá como a
perguntar por que estão presos nos liames do tempo

um jardim com canteiros que uma mulher
solitária cuida e em que as flores miúdas adoecem das
horas longas e murcham

a monótona sucessão dos dias...

Canto X

- 91º -

De como o herói
se perdeu e foi
pranteado pelas
carpideiras

Mas o herói perdeu-se entre as geleiras de ontem
E seu carcás foi encontrado com todas as flechas partidas,
Não nas montanhas
E sim em seu quarto na hospedaria, onde havia passado a úl-
tima noite e de onde partira sem deixar sinal ou aviso,
nem lembrança nem despedida.

As carpideiras que mandamos chamar ululam na praia

— Sacerdotisas que encenam seu ritual de morte —

Enquanto o mar bate contra os rochedos.

(...ondas e ventania...

espumas e fragor...

e a luz de um sol frio na tarde clara e triste...)

Velam

Homens e mulheres de quem se queimaram as retinas com o
ácido dos dias

E o que dizem

[o que murmuram entre um veleiro que passa

E um pedregulho que rola],

pétalas roçando contra um mármore:

— Seria jovem se lhe pudessem contar os anos.

— Oh, mas o seu sono, seu adormecer no fundo de cavernas...

— Sim, com espadas, lâminas cujo fio continha músicas.

— Mas não, trazia uma lança e foi valoroso nas guerras. Por
isso possuía o encantamento dos pássaros.

— Saberíamos, porém, falar dos bons combates em que esteve?

- Talvez não tenha estado em nenhuma guerra, mas se ocupasse em tocar cítara e entoar cânticos profanos no cume dos montes.
- Ou nas tabernas.
- Sim, também nas tabernas e nos bordéis.
- Talvez estar morto agora se deva a isto...
- Ou quem sabe a uma luta muito maior que essas de que ouvimos falar às vezes. Pois embaixo do chão homens invisíveis tocam tambores.
- Creio que não havia ninfas que o acolhessem.
- Guardava uma lembrança de sua terra, talvez um pouco do pó da estrada num frasco...
- ...e também o perfume de sua dama nas vestes...
- ... e flores secas em seu embornal...
- ...sim, mas tardou no caminho e a noite o surpreendeu.
- A noite possui asas, grandes asas como as dos condores.
- A envergadura da noite...
- Não devemos pensar nessas coisas, há sempre uma dor em imaginar a dor alheia, e a dor de quem morre é sempre maior do que a de quem fica.
- Uma elegia, é o que fica em seu lugar.
- Ou um poema.
- Mas sem versos, página em branco...
- ...e sem rimas.
- Ora, vem a ser a mesma coisa, possui cores e cheiros, mas não podemos vê-las ou senti-los.
- Devíamos nos alegrar, mas estamos tristes. Creio ter aprendido que a alegria é uma coisa triste, muito triste, mas cuja tristeza não conseguimos alcançar com nossa insensibilidade, por isso nos rimos quando estamos felizes; por isso, apesar de tudo, amamos o mundo e as coisas que nele há.
- Um quadro...
- Ora, não podemos imaginar um quadro assim.
- Mas há aquele de onde saiu esse que velamos e que na praia, dentre os rochedos, as carpideiras lamentam.
- Um quadro com a figura de uma casa de campo e um jardimzinho defronte, paisagem bastante amena.
- Ah, sim, lembro-me... mas isso foi num tempo em que éramos crianças...
- Sim, num tempo em que ainda não estávamos mortos de frio.

De como o herói
se descuidou

- Porém a tarde ainda vai a meio, e o sol brilha...
- Brilha, mas não nos aquece. Deve ser a proximidade do mar, senti como vem uma brisa úmida às vezes e nos envolve. Chego a ter arrepios.
- Deveríeis agasalhar-vos, se assim é... Podereis adoecer.
- Não, não adoeceremos... ele, aquele que se encontra no es-
quife de vidro...
- ...ou de gelo...
- Sim, ou de gelo... ele encontra-se enfermo, e sua enfermi-
dade não tem cura.
- Como a donzela das primícias, que também deve estar do-
entinha. Pelo menos dá ares de doente...
- Fala dessa menina recolhida ao canto da varanda? Não tem
enfermidade alguma e, contudo, é verdade, não goza
de boa saúde. É saudável, mas vede que esverdinha-
das suas feições e que olheiras possui, conquanto pa-
reça forte.
- Parece rija, sim, mas é tão magrinha!...
- Os cabelos dela lembram aquela que o herói cantou em seus
versos e a quem se encomendava durante as refre-
gas...
- Ou de quem se lembrava em suas canções.
- Mas é ela, é ela mesma. Então não o sabíeis?
- Como poderíamos sabê-lo? Parece tão jovem...
- Apaixonaram-se quando ela contava nove anos; ela, que aos
dez se deitou com ele, mas era ainda muito nova para
conceber. Isso aconteceu uma noite antes que ele par-
tisse...
- Na noite em que ela despira seu vestido na praia e ele vela-
va suas armas à beira dum poço. O vento dava no
vestido preso na ponta de uma estaca, flap! flap!...
- Deve ter sido naquele quarto de hospedaria...
- Não, vós vos enganais, foi nos salões subterrâneos de um
palácio encantado nas regiões geladas do norte, na-
quela terra de auroras boreais e espíritos perdidos.
- Lembro-me de ter ocorrido um eclipse naquela noite.
- Não podeis lembrar-vos, faz muito tempo!
- Oh, sim, mas eu me lembro... pela madrugada choveu, e
caiu granizo. De manhã os campos estavam brancos
de geada.
- É possível que tenha sido assim... não duvido, pois quando
ele partiu tudo ficou mais triste e sombrio.

- De que cor seriam os olhos dela? Vós saberíeis dizer?
- Cor de ausência, se soubéssemos onde se encontra, pois a verdade é que ela também partiu há muito tempo, ninguém sabe ao certo quando, e tampouco quando irá regressar.
- Sim, partiu... a que fica encolhida no canto da varanda é apenas a lembrança dela, uma espécie de sombra...
- As meninas que perdem a virgindade tão cedo não regressam nunca.
- Oh, Deus, que coisa triste estais a dizer! Porém são verdadeiras vossas palavras: não há favos de mel pelo caminho, nem ninhos de pássaros nas moitas, nem amoras silvestres...
- Seria da cor do suco das amoras silvestres...
- E manchou o lençol, ainda guardado no baú pelos mais velhos. O lençol era de um linho muito alvo, hoje porém amarelado pelo tempo, e não se pode lavar.
- Não, nem penseis nisso! Algo de então deve preservar-se, para o caso de ela não retornar, ou tardar tanto que quando chegue reste de nós apenas um punhadinho de pó na terra, que o vento espalha...
- Alguns de nós deveriam retomar as orações. Conforta-nos a alma, qualquer prece é reconfortante.
- Esse uivo ao longe é uma oração.
- O pulsar de nossos corações também, e o estarmos aqui...
- Oh, mas falo de uma Ave-Maria apenas, ou um Padre-Nosso, coisas tão somente singelas assim...
- Alguém deveria levantar a tampa do esquife e olhar para ele mais uma vez antes que o sol descambe. No escuro da noite não o poderemos ver, não haverá lua e tampouco teremos velas ou lamparinas.
- O que foi feito das que guardávamos na despensa?
- Não guardamos nenhuma. Sempre nos levantávamos ao amanhecer, e nunca nos recolhíamos depois de ter anoitecido.
- Lembro-me tão pouco dos nossos costumes antigos.
- Devíeis lembrar-vos: ficávamos muitas vezes deitados no escuro conversando, lasso o corpo todo duma preguiça amena, e dançávamos no quintal quando era lua cheia.
- Podíamos dançar tranquilos. Ele velava por nós então, longe, nos campos de batalha.

Das orações

- Sim, em defesa de nossas terras e de nossas casas e de nossos filhos e de todas as nossas pequenas coisas...
- Fazia-nos adormecer com sua música.
- E que fizemos nós por ele? O que podemos fazer, além de derramar alguma insuficiente lágrima?
- Não será insuficiente se for sincera, e quanto ao que fazemos...
- Sim, quanto ao que fazemos...
- ...velar seu cadáver, sepultá-lo ao amanhecer...
- ...não importa, fazemos apenas o que nos é possível. Mais não nos seria solicitado, mais não teríamos para oferecer, a não ser nosso sangue.
- Pois ofereçamo-lo, derramemo-lo também nós, para que sejamos como ele, pelo menos uma vez sejamos como ele.
- Não podemos, somos fracos, meros camponeses sem instrução.
- Tende razão: somos pequenos, e devemos contentar-nos com ser pequenos, pois há grandeza nisso.
- Em muita coisa há grandeza, mas não nisso, não o posso aceitar.
- E por que não podeis aceitar uma verdade tão simples e direta?
- Pois se assim fosse seríamos como ele...
- E o somos de fato, mas de uma outra forma.
- Então não deveríamos estar aqui.
- Oh, mas sim! Vós não percebeis: é na grandeza de sermos humildes que o sabemos maior que nós e por isso estamos aqui, por isso devemos estar aqui e esperar pela noite.
- O sol principia a descer detrás dos montes, vede como as sombras se alongam...
- Sim, vede... vede principalmente aquela sombra na praia... deve ser de algum cabeça ou ponta de alguma rocha...
- Não é uma sombra, parece-me mais uma ameaça...
- Alonga-se em nossa direção feito uma lança...
- ...ou um dedo acusador.
- Avança para nós, mas não vos preocupeis: deve ser a noite que chega mais cedo.
- É como a sombra de um cavaleiro armado, mas não vejo cavaleiro algum.

Do perigo que
ronda

- Lembro-me de Rapunzel...
- Por que vos lembrais de repente dessa lenda infantil?
- Porque as tranças dela poderiam atar esse cavaleiro que não vemos mas que caminha para nós.
- Mas Rapunzel não é apenas uma lenda infantil: ela, a menina que partiu, ela é Rapunzel.
- E está morta...
- Morta. Pobre menina, morreu longe de seu lar e de sua família.
- Talvez tenha morrido sozinha.
- Morreu por ele, morreu em algum lugar à sua procura, pois queria deitar-se com ele mais uma vez para conceber, agora que tinha quinze anos e já era uma mulher, mas sua viagem foi em vão...
- Uma idéia se passa por minha cabeça, de súbito... uma idéia confusa, algo que não entendo...
- E o que será? Não podeis nos dizer?
- Suspeito de que o caixão que velamos está vazio.
- O caixão de vidro?
- ...ou de gelo...
- Sim, ou de gelo... vazio? E por que pensais assim?
- Sim, porque pensais assim? Não ouve o ulular das carpideiras? É bem verdade que cada vez mais longínquo, mas ainda o podemos ouvir...
- Porque o caixão é aquele de cada um de nós, e nós ainda estamos aqui.
- Oh, o que dizeis! Que enormidade proferis! Não vedes que nos assustais com essas palavras?
- Ora, então não teria havido nenhum herói? É isso o que quereis dizer?
- O que quero dizer é que a sombra que avança contra nós como um cavaleiro armado se chama Verdade, e é tão só uma outra face da Mentira.
- Ora, vede o que fizestes: todos agora querem escutar-vos e se acercam em confusão, sem compreender o que se passa!
- Se fôssemos olhar agora o caixão, cada um de nós veria sua própria face naquele corpo que ali jaz.
- E Rapunzel? Quem foi Rapunzel?
- A menina ou o menino que cada um de nós destruiu.
- Um veleiro que passa no horizonte sem seu timoneiro.
- Um carroção que se perdeu da caravana no deserto...

De como estivemos enganados e sempre sozinhos

- ...pois se até a própria caravana se perdeu!
- Talvez se a trouxéssemos de volta... a menina...
- Se a fôssemos buscar aonde estivesse...!
- Se a arrebatássemos dos dragões...!
- Não podemos trazer de volta a cor que a escuridão apagou...
- ...ou a música que silenciou no alaúde partido.
- E o herói? Aquele que nos defendeu do inimigo...
- ...ou cantou entre os cedros no alto da montanha...
- ...quem foi?
- Não houve herói, sempre estivemos sós.
- Oh, que tristes palavras pronunciais! Arrancam nossas lágrimas do mais fundo de nós mesmos: vede, cada um de nós se curva à dor do que proferis e chora!
- Inútil é chorar, no entanto, pois a noite se aproxima e logo estaremos mergulhados na escuridão.
- Sim, o sol acabou de desaparecer atrás dos montes.
- O céu começa a escurecer...
- Já não vejo direito a praia, e a sombra do cavaleiro armado parece que nos envolveu a todos sem que nos déssemos conta...
- ...nem nos defendêssomos.
- Não poderíamos fazê-lo nem que quiséssemos ou tivéssemos tido oportunidade.
- O caixão já não está bem visível.
- As carpideiras não choram mais.
- Somente escutamos o mar e sentimos o frio que vem dele.
- E já não conseguimos enxergar direito uns aos outros.
- Estaremos todos perdidos? Oh, Deus não o permita...
- Deus não nos ouve, não nos ouvirá nunca.
- Não, não pode ser verdade.
- Sim, é verdade, pois Deus não ouvir-nos é que é não ter havido nunca um guerreiro.
- Sim, Deus não ouvir-nos é que é essa noite medonha em que desaparecemos...
- ...e em que continuaremos velando um caixão vazio.

(...ondas arrebatando contra as rochas
 e um vento a sacudir o arvoredor...
 o oceano e a dor são um só
 e um pássaro canta no escuro
 enquanto não bate a meia-noite)

- 92º -

Debruçar-se à janela
Como se debruça a criança à beira do poço onde irá cair;
Espiar a gente que passa
Feito quem vigia um suicida;
Distrair-se com o movimento da rua
Como quem morre ao crepúsculo.

Os palácios estão desertos,
A torre vazia de princesas condenadas e, nos calabouços, na
caveira dos prisioneiros cresce um bolor feito um ca-
belo.

Cavaleiros não mais sobem as escadarias
E as damas, no salão de festas, já não dançam, não passeiam
por ali seus toucados, seus vestidos de seda.

Na sala de armas

Os troféus são essas miudezas prosaicas de estar vivo que a
gente pequena e apagada vai colecionando, como
quem dependura, de pregos enfiados pelas paredes,
fotografias recortadas da folhinha ou de revistas ve-
lhas.

Excalibur, onde encontrá-la?

Da espada sagra-
da

Choveu ontem e anteontem,
Mas na minha lembrança.
Havia lama nas estradas,
Em eu lembrar-me de estradas e caminhos,
E deparei ali o rastro que deixei ao regressar de um lugar onde
estive, mas durante uma vida que não foi minha.

Fez frio à noite

Como qualquer coisa sólida — pedregulhos ou granizo —
tombando no escuro, entre as árvores do jardim.

A voz com que se ouvia cantar a donzela de todas as primícias
Soava como vemos essas manuscrituras antigas, que nos fasci-
nam mais pela elegância de seus floreios do que pelo
que foi escrito,

Pois não são poemas nem romances de amor,

Tampouco de aventuras,

Mas às vezes o prosaico de umas cartas

ou de algum testamento,

uns registros de casa e família



ou mesmo uma lista de **deve** e **ha-**

ver;

E a recordação de tu passares defronte às vidraças

É uma arca medieval,

Um baú onde as velhas guardam roupas fora de uso e enxovais

embolorados de noivas que não se casaram,

de meninas que preservaram sua virgindade num ataúde de carvalho.

Quem será essa criança de olhos grandes e interrogativos

Que aparece vez por outra entre a vigília e o sono

E, olhando para mim, chora?

- 93° -

Dia

De cores móveis e intensa claridade a nos lembrar a alegria de
estar aqui,

Fala-nos do contentamento que há no sonoro balouçar das
folhagens no bosque

E na felicidade que rebrilha no rosto dos que não choram...

Dia

De multicolorida luz no jardim

Onde

Girassóis alçam vôo

E no arco-íris das borboletas há néctar.

Pássaros desabrocham

— mariposas ao sol —

Asas,

Penas,

Plumas,

Pétalas,

No ar seu rastro um risco luminoso e nas retinas uma impressão
são veloz...

Os heróis repousam,

Esquece-se a espada do guerreiro com suas inscrições douradas

E o dia avança

— o tempo avança —

No fio da lâmina,

Na asa do condor
sobre as brancas cordilheiras geladas.

- 94º -

...Passeio à meia-noite em que vejo coisas que minha imagina-
ção vai criando enquanto os minutos e meus passos
avançam...

o mastro frouxo defronte a um prédio público
onde se hasteava uma bandeira

D. Quixote a investir
— imóvel assalto
golpe congelado no tempo —
contra

algum gigante de sua fantasia
e o tonel largado a um canto da calçada
um Sancho Pança tardo e obtuso
o antigo depósito com suas janelas altas que-
bradas

não o antigo depósito
porém uma torre de onde uma Rapunzel decré-
pita (Dulcinéia esquecida em El Toboso) me atira su-
as tranças

e pelo meio da rua súbito avança um cavalo es-
qualido cheirando o calçamento

não
por certo não Rocinante
mas uma visagem nesta cidade em ruínas que
minha imaginação enferma vai urdindo
da febre vai tirando-a
que ela não existe
e desfaz-se no ar o cavalo assombrado
nuvem de fumo que se evola

De como se reen-
contra Rapunzel

Até quando seguirei entre a falácia do delírio e o engano da
realidade?

O mundo que conheci noutros tempos desmoronou-se, entulho
onde procuro uns restos reconhecíveis de eu ter vivido
nele,

E talvez encontre as dentaduras da avó,



O retrato de um menino que eu nunca fui,
Uma caixinha de música,
A descrição de uma história da qual terei sido personagem por
acaso.

No mais, as lâmpadas da madrugada
Com sua luz insuficiente
Persistirão no engano que aos meus olhos tecem das coisas...

Quando amanhecer,
Quando se fizer dia nessa época em que dia adentro a noite
permanece incrustada,
Fecharei os olhos para dormir
E acordar para uma época diversa desta em que vivo
Enquanto o mundo à minha volta se dissolve de mim num
murmúrio longínquo...

- 95° -

“Já desde Dã se ouve o resfolegar dos seus cavalos, toda
a terra treme ao som dos rínchos dos seus fortes; e vêm, e
devoram a terra e sua abundância, a cidade e os que ha-
bitam nela.”

(Jeremias, cap. 8 vers.16)

Campo — a verdura das montanhas
Ou dos prados,
E a brisa que prediz a primavera.
Curva-se
Da relva
A haste, com a viração:
Balouçam os juncos na lagoa
E o sol cintila nas águas — olhos de donzela.
O pendão vinho do capim gordura

ondula

Onde se afundam as reses,
E na encosta
Tremulam as árvores esparsas.

Sol de meio-dia.
Descem o outeiro as pastoras
E suas cabras
Rumo à fonte;
Riem entre si enquanto separam seus rebanhos
E divergem de caminho.

Do pastoreio

Gil Cleber

Na cabana

Não aquele que empunha o gládio,

Mas a enxada:

cochila o lavrador sua sesta — que uma única
batalha travou, e foi contra o chão, que o de-comer
lhe propícia: mas não sem alagar a fronte
e a face,
por isso descansa.

Ir à aldeia comprar mantimentos,

essa a sua viagem, sua aventura — sem ma-
res encapelados e desertos traiçoeiros;

Alimentar o filho que a esposa lhe gerou,

E vê-lo crescer,

como ele, forte, e homem,

eis

(não tintas de sangue suas mãos)

o seu feito de herói.

Da verdadeira
batalha

- 96° -

Que o homem permanece de pé na encruzilhada entre ser

e não-ser.

Tem as mãos vazias?

Seu coração, um poço.

Os olhos, interrogações

Ante as quais

alta colina.

(Um Morro da Caveira?

g ó l g o t a

Quem foi crucificado ali?)

É preciso subir a encosta...

Crucificação

Ouçamos a música do tempo:

Grandes engrenagens invisíveis giram

Fazendo mover as esferas do mundo.

Não há heróis nem viagens plausíveis

Neste ponto imóvel onde paramos,

E onde também permanecemos estáticos,

Não há esperança

Nem glória:

Apenas vaidade

E um sentimento irremediável de queda.



- 97º -

Os espaços oceânicos são um deserto inconsútil
 Para onde, amplos portais, levo anjos e deuses esquecidos,
 Meus brinquedos quebrados, soldadinhos de chumbo perdidos,
 Assombros de uma Terra do Nunca que sucumbiu aos dias.

Uma permanência de impérios despropositada e inútil
 Esse jardim erguido no lodo dos mármore antigos;
 Por ali erra ao luar um herói carregando consigo
 O esquecimento de jaspes rubros e de pérolas frias.

Da visita do anjo

Uma janela se abriu para um caminho entre altas árvores
 Onde o Anjo da Morte passou arrastando seu sudário,
 Indiferente e tranqüilo em seu exercício solitário.

Abriu-se a janela, e por o lodo que esverdinha os mármore
 Uma sombra projetada pela irônica lua cheia
 Será herói ou caveira triste que ao relento passeia?

- 98º -De como regressa
de sua viagem a
caravana

E então passa de volta a caravana despedaçada,
 Os viajantes envelhecidos e rotos,
 Poucos,
 Que muitos foram largando seus ossos pelo caminho
 Sem encontrar o fim do mundo.
 Passa noutro rumo,
 De volta,
 A caravana em frangalhos,
 Uma trupe de doidos
 [eu na colina vendo-a passar]:
 Lá vão,

desiludidos e infelizes arrastando farrapos
 (um velho cachorro em seu encalço farejando sobe-
 jos de sua miséria),
 mas sem outro caminho além da rota de perdição e
 loucura que há muito tempo escolheram;

Lá vão,

De onde fica o fim
do mundo

sem compreender que o fim do mundo ou não está
 em lugar algum, ou está sempre sob seus próprios
 pés, escondido, como sua sombra ao meio-dia.

- 99º -

Que terá sido feito das grandes viagens,
Dos atos heróicos,
Das fragorosas batalhas?

Velas rotas batidas pela ventania,
Lendas esquecidas em pergaminhos medievos,
Aventuras que a tradição vai, tempo afora, trans-
formando em mentiras...

Veleiros?

Barcos de papel na enxurrada, meninos de pés
descalços os argonautas, espadas de madeira na mão
dos heróis de faz-de-conta.

De como se reco-
nhece a verdade

As grandes viagens são esses amanheceres cotidianos e iguais,
essa calma de mar sem vento nem ondas nas horas
entre o despertar e o anoitecer, esse adormecer de
tarde modorrenta, os olhos sonhadores e um pouco
tristes espiaando para longe como para um futuro im-
provável...

Não, não há feitos heróicos, pois não passam de um erro de
entendimento; nada é grande ou vale a pena a ponto
de ser chamado "heróico", pois os heróis estão nas
páginas das epopéias, na imaginação dos poetas ce-
gos, enquanto no mundo anda somente a gente co-
mum, um tanto medíocre, e que é justamente a que
compõe a substância da humanidade, e nenhum hero-
ísmo, nobreza alguma há nisso, nessa sordidez sem
remédio.

Não há batalhas verdadeiramente sangrentas, pois de que ser-
ve o sangue do homem — mesmo quando corre inu-
tilmente?

Que despautério tudo isso: a grande aventura de haver a hu-
manidade não mais que o divertimento sombrio de al-
gum deus maldoso, e de mau gosto, pois o que há de
maior mau gosto do que transitar pelo mundo essa
criatura que se faz tão grande coisa e não passa de
um cântaro de barro cheio de podridão?

Ah,

os que pensam cavalgar nas nuvens e só afundam na
merda;



Da vanglória

os que elaboram filosofias como grandes verdades e só se
enredam em burlas à razão;
os que celebram seu futuro, quando não tiveram sequer o
logro de um passado;
os que pretendem encher o mundo, e não enchem sequer
um pires com um punhado de pó!...

Que patético engano!

Por que, então, enfrentar o mar encapelado, a lança do inimi-
go, os malefícios dos necromantes,
e fingir de herói?

Melhor é recolher-nos para um canto
e esquecer...

- 100º -

Pois pelas frestas da janela
A noite espreita,
Através das vidraças escuras
Vigia-nos com olhos de ventania;
Mas na cozinha onde crepita a lenha no fogo
A claridade da lamparina nos torna mais nítidos,
E estamos seguros e serenos
Mesmo se algum passo no salão nos faz erguer a cabeça,
Ou algum uivo lá fora, feito um lamento.
— Haverá lobisomens soltos na estrada?

Um pio de coruja atesta nossa resistência à razão.
Continuemos, pois, sentados à volta do fogão a lenha,
Escutemos o vendaval,
Suas rajadas de frio
E o arvoredo bracejando,
E estejamos quietos
Como estátuas de cera.

Fora tempo de viajar,
Tempo antigo,
Na época dos veleiros,
Quando havia veleiros e mares,
E mais que tudo: marujos dispostos a arrojarem-se.
Hoje, porém, é tempo de recolher-se,
Aquietar-se:

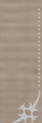


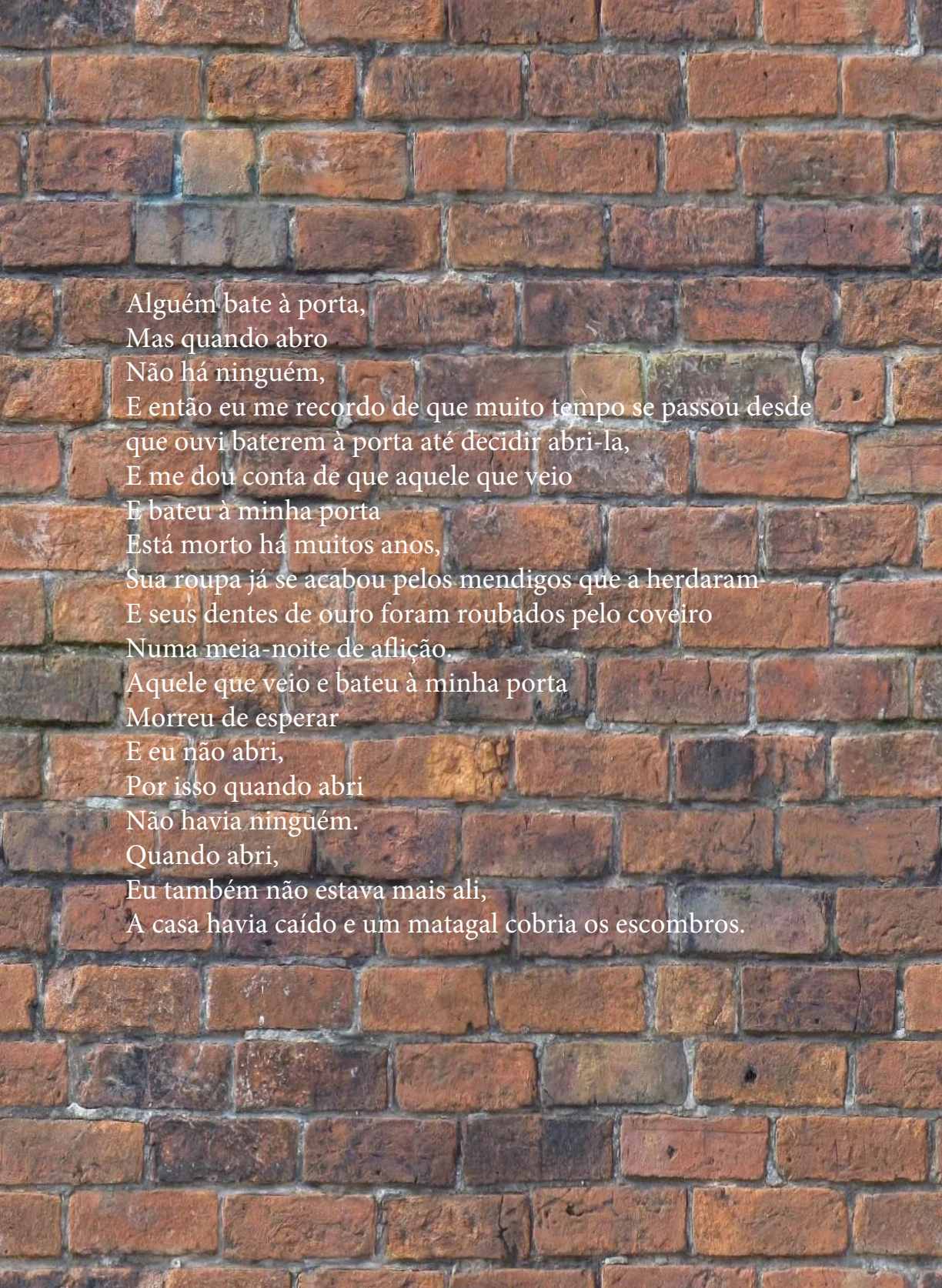
Gil Cleber

Os veleiros naufragaram,
Todos os dias naufragam;
E ao secarem, os mares revelam seus escombros nus e apodre-
cidos como ossaturas de feras pré-históricas
Meio submersas na lama do fundo.
Quanto aos marujos,
Deles restam umas caveiras muito brancas
Em algum lodaçal,
Mas onde?, que eles se foram sem deixar pegadas —
Marujos sempre partem sem deixar pegadas,
Sem deixar pista de seu rumo
Pois marujos não têm rumo nem pátria, nem família nem lar
E o que fica deles
É tão só uma semente bastarda no ventre de alguma mulher
pobre junto ao cais.

Sim, fora época de viajar
— Antes, ontem, quando? —,
Enfrentar desertos e oceanos
E não esmorecer à fadiga...
Hoje porém é tempo de fechar os olhos,
Esquecer,
Dormir.

Dos tempos que
correm e o que
podemos, deve-
mos ou nos resta a
fazer





Alguém bate à porta,
Mas quando abro
Não há ninguém,
E então eu me recordo de que muito tempo se passou desde
que ouvi baterem à porta até decidir abri-la,
E me dou conta de que aquele que veio
E bateu à minha porta
Está morto há muitos anos,
Sua roupa já se acabou pelos mendigos que a herdaram
E seus dentes de ouro foram roubados pelo coveiro
Numa meia-noite de aflição.
Aquele que veio e bateu à minha porta
Morreu de esperar
E eu não abri,
Por isso quando abri
Não havia ninguém.
Quando abri,
Eu também não estava mais ali,
A casa havia caído e um matagal cobria os escombros.